



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
***CAMPUS CHAPECÓ/SC***  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS (PPGEL)**  
**MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**MAYARA ZAVALSKI FIORI**

**GRANDES NAVEGAÇÕES PELOS CLÍTICOS E PELAS INTERPOLAÇÕES: O**  
**PORTUGUÊS QUINHENTISTA UTILIZADO NAS CARTAS DAS MISSÕES**  
**JESUÍTICAS PARA A ÁSIA ORIENTAL**

**CHAPECÓ**  
**2024**

**MAYARA ZAVALSKI FIORI**

**GRANDES NAVEGAÇÕES PELOS CLÍTICOS E PELAS INTERPOLAÇÕES: O  
PORTUGUÊS QUINHENTISTA UTILIZADO NAS CARTAS DAS MISSÕES  
JESUÍTICAS PARA A ÁSIA ORIENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aline Peixoto Gravina.

**CHAPECÓ  
2024**

## UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rodovia SC 484, Km 02 - Bairro Fronteira Sul,

Chapecó - SC

Caixa Postal 181

CEP 89815-899

### FICHA CATALOGRÁFICA

#### Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Fiori, Mayara Zavaliski  
GRANDES NAVEGAÇÕES PELOS CLÍTICOS E PELAS  
INTERPOLAÇÕES:: O PORTUGUÊS QUINHENTISTA UTILIZADO NAS  
CARTAS DAS MISSÕES JESUÍTICAS PARA A ÁSIA ORIENTAL /  
Mayara Zavaliski Fiori. -- 2024.  
97 f.

Orientadora: Dra. Aline Peixoto Gravina

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da  
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos  
Linguísticos, Chapecó, SC, 2024.

1. Pronomes Clíticos. 2. Interpolação. 3. Gramática  
Gerativa. 4. Linguística Histórica. I. Gravina, Aline  
Peixoto, orient. II. Universidade Federal da Fronteira  
Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Mayara Zavalski Fiori**

**GRANDES NAVEGAÇÕES PELOS CLÍTICOS E PELAS INTERPOLAÇÕES: O  
PORTUGUÊS QUINHENTISTA UTILIZADO NAS CARTAS DAS MISSÕES  
JESUÍTICAS PARA A ÁSIA ORIENTAL**

Trabalho de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul como requisito parcial para obtenção do título de mestre em estudos linguísticos.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca examinadora em 13/08/2024.

**BANCA EXAMINADORA**



**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Peixoto Gravina** - Presidente da banca e orientadora (UFFS)



**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ani Carla Marchesan** - membro interno (UFFS)



**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristiane dos Santos Namiuti** - membro externo (UESB)

*Dedico este trabalho ao meu avô, que três meses após comemorar comigo a aprovação neste mestrado, partiu deste mundo carnal, deixando um vazio tão grande que nem mesmo as 370 mil palavras catalogadas na língua portuguesa são suficientes para expressar a falta que faz.*

## AGRADECIMENTOS

Sempre inicio os meus dias agradecendo a Deus diariamente, pela vida, por ser quem eu sou e por ocupar os lugares os quais ocupo. Com este trabalho não seria diferente, agradeço a Ele por ter me guiado em todas as etapas, desde a aprovação no processo seletivo até a fase final, senti a Tua presença em tudo.

É impossível não lembrar que quando finalizei a graduação, em junho de 2022, uma das opções era voltar para a cidade onde mora minha família, e meu avô, certamente, era o mais animado com isso. Porém, a opção não se concretizou, já que os planos do mestrado já estavam ganhando forma. A aprovação aconteceu, e meu avô não entendia muito bem como funcionava, então, utilizei de todas as estratégias didáticas para explicar do que se tratava. Depois disso, cheio de orgulho ele falava que sua neta era professora e que fazia mestrado. Mas, em novembro de 2022, poucos meses após a aprovação, meu avô teve a tranquilidade de fazer a sua morada ao lado de Deus, coincidentemente no dia de finados. Portanto, meu agradecimento em especial nesta dissertação é destinada a ti, Osvaldo Zavaliski, que mesmo sentindo falta da sua modesta neta preferida, ainda incentivava a continuar os estudos, mesmo sem entender muito bem como funcionava, mesmo com saudades, mesmo preocupado com a minha solidão morando sozinha. Eu tenho a certeza que foi através dele que tive forças para chegar até aqui, então, meu vôzinho, muito obrigada por tudo, em vida e além dela também.

Agradeço também as duas principais mulheres da minha vida, minha mãe Salete e minha avó Maria Rosa, dois exemplos de garra, força, honestidade e coragem, que muitas vezes guardavam suas próprias dores no bolso para me apoiarem em minhas decisões. Além delas, sou grata a todo o suporte que meus padrinhos me proporcionaram também, o famoso “tio Zé” e a madrinha Adriana, que além do elo sanguíneo que nos une, servem de acalento e inspiração como seres humanos. A vocês quatro, obrigada por serem quem são, vocês são a minha base e o motivo pelo qual nunca me permitirei desistir.

Agradeço a toda minha família pela compreensão de minha ausência física em momentos especiais, tais como aniversários, datas comemorativas e almoços de domingo, obrigada por acreditarem em mim e por sempre me incluírem em suas orações: Anderson, Tio Tuto (Luciano), Ana, Tio Vilson, Tia Gorete, Tio Marcelo, Jéssica, meus primos Cleber, Camila, Heloísa, Júlia e Alice, que mesmo pequenininha e sem entender que minhas visitas só acontecem de 3 em 3 meses aprendeu quem é a “prima Malala”.

Agradeço também ao meu namorado Bruno pelo apoio durante todos esses anos de cursinho, graduação e mestrado, pela compreensão nos momentos fora do eixo, pela

companhia e pela disponibilidade de fazer nove horas de viagem entre o RS até SC para se fazer presente ao meu lado. Também agradeço a sua família, principalmente meus sogros Chica e Marcelo, os quais desde a minha adolescência se tornaram pessoas de referência para mim e fazem parte da minha história. O tempo que me dediquei a esta dissertação também era destinado a eles.

Além dos familiares, é imprescindível agradecer a instituição UFFS pela oportunidade de realizar esta pesquisa com bolsa de estudos, e mais ainda, agradecer à minha orientadora, Aline Gravina, que desde 2019 tenho como inspiração de professora, orientadora e como pessoa, pelos conhecimentos passados, pela alegria de viver e também pela capacidade de colocar-se no lugar do outro, tornando o ambiente acadêmico um lugar leve e confortável para se trabalhar. Infinitamente obrigada por todo tempo dedicado a mim e a esta pesquisa.

Agradeço às professoras Cristiane Namiuti e Ani Carla Marchesan, por aceitarem fazer parte desta pesquisa na fase da qualificação e da defesa. Agradeço pelas sugestões, ensinamentos e tempo dedicado para acrescentar na qualidade do meu trabalho. À Cristiane agradeço por seus artigos e pela sua tese de doutorado de enorme relevância, a qual me acompanha desde 2019 quando iniciei as pesquisas no mundo dos pronomes clíticos. E à Ani, ainda agradeço pelos ensinamentos passados nas disciplinas do PPGEL, mas também por ter me direcionado atenção e acolhimento em um momento de luto o qual eu já não tinha mais forças para continuar, lembro-me do seu abraço em meio ao corredor do segundo andar do Bloco A enquanto eu estava aos prantos e levarei esse momento com carinho durante toda minha vida.

Agradeço também às professoras Melissa Bettoni e Mary Neiva Surdi da Luz, pelas disciplinas ministradas e por contribuírem com a minha aprendizagem acadêmica. Professora Melissa pela rica bagagem passada acerca da psicolinguística e pela habilidade de trazer um conteúdo complexo de uma maneira didática e aplicável, que fez eu me apaixonar por essa área. E a professora Mary Neiva pelas sugestões, adequações e tempo disponível para olhar meu trabalho quando ainda era um pré-projeto, e também, pelos momentos que foram além de sala, pelos seus bolos, cafés quentinhos e conversas sobre os desafios da docência.

Agradeço carinhosamente às amigas que fiz no PPGEL: Giovanna Renata, que sem dúvidas era a colega mais animada que tivemos na turma de 2022, sempre com suas ideias extraordinárias de apresentações de trabalho, sua alegria até mesmo nos momentos de desespero e mãe resiliente que jamais desistiu mesmo diante de todas limitações de um puerpério. Eliziane Andolhe (nossa doce “Lizi”), que com a sua maestria de psicóloga sempre foi um ombro amigo, escuta paciente e admiravelmente passava madrugadas dentro de um

ônibus interestadual para frequentar as aulas presenciais. Daiana Zafari, que apesar de ser de outra linha de pesquisa, partilhamos as angústias e alegrias que cada fase deste processo nos proporcionou.

Agradeço aos meus amigos de uma vida toda, da infância no Paraná e da adolescência no Rio Grande do Sul, que mesmo com a distância entendem minha visitas espaçadas e se fazem presentes mesmo de longe, à Renata Possatto, Monique Mazutti, Pablo Michelon, Luiza Manfro e Jéssica Rech, os quais já tiveram que escutar incontáveis minutos de áudios no WhatsApp e algumas horas seguidas de chamada de vídeo atualizando sobre as novidades e não deixando cair no esquecimento sobre a sorte que temos em ter uns aos outros.

Agradeço aos amigos que o curso de letras me presenteou na época da graduação: à Júlia Balbinot, que apesar de desenvolver pesquisas em linguística aplicada ainda tem um flerte pela sintaxe, e além de excelente caloura sempre foi uma excelente amiga, oferecendo colo nos momentos de desespero e também calmaria nos momentos de “hoje quero passar o dia todo fazendo nada contigo”. Ao Ricardo Bée, parceiro de discussões sintáticas, caminhadas ao fim da tarde e ligações com voz de choro quando algumas situações desandaram. Agradeço aos dois por serem meu suporte e minha companhia quase que diária em Chapecó, queria que todos tivessem o privilégio de ter amigos como vocês.

Agradeço a universidade por também ter me proporcionado o encontro com minha amiga que considero um achado de outras vidas, Christie Klüssner, que para muitos é conhecida como a “amiga médica”, mas que para mim é a personificação do amor e acolhimento em uma amizade. E falando em amores que a UFFS me revelou, é impossível não agradecer também à minha amiga Adriana Camargo, pela receptividade em sua casa, pela aproximação com sua família, pela sensibilidade de sempre saber qual caminho devemos seguir para algo ter sucesso e pelo ombro amigo que me protege.

Agradeço também aos meus amigos que ao longo da jornada nossos caminhos se cruzaram de uma forma despretensiosa e hoje fazem parte da minha história oferecendo suporte, seja com cafês no meio da semana, almoços semanais ou então encontros esporádicos que rendem desabafos e revelam a esperança de que tudo sempre dá certo: Ewelín Puhl, Cícero dos Santos, Maikeli Coppi, Bruno da Rocha e Adriely Alves.

Por fim, agradeço a todos os meus ancestrais por eu ter vindo de onde vim, muitos deles tiveram o direito à educação negado por estarmos em um país em que acessar o conhecimento, principalmente o científico de nível superior, trata-se de um privilégio. Hoje reúno em mim todas as forças dos meus antepassados que se foram na esperança de uma vida melhor sonhando em ter o que eu tenho, e assim apresento este trabalho de dissertação.

“Nada, ou quase nada, nas línguas se perde, tudo se transforma, e é observando o passado que se podem recuperar surpresas que o presente, com frequência, nos faz”.  
(Mattos e Silva, 2006).

## RESUMO

O presente trabalho aborda um estudo comparativo e uma análise descritiva sobre a ordem dos pronomes clíticos, ou seja, próclise, ênclise e mesóclise, e também dedica uma atenção especial para o fenômeno das interpolações, principalmente aquelas que possuem o advérbio de negação. Com isso, a pesquisa tem como objetivo comparar as cartas jesuíticas enviadas pelos integrantes da Companhia de Jesus entre os anos de 1548 a 1561, com o romance *Desmundo* escrito por Ana Miranda em 1996, que utiliza elementos de uma gramática quinhentista para aproximar o seu leitor com a realidade do período através da linguagem. Para a realização deste trabalho utilizamos os conceitos da teoria gerativa de Chomsky para compreender os estudos acerca das possibilidades e impossibilidades da gramática da língua portuguesa, perpassando pelo Português Arcaico, Português Médio, Português Europeu e Português Brasileiro. Portanto, além de apresentar os principais pronomes clíticos utilizados nesses períodos citados, um dos objetivos também é compreender que tipo de interpolação Ana Miranda reproduz em *Desmundo*, já que se trata de um livro do século XX que contém a construção da interpolação, que é um fenômeno agramatical na atualidade do português do Brasil, e para isso, os dados obtidos no romance e os dados obtidos nas cartas jesuíticas são comparados e contrastados para analisar suas semelhanças e seus distanciamentos. Os resultados finais também são analisados a partir dos resultados disponíveis nos trabalhos de Namiuti (2008), em que analisa a ordem dos pronomes clíticos presente no *Corpus Tycho Brahe*. Como resultados principais podemos perceber: i) ausência de mesóclise em *Desmundo* e também construções extremamente raras deste fenômeno nas cartas; ii) presença de ênclise menor que o número de interpolações em *Desmundo* no quantitativo geral; iii) a disponibilização do fenômeno da interpolação no romance de Ana Miranda possui dados muito aproximados com o das cartas e também ao que é encontrado no trabalho Namiuti (2008) quando comparamos principalmente o fenômeno da interpolação de negação.

**Palavras-chave:** Gramática Gerativa; Clíticos; Interpolação.

## RESUMEN

Este trabajo aborda un estudio comparativo y un análisis descriptivo del orden de los pronombres clíticos, es decir, proclisis, enclisis y mesoclis, y también presta especial atención al fenómeno de las interpolaciones, especialmente las que llevan el adverbio de negación. Con esto en cuenta, la investigación pretende comparar las cartas jesuíticas enviadas por miembros de la Compañía de Jesús entre 1548 y 1561 con la novela *Desmundo*, escrita por Ana Miranda en 1996, que utiliza elementos de la gramática del siglo XVI para acercar a su lector a la realidad de la época a través del lenguaje. Para realizar este trabajo, utilizamos los conceptos de la teoría generativa de Chomsky para comprender los estudios sobre las posibilidades e imposibilidades de la gramática de la lengua portuguesa, pasando por el portugués arcaico, el portugués medio, el portugués europeo y el portugués brasileño. Por lo tanto, además de presentar los principales pronombres clíticos utilizados en estos períodos, uno de los objetivos es también comprender qué tipo de interpolación reproduce Ana Miranda en su libro *Desmundo*, ya que se trata de una novela del siglo XX que contiene la construcción de interpolación, que es un fenómeno no gramatical en el portugués brasileño actual, y para ello se comparan y contrastan los datos obtenidos en la novela y los datos obtenidos en las cartas jesuíticas para analizar sus semejanzas y diferencias. Los resultados finales también se analizan a partir de los resultados disponibles en el trabajo de Namiuti (2008), en el que analiza el orden de los pronombres clíticos presentes en el *corpus* Tycho Brahe. Los principales resultados son: i) la ausencia de mesoclis en *Desmundo* y también construcciones extremadamente raras de este fenómeno en las cartas; ii) la presencia de enclisis menor que el número de interpolaciones en *Desmundo* en su conjunto; iii) la disponibilidad del fenómeno de interpolación en la novela de Ana Miranda es muy similar a la de las cartas y también a lo que se encuentra en el trabajo de Namiuti (2008) cuando comparamos principalmente el fenómeno de la interpolación de la negación.

**Palabras clave:** Gramática Generativa; Clíticos; Interpolación.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1 - Língua Portuguesa na historicidade -----	12
IMAGEM 2 - Exemplos de interpolação recentes em Portugal -----	23
IMAGEM 3 - Capa do livro <i>Desmundo</i> -----	29
IMAGEM 4 - Capa do compilado de cartas das missões jesuítas de Japão e China -----	32
IMAGEM 5 - <i>Ex Libris</i> da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro -----	33
IMAGEM 6 - Primeiro tomo do compilado de cartas -----	33
IMAGEM 7 - Decodificação da língua japonesa pelos portugueses -----	35

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Periodização do português do século IX até o século XX -----	11
QUADRO 2 - Periodização do português entre 1350 até 1700 -----	14
QUADRO 3 - Citações retiradas do documento jesuíta para Japão e China de 1548 -----	15
QUADRO 4 - Próclise <i>versus</i> interpolação -----	19
QUADRO 5 - Interpolação de negação <i>vs.</i> adjacência <i>cl- V</i> em todos os contextos do CTB encontrados em Namiuti (2008) -----	23
QUADRO 6 - Data e autoria das cartas enviadas pelos padres e irmãos jesuítas -----	36
QUADRO 7 - Metodologias do princípio de classificação nas tabelas do <i>Excel</i> -----	41
QUADRO 8 - Interpolação do advérbio de negação em <i>Desmundo</i> -----	52
QUADRO 9 - Interpolação de sujeito em <i>Desmundo</i> -----	54
QUADRO 10 - Interpolação de <i>X</i> em <i>Desmundo</i> -----	54
QUADRO 11 - interpolação de negação retirada nas cartas jesuíticas -----	55
QUADRO 12 - Interpolação de <i>X</i> retirada das carta jesuíticas -----	56
QUADRO 13 - Interpolação de sujeito retirada das cartas jesuíticas -----	57
QUADRO 14 - sentenças com mesóclises e sua respectiva autoria -----	60



## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Interpolação de constituintes diferentes de <i>NÃO</i> -----	21
TABELA 2 - Interpolação de <i>NÃO</i> -----	21
TABELA 3 - autoria dos clíticos realizados no compilado de cartas -----	58
TABELA 4 - Contexto categórico ou variável dos clíticos encontrados nas cartas quinhentistas -----	62

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Oscilação proclítica-enclítica do PE com o passar dos anos -----	17
GRÁFICO 2 - Os clíticos e as interpolações encontradas em <i>Desmundo</i> -----	50
GRÁFICO 3 - Totalidade dos clíticos encontrados nas cartas jesuíticas -----	51
GRÁFICO 4 - elementos interpolados em <i>Desmundo</i> -----	55
GRÁFICO 5 - Elementos interpolados nas cartas jesuíticas -----	58
GRÁFICO 6 - Próclises categóricas e próclises variáveis em <i>Desmundo</i> -----	63
GRÁFICO 7 - Ênclises categóricas e ênclises variáveis em <i>Desmundo</i> -----	64
GRÁFICO 8 - Próclises categóricas e próclises variáveis nas cartas -----	65
GRÁFICO 9 - Ênclises categóricas e ênclises variáveis nas cartas -----	65
GRÁFICO 10 - Pronomes clíticos variáveis nas cartas jesuíticas -----	66
GRÁFICO 11 - Pronomes clíticos variáveis em <i>Desmundo</i> -----	67
GRÁFICO 12 - Interpolação generalizada no CTB -----	72

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>1. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>8</b>
<b>1.1. GRAMÁTICA GERATIVA</b> .....	<b>8</b>
<b>1.2. A GRAMÁTICA INTERMEDIÁRIA DO PM</b> .....	<b>11</b>
<b>1.3. PRONOMES CLÍTICOS E SUA ORGANIZAÇÃO NO ESPAÇO-TEMPO</b> .....	<b>15</b>
<b>1.4. RESUMO DO PRIMEIRO CAPÍTULO</b> .....	<b>24</b>
<b>2. DESCRIÇÃO DOS <i>CORPORA</i> E METODOLOGIAS</b> .....	<b>27</b>
<b>2.1. <i>DESMUNDO</i> E SUAS INTERFACES</b> .....	<b>27</b>
<b>2.2. DOCUMENTOS HISTÓRICOS OFICIAIS DAS MISSÕES JESUÍTICAS</b> .....	<b>31</b>
<b>2.3. CONTRASTE DE ENREDO DOS DOIS <i>CORPORA</i> DE ANÁLISE</b> .....	<b>39</b>
<b>2.4. METODOLOGIAS DE TRABALHO</b> .....	<b>40</b>
<b>2.5. RESUMO DO SEGUNDO CAPÍTULO</b> .....	<b>46</b>
<b>3. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	<b>48</b>
<b>3.1. ORGANIZAÇÃO DOS CLÍTICOS DISPONÍVEL NOS DADOS</b> .....	<b>48</b>
<b>3.2. CONTEXTO CATEGÓRICO E CONTEXTO DE VARIAÇÃO NO PM</b> .....	<b>61</b>
<b>3.3. INTERPOLAÇÕES EM <i>DESMUNDO</i> E INTERPOLAÇÕES NO PA E PM</b> .....	<b>67</b>
<b>3.3.1. INTERPOLAÇÃO DE NÃO - <i>DESMUNDO</i>, CARTAS E CTB</b> .....	<b>68</b>
<b>3.3.2. INTERPOLAÇÃO DIFERENTE DE NÃO - <i>DESMUNDO</i>, CARTAS E CTB</b> .....	<b>71</b>
<b>3.4. RESUMO DO TERCEIRO CAPÍTULO</b> .....	<b>72</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>78</b>

## INTRODUÇÃO

A língua portuguesa, assim como toda língua natural, está sujeita a transformações com o passar do tempo. Portanto, o presente estudo teve como objetivo uma análise descritiva-contrastiva de dois documentos pertencentes a diferentes períodos. O primeiro deles trata-se do *corpus* mais antigo da investigação, em que analisamos os dados presentes no documento jesuíta escrito entre os períodos de 1548 a 1561, redigido durante o período das grandes navegações entre Japão e China pelos missionários da Companhia de Jesus. Em seguida, e onde encontramos nossa problemática de pesquisa, há o romance *Desmundo*, escrito em 1996 por Ana Miranda, mas que a autora alega em algumas entrevistas que reproduziu a linguagem quinhentista nos diálogos presentes em seu livro.

Quando nos referirmos à língua portuguesa, é necessário especificar a variedade linguística posta em questão, seja o Português Europeu Contemporâneo (PE), o Português Brasileiro Moderno (PB), ou então, outras variantes de países lusófonos. Ademais, é necessário considerar também as periodizações no tempo dessa língua presente em diversos territórios. Assim, para melhor compreender o problema de pesquisa, é pertinente revisitar algumas fases históricas das mudanças presentes na língua portuguesa como um todo.

Inicialmente, as periodizações do tempo nos usos do português são alternáveis em termos de nomenclatura e oscilam com diversos recortes na transição dos séculos, por isso, as definições entre um período e outro também variam a depender do autor. Todavia, a maioria dos pesquisadores da língua portuguesa apontam as periodizações como divididas de grosso modo em: Português Arcaico (PA), Português Clássico (PC) e PE. Porém, a periodização que abrange de maneira mais satisfatória esta pesquisa é o conceito de Português Médio (PM) através das considerações de Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), já que as autoras consideram exclusivamente as mudanças gramaticais para categorizar essa periodização.

Uma das formas de identificar essa transição das periodizações é através da sintaxe, ou seja, a ordem que cada elemento se apresentava naquele recorte de tempo. Há diversos fenômenos que podem ser analisados para entender a organização de uma língua remota, contudo, Carneiro e Galves (2010) alertam que uma das alternativas pode ser através da observação dos pronomes oblíquos átonos e sua posição nas sentenças, portanto, este elemento é o foco de análise em nosso trabalho.

Como exposto no primeiro parágrafo, um dos livros integrantes do nosso objeto de análise, *Desmundo*, faz parte da periodização do PB, já que foi publicado no século XX.

Porém, conforme a alegação da autora sobre reproduzir a gramática quinhentista<sup>1</sup> com a finalidade de aproximar o seu leitor com aquele período, nos faz refletir sobre a problemática das limitações que o desempenho dessa tarefa pode ter.

A tentativa de reprodução de uma língua remota que Ana Miranda se propôs a incorporar trata-se da escrita barroca e renascentista. Ou seja, a autora tentou reproduzir um PM na escrita de seu livro, mesmo sendo uma falante de PB. Nesse contexto, deparamo-nos com o resultado do *corpus* disponível no trabalho de Iniciação Científica (IC) intitulado “*Desmundo*: estudo sobre a ordem do sujeito gramatical na obra literária de Ana Miranda” (Fiori, 2020) e também o trabalho de conclusão de curso “*Desmundo* em uma perspectiva sintática: gramática quinhentista ou português brasileiro?” (Fiori, 2021), ambos desenvolvidos na Universidade Federal da Fronteira Sul - *campus* Chapecó/SC pela presente autora, em que centrou em investigar e descrever uma série de fenômenos linguísticos encontrados na obra *Desmundo* (1996) de Ana Miranda.

É necessário compreender que o livro *Desmundo* não se enquadra nos moldes convencionais de um romance comum, pois além de dar voz às pessoas invisibilizadas no período de colonização do Brasil, feito inédito em que retrata através da ficção a realidade das mulheres exploradas pelos colonizadores portugueses, seu contexto de produção literária difere substancialmente dos romances publicado no século XX. Afinal, se propor a reproduzir uma estrutura linguística a qual não é considerada a sua língua materna (L1), com a gramática alicerçada em um outro período, o êxito seria semelhante com ao desempenho<sup>2</sup> de uma segunda língua (L2). Portanto, uma das hipóteses deste trabalho é que a sua L1 pode ter influenciado em algumas construções no desempenho da sua L2, considerada uma língua-alvo.

Ao investigarmos os elementos externos que justificam a escrita não convencional adotada pela autora Ana Miranda, deparamos-nos com sua declaração de “incorporar-se” da linguagem quinhentista, resultando em um enredo que apresenta um léxico pouco comum e não usual para o PB contemporâneo. O objetivo deste trabalho é analisar e descrever a posição dos clíticos apresentados nos dois *corpora*, tais como: próclise, ênclise, mesóclise, e

---

<sup>1</sup> O português quinhentista é conhecido como um momento de transição da língua em que há uma “gramática intermediária”, ou seja, entre o PA e o PC há elementos encontrados que competem entre si o uso/não-uso na gramaticalização de uma sentença, chamado de “competição de gramáticas”, isso justifica a definição de intermediária localizado dentro do grande eixo do PM sinalizado por Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006).

<sup>2</sup> Os conceitos de aquisição *versus* aprendizagem de uma língua, competência *versus* desempenho, Língua-I e Língua-E estão teorizadas, discutidas e exemplificadas de maneira detalhada no primeiro capítulo em que está disponível o referencial teórico deste trabalho.

especialmente, o fenômeno da interpolação<sup>3</sup>. A partir dessa exposição e descrição dos dados encontrados, pretendemos observar as aproximações e os distanciamentos nos contextos de realização dos dois textos, e por fim, comparar com outros trabalhos já realizados que também investigam a ordem dos clíticos, principalmente através de Namiuti (2008), já que sua análise centra-se no período o qual coincide com os nossos *corpora*.

A obra *Desmundo* já possuía seus dados coletados e é resultado de outros estudos também. Então, cabe uma consideração em destaque sobre as conclusões de Fiori (2021), em que quantitativamente discute e demonstra que Ana Miranda utilizou uma gramática mista ao realizar uma série de análises com diversos fenômenos encontrados no livro. Dentre os dados presentes desse estudo de 2021, estão presentes os resultados referentes à diferença da posição do sujeito no PM e no PB, os contrastes entre o não preenchimento do sujeito no decorrer desses períodos, o excesso de orações coordenadas em períodos excessivamente longos, e principalmente, o eixo fundamental que é de nosso interesse nesta pesquisa: a colocação pronominal clítica.

Justifica-se o uso desses dois documentos para uma investigação porque se trata de dois *corpora* de análise inéditos e que nos rendeu bons resultados quantitativos logo nas investigações iniciais da pesquisa. Além disso, as cartas oficiais jesuíticas foram utilizadas com a finalidade de entrelaçar os contextos, pois ao iniciar o romance *Desmundo* a autora anexou como primeiro elemento do livro também uma carta do período das grandes navegações, escrita pelo Padre Manoel da Nóbrega ao EL-Rei, em que explicitava a necessidade de meninas/mulheres órfãs serem enviadas para o Brasil:

Já escrevi a Vossa Alteza a falta que há de mulheres, com quem os homens casem e vivam em serviço de Nosso Senhor, apartados dos pecados, em que agora vivem, mande Vossa Alteza muitas orphãs, e si não houver muitas, venham de mistura delas e quaesquer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que quaesquer farão cá muito bem à terra, e ellas se ganharão, e os homens de cá apartarse-hão do pecado. (Miranda, 1996, p. 7).

A maioria dos trabalhos que analisa a obra *Desmundo* é possível observar a criticidade no âmbito literário, referente ao enredo, o resgate histórico e outros elementos com foco na realidade do período descrito na obra, diferentemente do que fez Fiori (2021) que analisou a obra em uma perspectiva linguística e o que faremos neste trabalho comparativo mais aprofundado. Com isso, ao investigar a metodologia de trabalho de Ana Miranda para reproduzir uma língua remota, nos deparamos com a entrevista feita por Adriana Carolina Assis para realizar sua pesquisa “O Palimpsesto Amoroso em *Desmundo*”:

---

<sup>3</sup> O fenômeno na interpolação será discutido de maneira mais detalhada nos capítulos posteriores.

Como pesquisei: Meu método não pode ser chamado propriamente de pesquisa. Seria mais um trabalho de viajante da imaginação. Leio livros da época, e leio tantos, e tantas vezes que me impregno daquela realidade, daquela época. Há anos venho recolhendo livros sobre os diversos temas que pretendo abordar. Para a recriação da linguagem, li e reli textos do final do século 15 e século 16, de forma a absorver o espírito da linguagem. Recolho, anoto palavras, expressões, frases, versos, que pressinto terem lugar na minha narrativa. Existem passagens no livro que remetem ao discurso vicentino.

Você utilizou em suas pesquisas a obra de Gil Vicente, como A farsa de Inês Pereira e/ou o Auto da Barca do Inferno? (a figura da velha me lembra o parvo da barca) Sim, muitas das expressões e palavras que uso são de Gil Vicente (uxtix uxtex xulo cá, por exemplo), e também a descrição da passagem da rainha pelo caminho do mosteiro de Xobregas. Mas não me inspirei no parvo da barca para criar a Velha; inspirei-me, sim, nos parvos da História trágico-marítima para criar o parvo do Desmundo. (Assis, 2007, p. 90).

Então, ao adentrar nos fenômenos linguísticos presentes no romance, o objeto de análise também justifica-se, pois mesmo sendo uma publicação de 1996, o léxico não condiz com o PB no que se refere ao período de sua publicação. E por este mesmo motivo *Desmundo* já se tornou objeto de discussão até mesmo na área da literatura, como, por exemplo, para o escritor Luiz Carlos Amorim:

Além disso, a autora tentou - e conseguiu, acho - usar a maneira de falar da época da colonização do Brasil pelos portugueses, isto é: a maneira de falar dos portugueses de quatro séculos e meio atrás. E como a narradora é uma das órfãs que o reinado português mandara para o Brasil para casar com os homens que aqui estavam "em pecado", o modo de falar não poderia ser dos mais cultos. Além da falta de pontuação, os períodos enormes e às vezes desconexos, complicam ainda mais a compreensão. Quanto às palavras novas - ou tão velhas que são desconhecidas, sem nenhum significado para nós, atualmente - precisaríamos de um dicionário aberto durante toda a leitura do livro, o que demandaria um enorme tempo para se conseguir terminar de lê-lo. Seria quase uma tradução. (Amorim, 2007, p.1)

Amorim (2007) alega que *Desmundo* possui elementos que “complicam a compreensão”, já que há alguns arcaísmos lexicais e sintáticos que se distanciam de um PB, e por isso torna-se uma leitura complexa de se concluir para um leitor comum que busca apenas um romance contextualizado com o período quinhentista. Com isso, sem uma análise investigativa, *Desmundo* é um texto não recomendado para não-pesquisadores, já que está publicado em uma estrutura e um léxico que tenta reproduzir uma outra língua, sendo ela remota e sem uso.

É inegável que de fato houve uma pesquisa histórica que a escritora realizou para compor o livro, visto que o primeiro elemento da obra trata da exposição da carta do Padre Manoel da Nóbrega. Porém, ao alegar que se “impregna daquela realidade” ao escrever o romance, isso nos faz questionar sobre os sucessos e as limitações que a tentativa de reprodução de um idioma remoto pode ter. Chomsky e Lasnik (1993) afirmam que as (im)possibilidades na reprodução de uma oração é determinada através da Gramática Universal (GU) internalizada, que faz parte das faculdades inatas presente no cérebro de cada

indivíduo, portanto, um outro objetivo deste trabalho, além dos já apresentados, é analisar como se organiza a tentativa de reproduzir uma estrutura linguística remota que não pertence à língua internalizada da autora.

Fiori (2021) concluiu que Ana Miranda utilizou de uma gramática mista para compor o seu livro. Isto porque é possível observar fenômenos sintáticos não existentes no PB contemporâneo e construções utilizadas somente em gramáticas pretéritas, como por exemplo o uso de interpolação clítica. A organização da interpolação não é disponibilizada de maneira aleatória nas sentenças, pois há elementos condicionadores que permitem, ou não, a sua ocorrência, portanto, cabe uma investigação mais detalhada de como os clíticos e as interpolações aparecem no trabalho de Miranda (1996) em sua totalidade e, além disso, também cabe uma análise mais aprofundada de como esses elementos de fato eram utilizados por falantes do período quinhentista, por isso o uso das cartas jesuíticas de 1548 nas missões entre Japão e China como elemento de contraste, para fins de comparar as aproximações e os distanciamentos na produção desse fenômeno linguístico.

No que diz respeito ao uso dos clíticos, no âmbito geral, preferencialmente o PM e o PB tendem a utilizar de maneira mais recorrente a próclise, enquanto o PE possui uma inclinação maior para o uso de ênclise, conforme afirma Carneiro e Galves (2010). Portanto, além das interpolações clíticas, ocorrências de próclise, ênclise e mesóclise também serão registradas, analisadas e discutidas para fins de análises nos documentos selecionados.

Desse modo, o presente trabalho conta com as divisões de quatro seções diferentes, sendo o primeiro o capítulo o norteador do referencial teórico, em que dissertamos com base na perspectiva de pesquisadores como Carneiro (2002; 2010), Chomsky (1981; 1993), Galves (1987; 2006; 2009; 2012), Lobo (1992; 2002), Martins (1994; 2016), Mattos e Silva (2002; 2006), Namiuti (2006; 2008), Paixão de Sousa (2004; 2006; 2021), entre outros, para compreender quais são as considerações da linguística histórica referente aos fenômenos que foram encontrados nos dados coletados. Além disso, o capítulo discorre sobre conteúdos que envolvem a periodização do português através dos séculos, a organização dos clíticos nos períodos compreendidos como PM, PE e PB, tais como, próclise, ênclise e mesóclise, e também a exposição das interpolações. Ademais, a sistematização da linguística gerativa de Chomsky e o uso de uma GU disponível no cérebro de cada indivíduo e a possibilidade de incorporar-se de uma língua a qual não lhe pertence também será debatido no primeiro capítulo.

Em seguida, no capítulo dois, há a contextualização das obras escolhidas e também a metodologia. Nesse momento, será apresentado o enredo dos dois *corpus* de análise, para

assim entender quais são os documentos a serem esmiuçados e qual o conteúdo presente em cada um deles. Já que se trata de uma investigação contrastiva, é importante entender a temática em que os dois documentos estão inseridos e também o motivo da escolha de cada um deles para a pesquisa, já que não foram selecionados de maneira aleatória.

Além disso, ainda no segundo capítulo, a metodologia de trabalho é a responsável por esclarecer qual é o método de estudo presente para desenvolver esta pesquisa e de que maneira o *corpus* investigativo foi coletado, dividido, organizado, analisado e quantificado. Desse modo, na segunda seção, seguimos a mesma metodologia disponível em Fiori (2021), porém, como este trabalho também possui a coleta de dados inéditos de uma língua remota, adiantamos que há alguns elementos que foram considerados como dificultosos no primeiro momento para a conclusão quantitativa deste estudo, tais como, organização dos grafemas de uma forma incomum para um falante do PB, morfologia desconhecida com a inversão de alguns elementos, acentuação em desuso para uma gramática contemporânea ocasionando uma alternância na fonética do conteúdo encontrado e um léxico estrangeiro desconhecido.

No terceiro capítulo, encontramos os resultados e as discussões do trabalho. Portanto, primeiramente, deparamo-nos com a exposição dos elementos disponíveis em *Desmundo*, com base nas considerações de Fiori (2021), o que nesse momento é importante salientar que primeiramente os dados estarão expostos de maneira bruta e em seguida analisados e separados a partir de contextos de possibilidades. Posteriormente, apresentamos a análise das sentenças elaboradas nas cartas enviadas nas missões jesuíticas pelos membros da Companhia de Jesus, igualmente os dados são apresentados de maneira individual em seu número absoluto e em seguida é apresentada a discussão e a divisão de contextos.

Ainda no capítulo de número três, há a descrição das sentenças com clíticos de caráter categórico e as sentenças com caráter de variação, para assim conseguirmos avançar na análise das interpolações nos dois *corpora* como um todo, já que este fenômeno apresenta-se de maneira distinta no PA e no PM e uma das características que difere um fenômeno e outro são os contextos categóricos ou de variação dos clíticos. A partir da apresentação desses dados interpolados, há a comparação desses elementos com os elementos encontrados em Namiuti (2008).

Em síntese, todos os capítulos possuem um resumo do que é possível encontrar nas discussões por ele debatidas, e por fim, nas considerações finais há uma seção em que encontramos a verificação de todo o conteúdo disponível neste trabalho. Isso engloba as principais e mais relevantes afirmações teóricas, principalmente sobre a linguística histórica e o gerativismo, e até mesmo a conclusão da análise dos dados quantitativos e qualitativos,

destacando-se especialmente a descrição e análise das interpolações encontradas. Por fim, como componente extratextual crucial, são fornecidas as referências bibliográficas que serviram de sustentação argumentativa para chegarmos até as considerações finais.

## CAPÍTULO 1

### REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresentamos a discussão do referencial teórico que embasa esta dissertação, como, a discussão sobre o que é gramática para Chomsky, qual o seu conceito de língua e como acontece a organização dos eixos de competência *versus* desempenho, aquisição *versus* aprendizagem de um idioma, além da explicação de conceitos, como *Língua-I* e *Língua-E* que são essenciais para o desenvolvimento deste estudo. Em seguida, há a conceituação de gramática intermediária disponível no PM, como é apresentado em Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), reconhecido como período de transição da língua.

Mais adiante, é apresentada a colocação dos pronomes clíticos, disponíveis nas representações de próclise, ênclise e mesóclise, e sua organização sintática no espaço-tempo, como eram/são sistematizadas através das mudanças linguísticas presentes no PM, PE e PB. Além disso, há uma atenção especial para a exposição dos clíticos interpolados, fenômeno pertencente ao PA, apresentado como forma de resquício no PM, e agramatical no PB, mas que é primordial para o desenvolvimento desta pesquisa e interpretação do nosso *corpus* de trabalho.

### 1.1 GRAMÁTICA GERATIVA

Dentro do âmbito linguístico, ao nos depararmos com os moldes organizacionais de uma língua, é impossível não nos referirmos a Avram Noam Chomsky, linguista e cientista cognitivo, autor do livro “Aspects of the Theory of Syntax”, de 1965, defensor de que faculdade da linguagem disponível no cérebro de cada indivíduo deve ser considerada como um órgão humano independente, ou seja, aquele que sabe o que tem que ser feito sem uma instrução prévia. Com isso, o autor justifica o seu posicionamento através do exemplo do uso de construções inéditas de sentenças que uma criança produz sem ter ouvido nada semelhante antes, ou seja, a capacidade de organizar e produzir orações faz parte da competência biológica do ser humano, que de maneira intuitiva sabe o que pode ser feito.

Para Chomsky (1981; 1993), o sistema cognitivo responsável pela organização da linguagem é um produto inato disponível no cérebro de todos os seres humanos. Assim como o sistema digestivo não precisa de instrução externa para saber como digerir um alimento, a teoria gerativa utiliza como metáfora a semelhança de que o sistema linguístico também não

precisa de instrução prévia para ser posto em funcionamento, organizado e externalizado. Então, o autor ainda defende que há um conjunto de capacidades que uma pessoa que domina a própria língua é capaz de decifrar de maneira intuitiva. Ou seja, por volta dos quatro anos de idade, uma criança já entende o sistema linguístico no qual está inserida, através da imersão no ambiente já é possível que ela identifique a possibilidade ou impossibilidade de uma construção sintática e, com isso, temos a GU internalizada se manifestando através do indivíduo.

Com essa teoria, Chomsky entra em conflito com a teoria behaviorista de Skinner (1904 - 1990), o qual defende que o ser humano é uma “tabula rasa”, ou seja, não possui um conhecimento preliminar e é através do estímulo externo de terceiros que resulta no produto final de adquirir a linguagem, como um processo de imitação. Sendo assim, no processo de aquisição de uma língua, para Skinner, o condicionamento de respostas positivas ou negativas é o que irá determinar nosso cérebro a entender como funciona o sistema de organização de cada idioma a que se está inserido.

Todavia, a teoria gerativa não se ocupa da gramática normativa, ou seja, aquela que tem um conjunto de regras acordado socialmente; que, na maioria dos casos, é estudado nas escolas de ensino regular do Brasil. A gramática gerativa se refere à capacidade humana de criar e compreender infinitas construções sintáticas, pois esta é uma habilidade biológica intrínseca, não sendo necessário o estudo de regras externas estabelecidas pela sociedade. Além disso, o pensamento chomskyano também chama atenção para a distinção entre a competência e o desempenho, sendo o primeiro, o conhecimento interno, ou seja, o domínio da língua no processamento do cérebro humano, já o segundo, trata-se do uso da linguagem de maneira efetiva, o externo, o que pode se manifestar de maneira escrita ou falada.

A faculdade da linguagem, o qual os teóricos gerativistas fazem suas investigações, está disponível os módulos de competência *versus* desempenho, que podem ser divididos respectivamente em “sistema cognitivo” e “sistemas de desempenho”. O primeiro pode ser relacionado como *Língua-I*, aquela que é interior, individual e intencional, já a segunda trata-se da *Língua-E*, que é exterior, social e extensional. A *Língua-I* é a intenção, onde está disponível o processamento da linguagem e a internalização da língua no indivíduo, que não está presa nas limitações do desempenho, essa é objeto de estudo exclusivamente do gerativismo, psicolinguística e neurolinguística (ou estudos da neurocognição da linguagem, a depender de alguns autores). Já a *Língua-E* trata-se das sentenças produzidas, a materialidade da gramática internalizada, e como se trata do desempenho, muitas vezes é objeto de estudo da sociolinguística também.

A *Língua-I*, integrante da competência, não pode ser totalmente acessada devido às limitações inerentes ao adentrar no cérebro/mente humana. De modo grosseiro podemos exemplificar que não é viável entrar em uma sala de cirurgia e abrir a cabeça de um paciente com a finalidade de observar o processamento da linguagem em funcionamento, como se fosse uma máquina, isso é impossível. Portanto, uma maneira de obter um acesso superficial à competência linguística é através da prática do sistema de desempenho, que se refere à *Língua-E*, ou seja, as manifestações imperfeitas da linguagem, externalizadas de maneira oral ou escrita.

Além da diferenciação de *Língua-I* e *Língua-E*, outra importante teorização gerativista para esta pesquisa é a respeito da conceituação de Princípios *versus* Parâmetros encontrados na linguagem. Os princípios são inatos, fixos e imutáveis, como por exemplo a existência de sujeito em todas as línguas naturais, isso é um fato, não há possibilidade de uma língua que não possua sujeito. Já os parâmetros são as variações disponíveis no desempenho, como exemplo a possibilidade de existir sujeito nulo em algumas línguas, o que pode mudar de um idioma para outro, portanto, são mutáveis.

Contudo, a melhor maneira para entender a organização de uma linguagem que não lhe pertence é pesquisá-la diretamente através de falantes nativos, seja através de entrevistas, questionamentos ou então analisando discursos informais de vídeo ou áudio em que demonstra a organização do desempenho da fala desse indivíduo. Porém, quando se trata de um período pretérito, é descartada essa possibilidade, já que é impossível conseguir relatos de áudio e vídeo quando se trata de um ano excessivamente remoto como o caso dos anos 1500. Com isso, os documentos históricos escritos nos auxiliaram nesse âmbito.

Estudar as cartas para analisar a construção linguística aplicada na época do PM é uma maneira de compreender, na prática, como eram as possibilidades e/ou impossibilidades da organização da sintaxe naquele período. Afinal, fazer com que o remetente entendesse a mensagem que o destinatário queria passar é o que determinaria o sucesso ou, então, o fracasso da comunicação, elemento primordial do período das grandes navegações, documento disponível no nosso *corpus* de análise.

Outra importante conceituação é o conhecimento acerca da dicotomia aquisição *versus* aprendizagem de um idioma. A aquisição é o processo no qual o falante organiza o seu sistema linguístico através da exposição a uma língua materna (L1 para um idioma ou L1's no caso de pessoas que adquirem mais de uma língua simultaneamente). Para que essa aquisição ocorra de maneira eficaz, existe um período crítico em que o sistema cognitivo concentra maior energia para armazenar as informações da linguagem. Há estudos que alertam que a

aquisição de um idioma acontece antes mesmo do nascimento, quando o feto ainda está sendo gerado pela sua genitora. A partir do nascimento, a imersão no ambiente com poucos dias de vida já possui impactos significativos no processamento da linguagem durante todo o decorrer da vida. Porém, a aquisição possui um período específico para ser efetiva; se este período for ultrapassado, a aquisição pode ser comprometida. Por volta dos sete anos de idade, alguns teóricos discutem sobre a poda sináptica, poda neural ou apoptose, fenômeno em que o cérebro redireciona a energia cognitiva para outras atividades, uma vez que o sistema linguístico já está formado.

Ao contrário da aquisição, em que há um período específico para ocorrer sem haver comprometimento com o todo, o processo de aprendizagem não há data-limite, pois nunca para de ocorrer. A aprendizagem acontece em qualquer momento da vida adulta, até mesmo na velhice. Nesse contexto, é possível aprender uma L2 sem comprometer a estrutura da sua L1. Embora para alguns indivíduos possa haver mais dificuldade em aprender uma língua estrangeira após o período de poda sináptica, isso não significa que será impossível ou não será efetivo aprender algo novo. Isso justifica a necessidade de compreender as diferenças de aquisição *versus* aprendizagem.

Para aprofundar ainda mais e para entender as aproximações e distanciamentos realizados no desempenho de Miranda (1996) para reproduzir uma linguagem de um período remoto também é importante nos atentarmos às periodizações existentes desde a pré-história da língua portuguesa até chegarmos na língua de uso cotidiano da atualidade. Por conta disso, verificar os eixos sincrônicos e diacrônicos através das periodizações encontradas em Mattos e Silva (2006) são de suma importância e seguem disponíveis na subseção seguinte.

## **1.2 A GRAMÁTICA INTERMEDIÁRIA DO PM**

De maneira geral, a periodização disponível no Quadro 1 evidencia as grandes demarcações da língua portuguesa, sendo elas majoritariamente variáveis em: PA, PC e PE, o que não iremos nos adentrar de maneira detalhada em outras nomenclaturas por conta do recorte deste trabalho.

QUADRO 1 - Periodização do português do século IX até o século XX

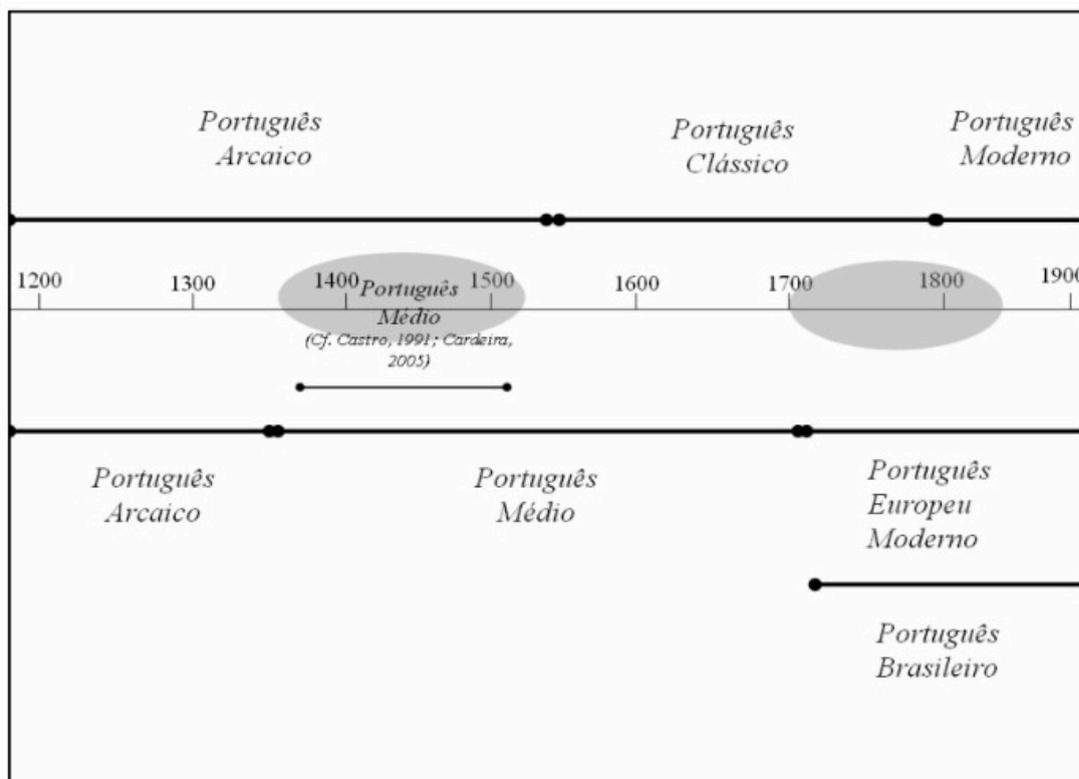
Época	Leite de Vasconcelos	Silva Neto	Pilar V. Cuesta	Lindley Cintra
até séc. IX (882)	pré-histórico	pré-histórico	pré-literário	pré-literário
até ± 1200 (1214-1216)	proto-histórico	proto-histórico		
até 1385/1420	português arcaico	trovadoresco	galego- português	português antigo
até 1536/ 1550		português comum	português pré-clássico	português médio
até séc. XVIII	português moderno	português moderno moderno	português clássico	português clássico
até séc. XIX/XX			português moderno	português moderno

Fonte: Mattos e Silva (2006, p. 25).

O PM é considerado uma língua de mudanças e, além disso, vale ressaltar a reorganização de uma outra subdivisão que se desmembra da divisão comum do português europeu de Portugal: o PB. A partir do ano de 1700 é de se considerar que uma nova língua está instaurada na nova colônia, com diferentes parâmetros e diferentes possibilidades, já que há outras línguas em contato sendo utilizada pelos povos originários e diferentes contextos de aquisição, assim como demonstra abaixo a Imagem 1, apresentada por Namiuti (2008).

A partir da análise da imagem a seguir, é importante salientar que alguns autores seguem as nomenclaturas e divisões apenas a periodização presente na primeira linha da Imagem 1, em que é fragmentado entre PA, de 1200 a meados de 1500; PC, de 1500 a 1800; e por fim, Português Moderno, de 1800 em diante, sem distinção e juízo de valor do que seria o PE ou o PB. Contudo, nesta pesquisa, consideramos as informações da última linha exposta na imagem referida, em que utiliza a periodização de Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), ou seja, o PA contempla o período do ano de 1200 a meados de 1400, já o PM está entre os anos 1400 a 1700, e a partir de 1700 há a fragmentação concomitante entre o PE e o PB, que em muitos aspectos caminham em direções contrárias inclusive. Vejamos:

IMAGEM 1 - Língua Portuguesa na historicidade.



Fonte: Namiuti, 2008, p. 23.

O PM engloba o período quinhentista e é conhecido por estudiosos como um momento de transição da língua, uma vez que há mudanças nas construções sintáticas que estavam presentes no período medieval. Isso justifica a definição de “gramática intermediária” adotada por alguns autores, já que se encontram textos quinhentistas anos finais, seiscentistas e até setecentistas anos iniciais. Contudo, alguns autores consideram apenas as escolas literárias para fazer essa fragmentação, ou então os contextos de migração e contato com outras línguas, porém, a denominação de PM, de Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), é a mais adequada para este estudo, visto que as modificações gramaticais são o foco para determinar as mudanças de periodização.

A tentativa de reprodução de uma língua remota que Ana Miranda se propôs a realizar em seu romance, não se trata de um PA, já que se estima que essa denominação é utilizada para referir-se à língua portuguesa produzida nos anos anteriores, visto que o enredo do livro acontece no ano de 1555, logo, a tentativa de reprodução da romancista é um PM. Com isso, para melhor entendimento, vejamos o Quadro 2.

QUADRO 2 - Periodização do português entre 1350 até 1700.

<b>Época</b>	<b>Periodização</b>	<b>Contexto histórico</b>
até 1350	Português Arcaico	Derivada do latim vulgar, conhecida como uma língua “neolatina” ou então pertencente às “línguas românicas”.
de 1350 até 1700	Português Médio	Período de transição da língua conforme Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), ou seja, alguns elementos que eram possíveis nos parâmetros arcaicos deixam de ocorrer com mais frequência, porém, ainda não estão totalmente em desuso naquela língua, todavia, no período seguinte, os mesmos elementos mostram-se como agramaticais naquele contexto sintático, por isso, é referenciado pelas autoras como “gramática intermediária”.
a partir de 1700	Português Europeu Moderno	Mudanças significativas na morfologia, fonética e sintaxe.
a partir de 1700	Português Brasileiro	Simultaneamente com o português europeu moderno, o português brasileiro toma forma a partir de 1700, já que com a colônia instaurada desde 1500 e o contato com os idiomas dos povos indígenas originários e outras nacionalidades exploradoras, cria-se assim um idioma independente do português europeu já que possui seus próprios parâmetros.

Quadro de elaboração própria (2024) com adaptação das divisões cronológicas dos períodos da língua portuguesa realizadas por Mattos e Silva (2006) e Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006).

Com a clareza que este trabalho analisa um documento oficial das grandes navegações, produzido no período do PM, e uma obra do século XX que aproxima a linguagem baseando-se neste mesmo período, é importante adentrarmos sobre o principal fenômeno que iremos nos debruçar em nosso *corpus*: o uso dos pronomes clíticos. A organização dos pronomes oblíquos átonos não são organizados de maneira aleatória, com as modificações presentes no idioma como um todo, a ordem desses elementos também é alterada com o passar dos séculos e com a mudança das localizações que utilizam a língua portuguesa, por isso, cabe entender quais são suas características no espaço-tempo, como apresentado a seção a seguir.

### 1.3 PRONOMES CLÍTICOS E SUA ORGANIZAÇÃO NO ESPAÇO-TEMPO

A colocação pronominal clítica pode ser encontrada principalmente nas ordens denominadas como: próclise, ênclise e mesóclise, como está exposta respectivamente nos exemplos do Quadro 3:

QUADRO 3 – Citações retiradas do documento jesuíta para Japão e China de 1548.

Ordem	Fragmento do texto
próclise (X-cl-V-X)	[...] de que <u>nellas <b>fe faz menção</b></u> [...] p.4
ênclise (V-cl-X)	[...] <u>chamã<b>o</b>fe</u> Fotquéixos. p.42
mesóclise (V-cl-V)	[...] <u>pregar<b>l</b>he<b>h</b>emos</u> em fecreto [...] p.45

Fonte: Elaboração própria (2024).

Ao interpretar os elementos presentes no Quadro 3, primeiramente, é necessário compreender que na ordem disponível, o *X* pode ser considerado qualquer elemento, seja ele um adjunto, um sujeito, uma preposição, entre outros. Já a representação do *V*, trata-se do verbo, elemento primordial e mais importante de uma oração. E, por fim, a abreviação representada por *cl* trata-se do clítico exposto na frase. Então, a próclise é aquela em que o pronome oblíquo átono antecede ao verbo sendo organizada em X-cl-V. Já a ênclise é o que o pronome clítico está na disposição posterior ao verbo X-V-cl. E por fim, a mesóclise é aquela em que o clítico pronominal está disponível no meio do verbo, sendo representado por V-cl-V. Ou seja, as três ordens citadas aparecem sempre de forma adjacente ao verbo, seja de maneira anterior, posterior ou entre o radical e a desinência do verbo.

Além disso, vale ressaltar que a organização dos pronomes oblíquos não é sintaticamente disponibilizada de maneira aleatória, pois há alguns elementos determinantes para a posição proclítica, enclítica ou então mesoclítica. Como, por exemplo, em início de frases, no período arcaico e no período do PM, a lei de Tobler e Mussafia ou então a lei de Wackernagel prevalecia

Tobler e Mussafia constataram que nessas línguas não se verificava a ocorrência de clítico em primeira posição na frase; de tal constatação, resultou a conhecida “lei de Tobler e Mussafia”. Posteriormente, Wackernagel afirmou que, não apenas nas

línguas românicas, mas nas línguas indo europeias de modo geral, as palavras não acentuadas dependiam fonologicamente do primeiro elemento acentuado da frase; ou seja, eram enclíticas ao primeiro elemento. Assim, de acordo com Martins (1994: 48), “passa a explicar-se a impossibilidade de ocorrência dos pronomes clíticos em posição inicial de frase como resultado da aplicação da chamada “lei de Wackernagel” (Lobo, 2002, p. 96).

Ou seja, em orações matrizes, indicava uma impossibilidade gramatical de haver frases proclíticas, visto que a ênclise era a única posição possível.

O PB organizou-se de maneira diferente do PE, já que no Brasil houve e há contato com as línguas nativas dos povos originários e com imigrantes, sobretudo da África. Com isso, nem todas as regras do PE são iguais ao PB. A organização da língua presente no Brasil segue normas gramaticais independentes, e a resposta para o pronome clítico ser encontrado como o primeiro elemento de uma oração matriz atualmente no PB não abrange as justificativas sintáticas que precisávamos, e sim alicerça-se mais em aspectos sociolinguísticos conforme apontam algumas pesquisas como em Lobo (2002).

No PB atual, observa-se que em contextos de comunicação oral e até mesmo de escrita gramaticalmente monitorada, há uma movimentação para a preferência de construções proclíticas,

[...] sobre a sintaxe dos clíticos, os quais, quer realizados a partir de uma perspectiva teórica gerativista, quer a partir de uma perspectiva teórica sociolinguística, demonstram que a posição imediatamente pré-verbal é a forma normal de colocação do clítico no português vernáculo brasileiro contemporâneo. Ou seja, independentemente de qual seja o contexto sintático, o clítico ocorre adjacente ao verbo, posiciona-se antes dele e dele depende fonologicamente, sendo-lhe, portanto, proclítico (Lobo, 2002, p. 86).

A melhor forma de comparar a preferência dos usos é através da análise de contextos que não forcem a próclise e surja a possibilidade enclítica também. E então, em outros termos, chegamos ao resultado das pesquisas de Galves e Lobo (2009) em que alertam uma variação não linear na organização dos clíticos:

a) do século XIII ao século XVI, passa-se de uma predominância quase categórica da ênclise à próclise quase absoluta (cf. Lobo, 1992; Martins, 1994);

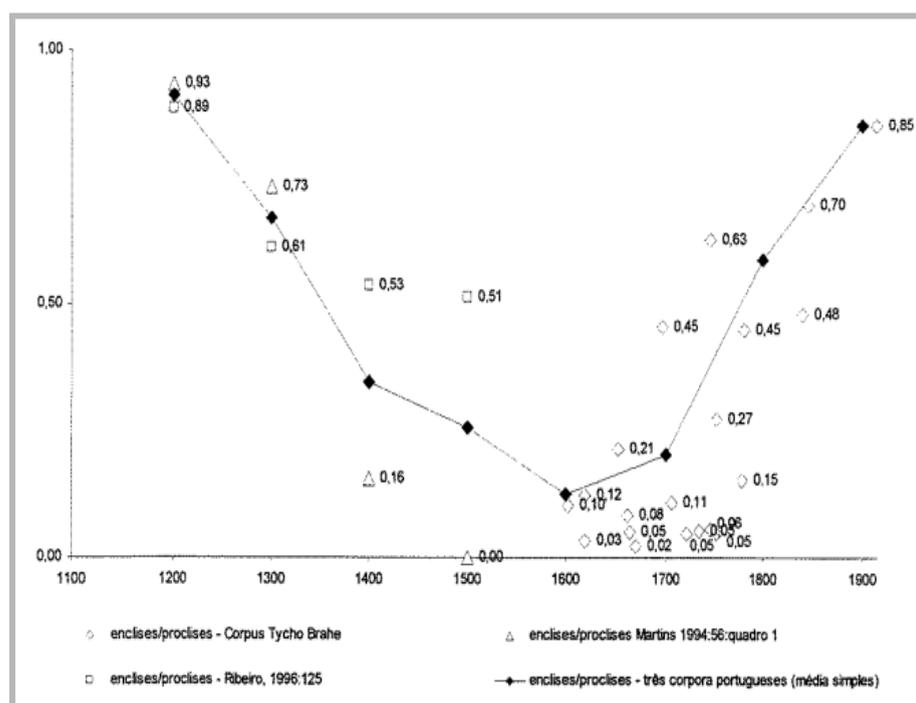
b) os séculos XVI e XVII são fortemente proclíticos, mas, a partir do século XVIII, assiste-se a um retorno da ênclise, que se torna majoritária entre os autores nascidos na segunda metade do século (cf. Galves, Brito, Paixão de Sousa, 2006 [...]), e passa a ser a única possibilidade no português europeu moderno. (Galves; Lobo, 2009, p. 176)

Em relação a esses dados, é alertado que se trata de um fenômeno inédito na história das línguas, ou seja, o PE apresenta uma oscilação de dados no que refere ao uso da ênclise com o passar dos anos. Além disso, outro fato importante a se observar é a movimentação de retorno sobre a preferência enclítica enquanto as outras línguas românicas, como no espanhol

e o galego, em totalidade caminham em uma direção mais proclítica, o contrário do que está traçando o PE, conforme afirma Martins (2016).

A partir do Gráfico 1 é possível perceber que conforme as análises de linguagem que fazem parte do PA, observa-se uma série de evidências que retratam o português como uma língua preferencialmente predominante à ênclise. Nos séculos XVI e XVII, surge uma forte tendência no uso preferencial da próclise. No século seguinte, XVIII, novamente a ênclise ganha destaque no uso do PE, conforme as observações de Paixão de Sousa (2004). Cabe destacar que essa movimentação acontece apenas no PE, que em contrapartida começa a seguir em outra direção depois que a colônia instaurada no Brasil se finda definitivamente. Com isso, vejamos essa movimentação dos padrões de preferência entre próclise *versus* ênclise no PA até chegar no PE, conforme expôs Paixão de Sousa (2004):

GRÁFICO 1 - Oscilação proclítica-ênclítica do PE com o passar dos anos



Fonte: Paixão de Sousa (2004, p. 41).

Dessa forma, é evidenciado que há uma oscilação no uso dos fenômenos dos clíticos quando se trata da opção ênclise *versus* próclise no PE, lembrando que nesses casos são descartadas as opções em que a próclise é obrigatória por possuir fatores condicionantes ao uso dela. Todavia, é possível afirmar que após uma série de análises de dados históricos, atualmente “[...] o PB vai no sentido da próclise e o PE no sentido da ênclise” (Carneiro; Galves, 2010, p. 34).

Já no que se refere à mesóclise, é indiscutível que seu aparecimento é encontrado em dados significativamente escassos, pois se trata de uma derivação enclítica e é uma construção que ocorre apenas em verbos no futuro do presente e do pretérito (Mattos e Silva, 2006). Ainda assim, mesmo nos tempos verbais que favorecem o uso mesoclítico, o fenômeno não possui nenhuma regra gramatical que a torna de padrão obrigatório, e já que há outras possibilidades de substituição, isso faz com que as construções de ênclise, e até mesmo de próclise, a depender da organização da oração, apareçam em foco novamente.

Além disso, conforme afirma Martins (2016), a mesóclise é encontrada desde o século XIII, porém, hoje, esse uso resiste apenas no PE, pois no PB, galego, espanhol, romeno e outras línguas românicas, quando se trata de uma fala sem o monitoramento ou, então, sem uma escrita formal, é uma ocorrência difícil de ser encontrada. Destaca-se que a insistência da continuação do uso da mesóclise em documentos escritos formais é uma “pressão normativa”, porque, no contexto usual da língua, não é mais utilizado, conforme afirma Martins (2016), o que futuramente, em séculos seguintes, pode ocasionar até mesmo no desaparecimento do fenômeno por completo.

Além das ocorrências de próclise, ênclise e mesóclise, já descritas, um dos apontamentos utilizados em Fiori (2021) para concluir que a gramática utilizada no livro de Ana Miranda se tratava de uma gramática mista se concretiza através da ocorrência do fenômeno de interpolação, que é um elemento utilizado com mais recorrência nos documentos do PA e encontrado de maneira obsoleta até meados de 1700. Hoje, este fenômeno é considerado agramatical no PB, o que gerará uma discussão maior a partir deste parágrafo.

Um dos principais fenômenos utilizados para demarcar o fim do período arcaico e o início do PM, no âmbito sintático, é a partir da diminuição no registro de interpolação, que, no PM, ocorre de maneira mais escassa. Na interpolação, um elemento fica localizado entre o clítico e o verbo, ou seja, o clítico não está mais adjacente ao verbo nem de maneira posterior, nem de maneira anterior, muito menos localizado no entremeio, distanciando de uma mesóclise, então, define-se como “um ou mais constituintes aparecem entre o pronome proclítico e o verbo” (Paixão de Sousa, 2004, p.25). A tendência para o aparecimento desse fenômeno ocorre em situações que favorecem o uso da próclise.

Assim, a ordem *X-cl-V*, disposta na construção da próclise, inverte a localização do pronome oblíquo átono e torna-se: *cl-X-V*, podendo ser “X” qualquer elemento, seja ele um pronome demonstrativo ou pessoal, advérbios de intensidade ou de negação, preposições, substantivos, entre outros. Dessa forma, há um elemento que interrompe a habitualidade do

pronome clítico sempre adjacente ao verbo, e assim, há a interpolação na posição da sentença, diferentemente do que acontece com a situação de próclise em que o clítico é realizado imediatamente antes do verbo. Vejamos o exemplo comparativo dos dois fenômenos no Quadro 4:

QUADRO 4 - Próclise *versus* interpolação.

ordem x-cl-v (próclise)	[...] e <b>se embriagar</b> e contar suas coisas vergonhosas [...] p. 146
ordem x-cl-x-v (interpolação)	[...] e <b>me ele deu</b> os baús [...] p. 201

Fonte: Fiori, 2021, p.17.

A interpolação é uma construção de maior ocorrência a ser encontrada nos documentos do período arcaico, mas, não é totalmente nula a possibilidade de ser encontrada alguns resquícios no PM, que ainda se manifesta, mas em uma porcentagem relativamente menor. Contudo, por se tratar de um período de transição da língua, a interpolação também se diferencia em alguns elementos quando comparadas as ocorrências da interpolação do PA e a interpolação do PM, conforme veremos nos exemplos a seguir.

Segundo Martins (1994), a partir de estudos com documentos do PA, a interpolação perde sua força no quesito de recorrência entre 1300 até 1600. Já os dados encontrados no *corpus* do português histórico *Tycho Brahe* (CTB)<sup>4</sup>, presente na pesquisa de Namiuti (2008), é demonstrado que nos séculos XVI, XVII e XVIII, apesar da diminuição da interpolação, os elementos sintáticos que a condicionam também não são os mesmos quando comparados os registros no PA e no PM.

Martins (1994) atesta que a interpolação registrada no PA e no PM não possui mudança gramatical significativa, porém, os estudos de Namiuti (2008) demonstram o contrário, pois a autora afirma que uso das interpolações apresentadas entre o PA e o PM diferem-se consideravelmente em seus contextos de uso entre um período e outro. No primeiro momento (PA), o fenômeno de interpolação clítica ocorria em um contexto em que a próclise era obrigatória, e com isso, qualquer elemento, como: sujeito, advérbios de modo geral ou advérbios de negação, objetos diretos ou indiretos, entre outros elementos que serão exemplificados a seguir, poderiam ser interpolados caso ocupasse uma posição pré-verbal. Contudo, a interpolação de contextos variáveis, como a possibilidade de alternar entre

<sup>4</sup> O *corpus Tycho Brahe* trata-se de um acoplado de dados históricos encontrado de maneira eletrônica, nele possui textos de 1380 a 1881 em língua portuguesa, disponível para acesso em: <http://www.ime.usp.br/tycho/corpus>.

próclise e ênclise, não é registrada como interpolação no PA, e essa então se torna uma característica da interpolação no PM. Além disso, com o passar dos séculos, há a significativa diminuição da ocorrência de diversos elementos interpolados no PM enquanto o número de interpolação com o advérbio de negação ainda está em alta.

Através dos estudos com *corpora* do PM, Namiuti (2008) observa que o advérbio de negação começa a ocupar a posição de interpolação em contextos variáveis de próclise *versus* ênclise, contexto sintático que não ocorria na interpolação do PA, visto que o fenômeno somente ocorria em casos que pedia a obrigatoriedade do clítico em posição pré-verbal. Além disso, outra diferença registrada ao comparar a interpolação do PA e do PM trata-se da (presença ou falta de) contiguidade, ou então proximidade, entre o pronome clítico e o elemento que condiciona a ativação da próclise.

A estrutura sintática que Martins (1994) apresenta em seus estudos posteriores ao século XV se modifica e, observa-se em Namiuti (2008) a possibilidade de que qualquer constituinte interpolado ao aproximar-se do século XVII há apenas um “resquício” da interpolação medieval, mostrando uma porcentagem de ocorrências em um número muito inferior do que em séculos anteriores. Neste caso, a interpolação do advérbio de negação perdura por mais tempo, enquanto os outros elementos como interpolação de sujeito, pronomes, etc, estão em declive.

Martins (1994) pesquisou os textos de quatro séculos seguidos (XIII ao XVI) em que se manifestava o fenômeno da interpolação. O resultado do estudo mostra que, em ambas as tabelas (1 e 2), há a porcentagem das sentenças que de fato ocorreram o fenômeno da interpolação, mas também também sinaliza o registro dos números de próclises, com adjacência *cl-V*, que poderiam ser uma potencial interpolação, mas que os autores não realizaram.

A tabela 1 mostra a interpolação de qualquer elemento, sendo eles: pronomes, sujeitos, preposições, advérbios, entre outros, contudo, são excluídas as sentenças que possuem o advérbio de negação, pois essa ocorrência faz parte de uma outra contagem registrada nas sentenças coletadas da tabela 2.

TABELA 1 - Interpolação de constituintes diferentes de *NÃO*

	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI
clítico-X-verbo	66,70%	69,10%	57,00%	51,70%
X-clítico-verbo	33,30%	30,90%	43,00%	48,30%

Fonte: Martins, 1994.

É possível observar na tabela acima, de Martins (1994), que qualquer elemento diferente de “*não*”, que poderia ocupar o espaço de clítico interpolado, ocorre de maneira mais frequente nos dois primeiros séculos apresentados, XIII e XIV, e em seguida o número de ocorrências diminui gradativamente abrindo espaço para a colocação *X-clítico-verbo*. Já na tabela 2, exposta abaixo, é possível notar os dados que possuem apenas sentenças com advérbios de negação, seja ele proclítico ou então interpolação.

É observado que o número de negações interpoladas aproxima-se a 100% dos casos de manifestação, restando poucas ocorrências proclíticas quando se trata de sentenças com o “*não*”. Com isso, conseqüentemente, as sentenças que possuem uma construção propícia de obter a negação como potencial interpolada, está em baixa, visto que, quando se trata do advérbio de negação, na maioria das construções, os autores optaram por preencher a posição do elemento interpolado e descartaram a construção do “*não*” adjacente ao verbo em formato de próclise.

TABELA 2 - Interpolação de *NÃO*

	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI
clítico- <i>não</i> -verbo	94,10%	96,80%	90,70%	90,00%
<i>não</i> -clítico-verbo	5,90%	3,20%	9,30%	10,00%

Fonte: Martins, 1994.

Com isso, entende-se que, no português quinhentista, ao deparar-se com o advérbio de negação, na grande maioria das construções é possível encontrar o clítico na posição interpolada. Em contrapartida, outros elementos, como sujeitos ou então pronomes, mesmo com potencial para ocupar sintaticamente a posição de interpolação, manifestam-se preferencialmente em próclise. Posto isso, essas construções permanecem até o século XVII, e, posteriormente, o fenômeno aparece apenas como forma de “resquício” até perder sua ocorrência por completo no PB e tornar-se agramatical.

Ademais, Namiuti (2008) defende que raramente a interpolação de outros elementos se manifesta com autores nascidos posteriormente ao século XVII, porém, acontece o contrário quando se trata do advérbio de negação, em que autores nascidos entre 1435 e 1836

realizavam a interpolação negativa de maneira mais frequente. A partir disso, a pesquisadora demonstra com exemplos da sua coleta de dados do CTB possibilidades de orações que possuem interpolações diferentes de “*não*” e são chamadas de *interpolações generalizadas*, que podem acontecer da seguinte maneira:

(016) Porque não ponha aqui os nomes de tantas pessoas, lhe digo que de minha parte dê encomendas a todas as que lhe parecer que é rezão que **as eu mande**. (CTB: Sousa, 1556)

(017) Se **me eu contente** com uma pobre pensão, razão é que me entristeça não ouvindo o fruto do meu poupar. (CTB: Sousa, 1556)

(018) Entre os pobres, sobre todos, tenha cuidado dos doentes, que não podem andar pedindo, como **lhe muitas vezes disse**. (CTB: Sousa, 1556)

(019) - Não é Solino tão descuidado do que **lhe eu mereço** (tornou Dom Júlio) que se esqueça de mim e de quanto sentirei perder horas suas; e pelo interêsse das da conversação do Doutor o tivera em menos conta se as não desejara; e, além disso, posso afirmar que está pago da lembrança que teve com a diligência que fizemos polo trazer connosco, que voltámos pola sua porta e eu tirei uma pedra à janela, donde me disseram que ceava com Píndaro; e cada um dos dous me fêz inveja. (CTB: Lobo, 1574)

(020) *¿* Que mais estranho que o de Temístocles Ateniense, famoso capitão da Grécia, que, namorado de uma dama que cativou na guerra de Épiro, usava em uma doença, que sua amada teve, dos mesmos remédios que **lhe a ela faziam**, tomando as purgas e sangrias com a mesma dama, e lavando o rosto por regalo e gentileza com o seu sangue dela? (CTB: Lobo, 1574)

(021) Não é menos o que **me lá anda** neste infelíssimo jôgo. (CTB: Melo, 1608)

(022) Achando-se Vossa Mercê com novas do ausente, para Vossa Mercê das que souber comigo; que só o frade ( e não o clérigo, e menos o amigo professo) não dá do que **lhe bem sabe**. (CTB: Melo, 1608)

(Namiuti, 2008, p. 7).

Ou seja, conforme os exemplos retirados de Namiuti (2008), as construções de interpolações generalizadas poderiam acontecer com estruturas linguísticas que continham sujeitos pronominais, como “eu”, “ela”, entre outros, ou então que expressam quantificação, como “muitos livros”, “poucas bibliotecas”, que são exemplos de QPs (Quantificational Phrases). Outro modo seria as sentenças com PPs (Prepositional Phrases), frases preposicionais compostas por uma preposição e seu complemento, como por exemplo “no parque”, “depois do jantar”, “no” e “depois de” são preposições, já os elementos “parque” e “jantar” são os complementos. Por fim, também há a possibilidade de se encontrar outros advérbios interpolados, como os de modo, lugar e tempo.

Os números encontrados por Namiuti (2008) no CTB explicitam a perda gradual da interpolação generalizada (elementos diferentes de “*não*”), que possuem os seus registros

semelhantes aos exemplificados anteriormente. Porém, seguindo uma direção contrária, os números demonstram que a interpolação de “*não*” continua com o passar dos anos muito além do século XVII, conforme demonstra o Quadro 5:

QUADRO 5 - Interpolação de negação *vs.* adjacência *cl-V* em todos os contextos do CTB encontrados em Namiuti (2008).

	G_009	G_008	H_001	C_007	S_001	L_001	V_004	V_002	M_003	C_003	B_003	B_008	C_002	B_001	A_001	V_001	G_002	A_004	G_005	O_001
	GAL	GAN	HCL	COU	SOU	LOB	VIS	VIC	MEL	CHA	BER	BRO	CEU	BAR	AIR	VER	GAR	ALO	GTT	ORT
datas de edição	1517	1576	1548	1616	1619	1619	1697	1697	1664	1687	1728	1735	1721	1746	1752	1746	1778	1839	1846	1914
datas de nascimento	1435	1502	1517	1542	1556	1574	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1705	1713	1724	1750	1799	1836
CLNV	30	3	45	47	42	63	71	113	97	95	45	32	40	21	72	28	22	52	50	29
	0,94	1,00	0,63	0,72	0,81	0,89	0,84	0,85	0,93	0,90	0,78	0,84	0,93	0,88	0,84	0,36	0,73	0,84	0,98	0,91
NCLV	2	0	27	5	10	8	14	20	7	11	13	6	3	3	14	50	8	10	1	3
	0,06	0,00	0,38	0,08	0,19	0,11	0,16	0,15	0,07	0,10	0,22	0,16	0,07	0,13	0,16	0,64	0,27	0,16	0,02	0,09
SOMA	32	3	72	65	52	71	85	133	104	106	58	38	43	24	86	78	30	62	51	32

Fonte: Namiuti, 2008, p. 72.

Além disso, Martins (2016) também demonstra que, nos dias atuais, a interpolação de negação ainda pode ser encontrada no PE contemporâneo. Por mais que a opção *Neg-cl-V* seja a mais usual, há casos específicos em que foi possível encontrar os registros de sentenças interpoladas conforme demonstra o exemplo na imagem 2, que se trata de um fragmento retirado de um jornal de Portugal. Com isso, fica evidente que a mudança linguística acontece no período de colonização, em meados de 1500, já que a partir do momento que a língua portuguesa se instaura no Brasil como idioma oficial, o fenômeno da interpolação não faz o processo de migração juntamente com os europeus.

#### IMAGEM 2 - Exemplos de interpolação recentes em Portugal

- a. Os maridos, os companheiros, os filhos, as mães, os amigos que às vezes já *o não são* tanto. (Expresso online, 05.01.2016, Valdemar Cruz).
- b. O que parece ser então verdade? Em poucas palavras, os portugueses não confiam no governo e no parlamento, mas também *os não receiam*. (Visão, 23.04.2005, António Barreto).
- c. Também se *o não comeres* agora, podes dizer-lhe adeus. (Cardoso Pires <sup>4</sup>1975, 37)

Fonte: Martins, 2016.

Sendo assim, é evidente que o fenômeno da interpolação generalizada só aconteceu com maior ocorrência no período PA, e também, como uma forma de resqúicio no PM. Já a

interpolação de negação olhamos para os dados de uma forma diferente, visto que esse fenômeno ocorre com mais frequência com o passar dos séculos até tornar-se agramatical. Contudo, com os dados atualizados de Martins (2016), foi possível encontrar como raras construções a interpolação de negação também ocorrendo no PE, conforme os exemplos da imagem 2, em que evidencia os trechos retirados de jornais dos anos 1975, 2005 e 2016. Todavia, a construção não segue os mesmos princípios de organização do PA/PM, e é agramatical no PB contemporâneo, visto que, pelo menos na atualidade, não há registros de ocorrências com esse tipo de organização na língua portuguesa brasileira.

Em suma, ao analisar as diferenças dos usos dos clíticos de modo geral, fica evidente que o PE contemporâneo é preferencialmente enclítico em contextos variáveis, enquanto o PB caminha em uma direção proclítica nos mesmos contextos, assim como a maioria das línguas românicas, conforme relembra Carneiro e Galves (2010). Contudo, a construção de interpolação é um fenômeno desconhecido na gramática do PB atual, achar essa ocorrência em documentos brasileiros é uma tarefa quase que impossível para o século XX. Porém, os indícios de Fiori (2021) nos mostraram dados significativos em que o fenômeno foi encontrado em diversas apresentações do livro *Desmundo*, tanto com interpolação de negação, quanto com outros elementos. Por ser um livro publicado em 1996, por uma escritora nascida em Fortaleza, no Ceará, cabe uma discussão maior em seções seguintes, principalmente no que se refere a “incorporar-se” de uma língua a qual a romancista não pertence.

Sendo assim, no próximo capítulo, é necessário compreender o enredo dos dois documentos que compõem o nosso *corpora* de análise, afinal, primeiramente, há um livro já explorado em outros trabalhos cuja língua está alicerçada no PB do século XX e, em contrapartida, há um documento oficial redigido inicialmente em 1548. Diante disso, será possível analisar as proximidades e distanciamentos do que se trata de uma língua sendo colocada em prática por indivíduos falantes daquele idioma e contrastá-lo com uma língua sendo reproduzida por uma pessoa que realizou estudos posteriores e possui o sistema linguístico de outro idioma como língua materna.

#### **1.4. RESUMO DO PRIMEIRO CAPÍTULO**

Neste capítulo foi apresentado primeiramente os conceitos básicos da Gramática Gerativa que norteiam este trabalho. Portanto, conceitos como o inatismo da língua no

cérebro humano, a linguagem como uma competência biológica humana que não precisa ser “ensinada”, o desenvolvimento da língua de maneira intuitiva, entre outros elementos teorizados por Noam Chomsky são apresentados na primeira seção desta pesquisa. Além disso, os conceitos de competência e desempenho associados à *Língua-I* e *Língua-E*, conceitos de princípios e parâmetros e distinção entre aquisição e aprendizagem também são expostos para compreendermos com base nas teorias o que a presente dissertação investiga.

Como segundo elemento apresentado neste capítulo temos os conceitos da periodização da língua. A partir de 1700 o PB começa a se diferenciar do PE, com isso, é aberta uma nova periodização na história da língua portuguesa com diferentes organizações e diferentes parâmetros. O PB é considerado uma língua que deriva do PM, e não do PA, com isso, seguimos a classificação de Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), em que segmentam as periodizações em PA de 1200 a 1400, PM de 1400 a 1700, e a partir de 1700 distinguem PE e PB.

O PM também engloba o período quinhentista, o qual é reconhecido como uma fase transição e apresenta uma “gramática intermediária” ou “gramática média”, em que novos elementos antes agramaticais, agora fazem parte da linguagem daquele período. Uma das mudanças neste caso trata-se da ordem dos pronomes clíticos, divididos em: próclise (pronome antes do verbo), ênclise (pronome após o verbo), mesóclise (pronome no meio do verbo), e, por fim, interpolação (pronome antes do verbo com um - ou mais - elemento(s) presentes na não contiguidade verbal).

Com isso também vimos que o PE caminha em uma direção mais enclítica em contextos de variação, enquanto o PB caminha em uma direção mais proclítica assim como outras línguas românicas. Já a mesóclise, trata-se de uma construção escassa disponível no PA e no PM, todavia é quase inexistente no PB, podendo até mesmo desaparecer futuramente devido a falta de uso na língua falada.

Uma seção que merece uma atenção especial é a definição de interpolação, que pode ser encontrada no PA ocupando o lugar em que podem ser contextos obrigatórios de próclise, e no PM poderia ser encontrada ocupando lugares os quais já era possível um contexto de variação na colocação *cl-V* ou *V-cl*. Contudo, a colocação é agramatical no PB, e no PE apesar de ainda ser possível encontrar o fenômeno em alguns dialetos, a organização não é a mesma do que a disponível em períodos remotos.

Agora, com a finalização do referencial teórico que embasa esta pesquisa, é necessário entender quais são os dois *corpora* que exploramos. O primeiro a ser apresentado trata-se do livro *Desmundo*, escrito pela brasileira Ana Miranda, em 1996. Em seguida, há a apresentação

do documento oficial redigido pelos integrantes da Companhia de Jesus no período das missões jesuíticas para Japão e China de 1548. Com isso, no capítulo a seguir ficará claro qual é enredo dos textos selecionados, de que maneira a organização dos dados foi feita e qual a metodologia utilizada para a análise descritiva de cada um dos elementos encontrados.

## CAPÍTULO 2

### DESCRIÇÃO DOS *CORPORA* E METODOLOGIAS

Ao estudar uma língua remota em contraste com a do período contemporâneo, faz-se necessário uma série de análises quantitativas e qualitativas para chegar em uma definição do que seria uma possibilidade ou impossibilidade na construção de sentenças daqueles períodos. Por isso, ao iniciar este trabalho, foi contrastivamente analisado dois *corpora*. O primeiro é o livro *Desmundo*, escrito por Ana Miranda, em 1996, mas cuja estrutura linguística remonta ao português quinhentista. O segundo *corpus* é formado pelas cartas enviadas pelos integrantes da Companhia de Jesus no período das grandes navegações para o Japão e China, datado entre os anos de 1548 a 1561.

Além do conteúdo sintático encontrado nesses dois textos de pesquisa, também é importante para este estudo explicar sobre o que se refere o enredo, o contexto histórico, a autoria, entre outros elementos, pois essas informações são essenciais para compreender a temática principal como um todo. Mesmo que se trate de um trabalho de análise gramatical, o cenário presente nos dois documentos é um fator decisivo que influenciou significativamente os resultados encontrados após a discussão dos dados de maneira contrastiva. Em suma, ambos os documentos tratam da exploração/ocupação de portugueses em territórios até então desconhecidos pela população europeia. O primeiro tem uma narrativa ficcional baseada em situações semelhantes às vivenciadas no período de 1500, e o segundo; informações e fatos realmente experienciados pelos indivíduos daquele período.

A metodologia do trabalho também está presente nesta seção, a qual dividiu os dados totais dos dois *corpora* entre contexto variável e contexto de categórico (obrigatório) em que nos baseamos na organização presente em Lobo (2002). Além disso, as referências sobre a sintaxe, morfologia e a fonética, que foram essenciais para interpretar e compreender o conteúdo presente nos dados do *corpus* quinhentista, seguiu os textos de apoio de Mattos e Silva (2002; 2006) e de Carneiro (2002).

#### 2.1. *DESMUNDO* E SUAS INTERFACES

O romance *Desmundo*, escrito pela autora Ana Miranda, e publicado em 1996 pela editora *Companhia das Letras*, em 216 páginas, possui uma obra com contextualização

histórica e trama alicerçada no período inicial de colonização do Brasil, mais exatamente, entre os séculos XV e XVI. O enredo da obra retrata vários aspectos da cultura do período, tal como a obrigatoriedade da submissão da mulher e o uso da mulher, especialmente a portuguesa, vista como mercadoria de importação e exportação. É possível ainda identificar na obra as disputas por territórios e riquezas em solo brasileiro, além de apresentar as revoltas da população nativa e um grande número de abusos de todas as esferas contras as mulheres.

A personagem principal, e que conta a sua própria história, é Oribela, uma órfã que vivia em um convento de Portugal e, assim como outras jovens, foi enviada ao Brasil com o propósito de casar-se com algum português que habitava a nova colônia. Na tentativa de expandir a população portuguesa no território pertencente a Portugal, Oribela é obrigada a viver como esposa do português Francisco de Albuquerque, um homem agressivo, vingativo, poderoso e de posses.

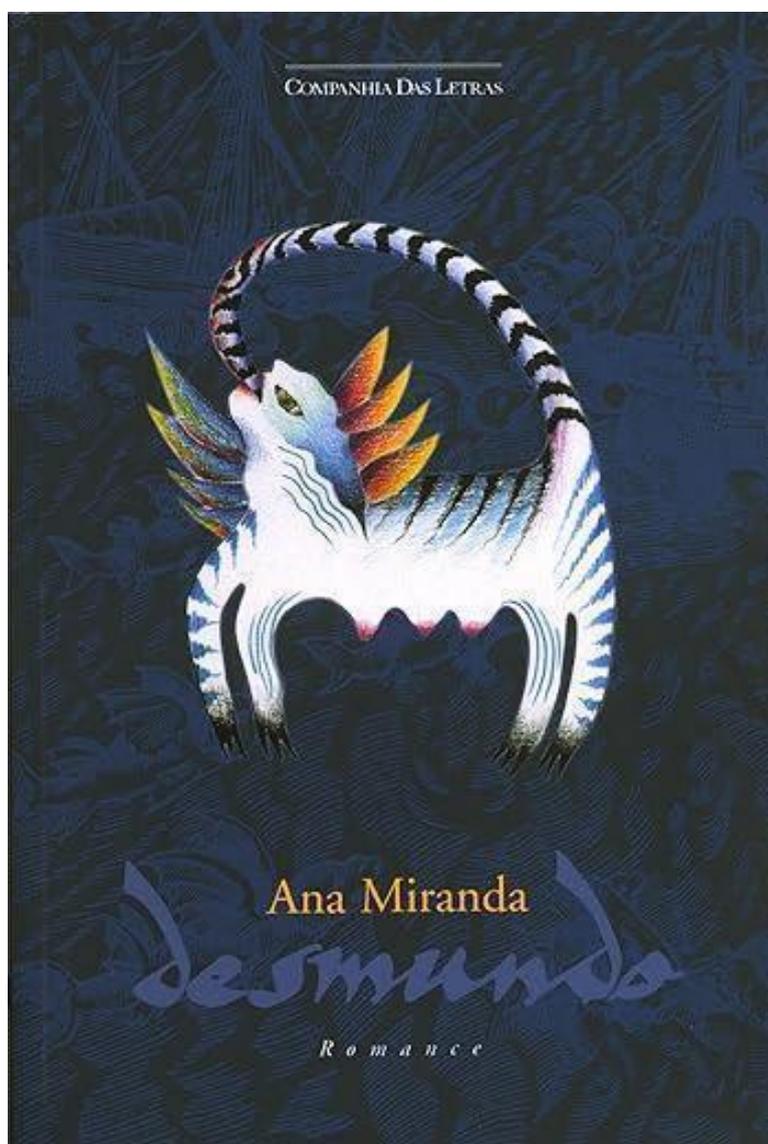
Além dos abusos sexuais, psicológicos e outras violências que Oribela passa durante o desenvolvimento da história, também é nítido o sofrimento de sua sogra, que aceita os ataques de seu próprio filho. Apesar dos abusos, a personagem principal se demonstra constantemente resistente a submeter-se aos desejos de Francisco de Albuquerque. E, com isso, desde o seu primeiro dia como moradora da nova colônia, a órfã planeja cotidianamente a sua fuga de retorno para Portugal.

A reviravolta acontece quando, em uma das tentativas de fuga de Oribela, a protagonista precisa se esconder de seu esposo e, então, acaba se abrigando em uma casa desconhecida. A residência pertence a um mouro, chamado Ximeno, por quem a órfã se apaixona à primeira vista e, então, conhece verdadeiramente o que é viver uma relação livre de abusos e violências. Ao descobrir, o marido não aceita a traição, afinal, Oribela fora enviada especificamente para casar-se com ele. Além disso, a traição masculina não tinha o mesmo julgamento que a traição feminina, afinal, ele se relacionava com outras pessoas, como as mulheres indígenas e as escravizadas, consideradas não cristãs e, por isso, com valor menor que uma mulher portuguesa. Destaca-se que a miscigenação não era bem vista, sendo essas mulheres comparadas até mesmo com animais no decorrer da obra.

Eram elas uns animais mansos e de alguma alma humana, nos sentimentos, feito umas gazelas, do que dera provas a Temericô muitas vezes e mais no meu recebimento de prenhe, na minha salvação, na amizade que me fazia valer, isso se fazia muito maduro em uma alma verde de natural, ao seu entendimento bastava me amar e a mim tomar como senhora, fora ordem de seu dono e assim era ela justa como uma dama branca das mais rebuçadas em respeito, honra, cristianismo. (Miranda, 1996, p. 202).

Ademais dos relatos escritos disponíveis no livro em que comparam a vida dessas mulheres com animais, na própria capa do romance, há um elemento importante a ser analisado, pois além do elemento mitológico em destaque, disponível ao centro, há o esboço de imagens das caravelas em um fundo escuro em segundo plano, e em seguida, ao nos deparamos com o protagonista da gravura, um animal desconhecido que está comendo sua própria cauda. Podemos interpretar que desde o início, há um caminho sem saída, rodeado de angústias e sofrimentos, a ser enfrentado pela personagem principal. O ser mitológico deixa claro que se trata da demonstração do feminino, evidenciado pelo desenho dos seios pintados na ponta com uma cor vermelha, como podemos observar na imagem 3.

IMAGEM 3 - capa do livro *Desmundo*.



(Imagem retirada do livro *Desmundo* - Miranda, 1996)

Com um enredo conflituoso durante todas as 213 páginas, a obra finaliza de maneira satisfatória para um romance. Após o vilão Francisco de Albuquerque sequestrar o filho de Oribela e desaparecer, a órfã sai do seu controle emocional ao imaginar que algum mal teria sido feito para seu filho. Com isso, a protagonista vai até a casa de Ximeno, que não está, porém, encontra um local em extrema desordem, como se houvesse uma luta de muito impacto dentro da residência, o que, em primeiro pensamento, Oribela conclui que provavelmente alguém morreu neste conflito, Francisco de Albuquerque ou Ximeno. E, então, após um estado de desespero, passado alguns minutos, ouve-se o choro de uma criança vindo em direção da porta principal. Quando direciona o seu olhar, Ximeno está com seu filho no colo. No romance, o fim de Francisco de Albuquerque fica incerto, já que a história do vilão termina em aberto. O que fica evidente na obra é que Oribela e Ximeno conseguem vivenciar o amor que tanto lutaram para ter.

É evidente que o texto possui um enredo que mostra uma outra face para a colonização do Brasil, visto que a maioria dos estudos referentes a este período traz como papel principal o protagonismo do homem e suas conquistas, explorando novos territórios. Portanto, é de grande valia a tentativa da autora de fazer uma análise através da perspectiva da mulher que era tratada como mercadoria, pois mesmo que a história de Oribela seja fictícia, foi a realidade de inúmeras outras que foram silenciadas e violentadas nesse período. Além disso, elaborar a redação do livro com um léxico considerado mais culto para fazer o leitor se aproximar da realidade quinhentista, também enriquece o conteúdo principal a ser passado. O ônus dessa tarefa é que se torna uma obra de difícil entendimento já que, por muitas vezes, o excesso de arcaísmos, ou seja, palavras em desuso, faz com que não se tenha um sentido semântico e até mesmo sintático, principalmente para não-pesquisadores.

É indiscutível que o livro possui uma trajetória impactante e narrada de forma inédita no cenário da colonização portuguesa. Por isso, no ano de 2002, o diretor Alain Fresnot reproduziu um filme baseado em *Desmundo*, que contém o mesmo título, sendo estrelado por Simone Spoladore como Oribela, Osmar Prado como Francisco de Albuquerque e Caco Ciocler como Ximeno. O diferencial é que para manter a linguagem arcaica desenvolvida por Ana Miranda, o filme todo é reproduzido em galego-português e, então, legendado em português, pois somente com as falas dos personagens nesse idioma arcaico não seria possível a compreensão da trama, o que mais uma vez confirma o que Amorim (2007) expõe em sua resenha, como evidenciado na introdução deste trabalho.

*Desmundo* possuiu inúmeras vendas de exemplares desde o seu período de lançamento, porém, a sintaxe é uma problemática notável para os leitores do livro, já que

muitas construções que são desconexas da gramaticalidade do PB, pois é uma linguagem que só faz sentido nos dias atuais caso o leitor tenha um conhecimento prévio sobre a organização da sintaxe presente no PM. Portanto, como meio de identificar a organização da gramática utilizada no período quinhentista, foram selecionados documentos históricos transcritos naquele período das grandes navegações, para assim analisar e traçar um paralelo do que seria êxito/distanciamento na tentativa de reprodução de um português em um período o qual a autora não faz parte.

## 2.2. DOCUMENTOS HISTÓRICOS OFICIAIS DAS MISSÕES JESUÍTICAS

Ao realizar uma leitura ficcional de um romance que remete ao período quinhentista torna-se instigante pesquisar quais dos elementos apresentados se aproximam da realidade ou então se distanciam do que de fato ocorreu. Uma das formas de ter acesso a uma realidade que não nos pertence é através de documentos históricos. Nesse cenário, conseguimos acesso aos muitos dos documentos oficiais das grandes navegações que estão disponíveis escaneados na Biblioteca Nacional Digital (BND). Com isso, as correspondências das missões jesuíticas de 1548 para o Japão e China foram as escolhidas como material contrastivo para esta pesquisa.

Um dos motivos da escolha desse material é o nível de conservação, pois como é um documento com mais de 500 anos, é compreensível que contenham rasuras e elementos danificados. Porém, dentro do eixo das grandes navegações, o arquivo selecionado é o de melhor conservação disponível no acervo. Ademais, mesmo se tratando de uma obra rara, é um documento de acesso facilitado e gratuito em que está disponível no endereço: [https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/or817889/or817889.pdf](https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or817889/or817889.pdf), e pela proximidade do período de envio das cartas retratadas nesse documento, coincide exatamente com o período que Ana Miranda também retrata em seu livro *Desmundo*.

Ao adentrar na divisão do texto, o primeiro tomo disponível no arquivo encontra-se entre as páginas três até a página 197, sendo os dois primeiros *scanners* apenas para fins informacionais de capa e contracapa. Em seguida, na página 198 há o início do segundo tomo, que posteriormente concluiu-se na página 979. Cabe destacar que o arquivo com 1957 páginas totais tem, a partir da página 979, uma duplicação de conteúdo, sendo cópia dos primeiros dois tomos de catalogação. O compilado, no geral, disponibiliza documentos entre os anos de 1548 até 1580, e para obter uma análise quantitativa similar a que *Desmundo* obteve, não foi coletado o segundo tomo, portanto, delimitou-se a coleta do *corpus* nas primeiras 197

páginas, que contempla os períodos de 1548 até 1561, o que resulta em um número semelhante as 213 páginas do livro de Ana Miranda.

O documento das grandes navegações entre Japão e China inicia com a coleta de dados na página três, pois as duas primeiras páginas anteriores ao conteúdo coletado contam com a capa e a contracapa do arquivo em que, no caso do compilado, é possível encontrar a logo da Biblioteca Nacional do Brasil, localizada no Rio de Janeiro, ou seja, o documento não possui nenhuma ilustração autoral no período quinhentista e, no documento analisado, temos disponível apenas o *Ex Libris*, que se trata da etiqueta ou carimbo para identificar de quem o livro pertence, que do latim significa “*propriedade de*”. Portanto, entende-se que o compilado não possui uma capa de própria autoria, e sim apenas a primeira página catalogada de quem o material pertence como mostra a imagem 4:

IMAGEM 4 - Capa do compilado de cartas das missões jesuítas de Japão e China

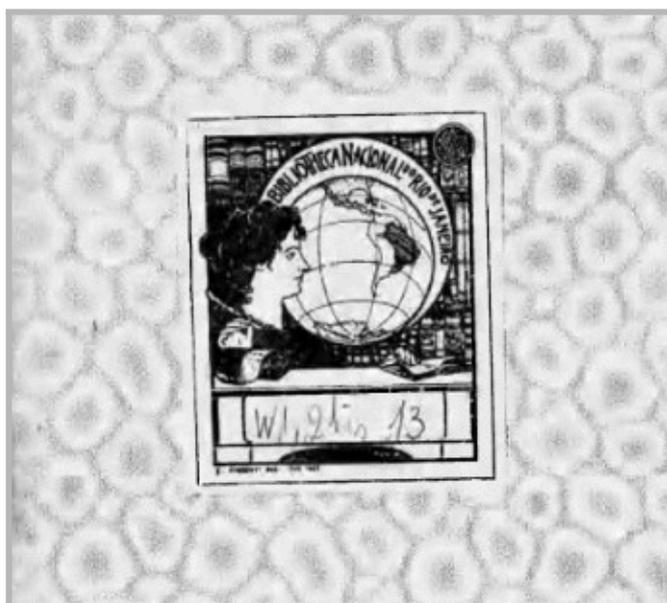


Imagem retirada de BNDigital, 1548.

Para melhor visualização, vejamos a imagem na íntegra que destaca os elementos elaborados por Eliseu Visconti, no ano de 1903 para compor o *Ex libris* da Biblioteca Nacional. Conforme apresenta Pottker (2006), todos os elementos referem-se ao cunho da própria biblioteca, como a estante de livros ao fundo, a pena para escrever, o livro em aberto e o mapa mundo ao fundo, destacando a América do Sul com foco no mapa do Brasil em destaque, conforme podemos ver na imagem 5:

IMAGEM 5 - *Ex Libris* da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

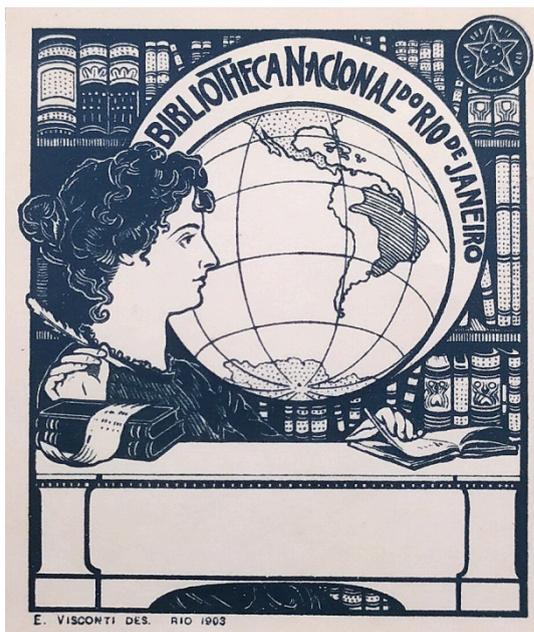


Imagem retirada da internet, 2024.

Então, com o documento sem uma capa oficial, diretamente é possível encontrar o primeiro tomo, em que demonstra que o arquivo foi impresso a mando do Dom Theotônio de Bragança, que era o arcebispo da Europa naquele período, como podemos observar na imagem 6:

IMAGEM 6 - Primeiro tomo do compilado de cartas.

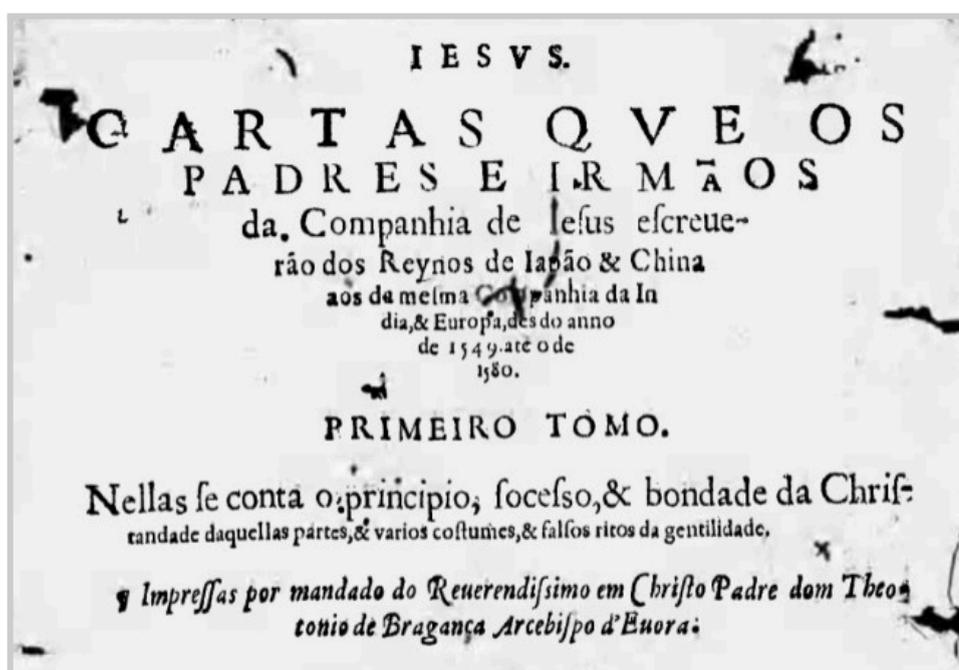


Imagem retirada de BNDigital, 1548.

Com a impressão dos tomos autorizada, é possível encontrar cartas do Padre Cosme de Torres, Irmão Pedro de Alcáçova, Padre Aires Brandão, Padre Gaspar de Vilela, Irmão Luís Frões, Padre Baltasar Gago, Irmão Gonçalo Fernandez, entre outros padres, irmãos, missionários e até mesmo alguns reis que imperavam naquele período, todos envolvidos com a Companhia de Jesus. Um dado incomum sobre o compilado é que nem sempre as cartas estão localizadas por ordem cronológica no arquivo, pois ora aparecem cartas de 1558 e ora retornam para a listagem do ano de 1555, porém, todas estão dentro do mesmo século, o que não altera na análise qualitativa desta pesquisa.

O enredo presente nas 197 páginas iniciais se passa com os padres e irmãos jesuítas, relatando as dificuldades encontradas em alto mar, perseguições religiosas e políticas e até mesmo temor pela vida, porém, mesmo com a dificuldade, não deixavam de manifestar a fé em Deus e a adoração a Jesus Cristo

Vinhão algüs Chriftãos dormir a cafa para vigiar, & cõ eftes medos carifsimos irmaõs, pafsamos quafi todo o inuerno, mas nem por iffo deixou de auer na corefma todos os dias prêgaçam, & á fefta feira e Domingo difciplina, em a qual fe diciplinauão todos os de cafa, & Iapões que vinhaõ á difciplina: & antes da diciplina lhes fazião prêgaçam por efpaço de mea hora, e moftrauão hum crucifixo grande, & apagauão as candeas, e fe difciplinauão com grande feruor por efpaço [...] (p.122)

Além disso, algumas cartas também expõem a dificuldade da comunicação com os asiáticos, já que a língua oficial do Japão possui o alfabeto *Hiragana*, o qual os missionários jesuítas não o conheciam. Contudo, prontamente se dispuseram em aprender alguns vocábulos, e até mesmo orações, já que era necessário para conseguir o objetivo de implementar o catolicismo naquele país. Então, em algumas seções das cartas, são encontradas uma espécie de glossário, como é possível observar na imagem 7, para assim situar os irmãos portugueses que não estavam envolvidos com esta parte da colonização asiática.

IMAGEM 7 - Decodificação da língua japonesa pelos portugueses.



Imagem retirada de BNDigital, p. 132.

Salientamos que a parte da decodificação da nova linguagem não foi incluída na coleta de dados, apenas foram coletas as sentenças que tinham o enredo das narrativas vivenciadas pelos integrantes da Companhia de Jesus para, dessa forma, termos um *corpora* com gêneros textuais mais similares para realizar o estudo comparativo. A pauta principal das 197 páginas do primeiro tomo possui o mesmo assunto: sucessos e derrotas alcançadas pelos portugueses no período das grandes navegações, porém, encontramos diferentes remetentes e destinatários nesse compilado.

Dessa maneira, para fins de organização, é exposto a seguir, no Quadro 6, de que forma as cartas são encontradas no arquivo, ou seja, quem são os autores e para quem se destina aquela carta através daquele determinado número de laudas. Essa divisão faz-se

necessária, pois a forma de escrita de cada autor trata-se de um objeto de muita individualidade, o que pode ser encontrado elementos diferentes conforme sua autoria. Outra observação é o tempo de cronologia da organização do arquivo, que conforme já foi citado, não segue uma ordem linear crescente e alguns inclusive encontram-se sem data postada.

QUADRO 6 - Data e autoria das cartas enviadas pelos padres e irmãos jesuítas

<b>Escrita em</b>	<b>Remetente</b>	<b>Destinatário</b>	<b>Páginas</b>
(aprovação de impressão datado no ano de 1596)	Diversos autores seguindo os trâmites introdutórios	(não se aplica)	p. 3 - p. 6
janeiro 1549	Padre Mestre Francisco	Padre Mestre Simão	p. 7 - p. 10
novembro 1548	Paulo Japão (que antes de se converter se chamava Ângelo)	Padre Inácio de Loyola	p. 10 - p. 12
janeiro 1549	Padre Cosme de Torres	COMPANHIA DE JESUS	p. 12 - p. 15
junho 1549	Padre Mestre Francisco	Padre Mestre Simão	p. 15 - p. 20
novembro 1549	Padre Mestre Francisco	Aos irmãos do Colégio de São Paulo de Goa	p. 20 - p. 38
novembro 1549	Padre Mestre Francisco	Dom Pedro da Silva - Capitão de Malaca	p. 38 - p. 39
novembro 1549	Paulo Japão (que antes de se converter se chamava Ângelo)	Irmãos da Companhia de Jesus do Colégio de Goa	p. 39 - p. 40
setembro 1551	Padre Cosme de Torres	Irmãos da Companhia de Jesus da Índia	p. 40 - p. 44
outubro 1552	Padre Cosme de Torres	Padre Mestre Francisco	p. 44 - p. 45
outubro 1551	Irmão João Fernandez	Padre Mestre Francisco	p. 45 - p. 49
janeiro 1552	Padre Mestre Francisco	Padre Inácio de Loyola	p. 50 - p. 53
1554	Irmão Pedro de Alcáçova	Irmãos da Companhia de Jesus de Portugal	p. 53 - p. 63
dezembro 1554	Padre Aires Brandão	Irmãos da Companhia de Jesus	p. 63 - p. 67
abril 1554	Padre Gaspar de Vilela	Irmãos da Companhia de	p. 67 - p. 68

		Jesus do Colégio de Coimbra - Portugal	
dezembro 1554	Padre Mestre Belchior	Irmãos da Companhia de Jesus de Portugal	p. 68 - p. 72
novembro 1555	Padre Mestre Belchior	Irmãos da Índia, Portugal, Roma e toda Europa.	p. 72 - p. 81
sem data	Del Rey de Firando	Padre Mestre Belchior	p. 81 - p. 81
janeiro 1556	Irmão Luis Frões	Irmãos da Companhia de Jesus da Índia	p. 82 - p. 84
setembro 1555	Padre Baltasar Gago	Irmãos da Companhia de Jesus da Índia e Portugal	p. 84 - p. 90
setembro 1555	Padre Baltasar Gago	El Rei Dom João Terceiro	p. 90 - p. 92
março 1558	El Rei Dom Sebastião	El Rei de Bungo	p. 92 - p. 92
setembro 1555	Irmão Duarte da Silva	Irmãos da Companhia de Jesus da Índia	p. 92 - p. 95
setembro 1555	Padre Cosme de Torres	Irmão Duarte da Silva	p. 95 - p. 101
janeiro de 1558	Padre Mestre Belchior	Irmãos da Companhia de Jesus de Portugal	p. 101 - p. 109
novembro 1557	Padre Cosme de Torres	Irmãos da Companhia de Jesus de Portugal	p. 109 - p. 114
novembro 1557	Irmão Luis de Almeida	Padre Mestre Belchior	p. 114 - p. 116
outubro 1557	Padre Gaspar Vilela	Irmãos da Companhia de Jesus da Índia e Europa	p. 117 - p. 133
1559	Irmão Luis de Almeida	Padre Mestre Belchior	p. 133 - p. 134
novembro 1559	Irmão Luis de Almeida	Irmãos da Companhia de Jesus do Colégio de Goa	p. 134 - p. 135
novembro 1559	Padre Baltasar Gago	Irmãos da Companhia de Jesus da Índia	p. 135 - p. 143
outubro 1559	Irmão João Fernandez	Padre Mestre Belchior	p. 143 - p. 145
setembro 1559	Padre Gaspar de Vilela	Irmãos da Companhia de Jesus do Colégio de Goa	p. 145 - p. 147

outubro 1560	Padre Cosme de Torres	Padre Mestre Belchior	p. 147 - p. 148
junho 1560	Lourenço Japão	Padres e Irmãos da Companhia de Jesus de Bungo	p. 148 - p. 153
dezembro 1560	Irmão Gonçalo Fernandez	Um Irmão do Colégio da Companhia de Jesus de Coimbra	p. 153 - p. 156
outubro 1561	Padre Cosme de Torres	Padre Antonio de Quadros	p. 156 - p. 162
outubro 1561	Irmão João Fernandez	Irmãos da Companhia de Jesus	p. 162 - p. 174
outubro 1561	Irmão Luis de Almeida	Padre Antonio de Quadros	p. 174 - p. 187
agosto 1561	Padre Gaspar de Vilela	Irmãos da Companhia de Jesus da Índia	p. 188 - p. 197

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Com isso, são somados pouco mais de quinze autores e remetentes, aparecendo predominantemente o Padre Mestre Francisco, Padre Mestre Belchior e Padre Cosme de Torres. Além disso, podemos também encontrar documentos assinados por um grupo de fiéis conforme a localização, como os Irmãos da Companhia de Jesus da Índia, Portugal, Goa, entre outros. O documento segue um padrão formal de relatos, alguns diários, outros mensais e/ou anuais, expondo os êxitos e os fracassos das missões jesuíticas.

Com a exposição dos remetentes, podemos concluir que o maior registro foi de laudas redigidas pelo Padre Mestre Francisco, que possui um nome de muita relevância dentro da Companhia de Jesus, já que foi um dos fundadores do movimento missionário para o oriente. Além disso, Francisco Xavier foi um missionário conhecido por ser aliado de Inácio de Loyola, conforme documentos históricos do Instituto Humanitas Unisinos (2006). O Padre faleceu em 1552, durante a missão para a China, e sua morte está registrada em um dos fragmentos das cartas em que o Padre Baltasar Gago lamenta a partida de seu companheiro de missão

[...] o Padre Mestre Francisco, quando de cafoi para a India, & afsi a cadahũ dos da Cõpanhia, [...] por amor de Chrifto noffo noffo Sñior o receba cõ aquella affabilidade cõ que recebe os da Companhia. Não fe offerece outra coufa de q auifar a V.A. fenão q nefta terra (porque a oraçam dos nouamente conuertidos vai muito diante de Deos) [...] (p. 91)

Em segundo lugar, estão os escritos do Padre Gaspar de Vilela. Boscariol (2012) afirma que esse integrante da Companhia de Jesus não fez parte dos primeiros grupos que

exploraram o Japão, porém, o missionário conviveu com os principais integrantes que fizeram parte desse movimento, principalmente Cosme de Torres, que é quem conta com o terceiro número de maior registros dos documentos das cartas. Após a mudança do Padre Mestre Francisco para Goa, Cosme de Torres foi quem se tornou o superior da missão até o ano de 1570 e era um dos maiores motivadores para os missionários estudarem a língua japonesa para expandirem de forma mais proveitosa o catolicismo no continente asiático, conforme relata Mesquita (2019).

### 2.3 CONTRASTE DE ENREDO DOS DOIS *CORPORA* DE ANÁLISE

Ao fazer uma análise contrastiva do conteúdo dos dois documentos, primeiramente no enredo de *Desmundo*, é mostrado a face oculta da colonização, que se trata do papel de submissão da mulher, enquanto isso, as cartas das missões jesuíticas centram-se apenas nos homens, no quesito dos destinatários e também como os remetentes. Além disso, os relatos de violência sofridos por Oribela e as demais figuras femininas presentes no enredo, em nenhum momento é encontrado fragmento semelhante sobre importação de mulheres no primeiro tomo do compilado de cartas do século XVI, pois o documento oficial tem o seu foco apenas em relatar os lugares, a implementação da fé católica para os asiáticos, os temores enfrentados durante as navegações e as dificuldades com a língua, invisibilizando o assunto da expansão de número de portugueses nas colônias através da importação de mulheres.

Sendo assim, referente ao enredo dos dois documentos de análise, há a diferenciação do foco de assuntos, ou seja, *Desmundo* trata de uma fantasia para compor um romance, e mesmo com alguns vestígios do cenário da época, ainda assim o foco era o romance da personagem principal. Já o compilado de cartas trata de um documento histórico referente aos relatos da busca por novos territórios. Com isso, mesmo com os dois documentos tratando de períodos históricos semelhantes, o foco dos assuntos diverge, porém, considera-se que esta alteração não terá impacto no resultado da coleta de dados, visto que o foco da pesquisa refere-se à linguagem utilizada na época e não o enredo dos documentos.

Posto isso, a seguir prosseguimos com a próxima seção do trabalho em que evidenciamos os moldes organizacionais dos dados encontrados nos dois *corpora* de análise, destacando os elementos que foram levados em consideração e também aqueles que foram descartados. Além disso, como se trata de uma investigação de natureza contrastiva, foi desempenhado um significativo esforço para mantermos um padrão uniforme da coleta de

dados em ambos os estudos, buscando uma comparação equitativa dos resultados para, assim, chegarmos a uma conclusão mais sólida e concisa ao finalizar o trabalho.

## 2.4 METODOLOGIAS DE TRABALHO

Para fins de continuidade do estudo realizado desde 2020 em que se investigou a gramática utilizada por Ana Miranda para compor o romance *Desmundo*, o primeiro passo para compreender o enredo disposto no livro foi assistir ao filme dirigido por Alain Fresnot, em que utilizava do galego-português nas falas dos personagens e conta com legendas em PB para os telespectadores entenderem a contextualização. Com isso, mesmo com acontecimentos um pouco divergentes do que apresenta a obra escrita, foi possível uma compreensão resumida da organização dos acontecimentos presentes na trama de *Desmundo*.

Posteriormente, para compreender o conteúdo das cartas enviadas nas grandes navegações para Japão e China, também foram realizadas duas leituras do epistolário, ou seja, do compilado de cartas, com a finalidade de decodificar a obra, sendo a primeira apenas para compreender o contexto histórico pertencente, e a segunda, de fato uma leitura investigativa. Desta forma, após a segunda leitura, toda sentença finita era coletada e transcrita em uma planilha do *Excel* em ordem cronológica. Em seguida, a classificação sintática também era apresentada conforme os seguintes elementos:

V = para verbo;

cl = para clíticos;

C = para complemento do verbo;

Neg = para negação;

X = para adjuntos, conectores de texto, advérbios, preposições, sujeitos fora da construção clítica interpolada e outros elementos;

S = para sujeito encontrado apenas dentro da interpolação entre o pronome clítico e o verbo.

Desta forma, as planilhas ficaram organizadas da seguinte forma: primeiramente, a coleta de ambos os textos foi realizada pela ordem cronológica, ou seja, ao decorrer das páginas, ao encontrar algum clítico, este era registrado na planilha e, logo em seguida, classificado na ordem sintática. Assim, era feita a divisão entre proclíticos, enclíticos, mesoclíticos e interpolação. Por fim, a marcação do pronome oblíquo átono também era registrada. A marcação do tipo de sentença também foi feita, podendo variar entre oração

principal, oração coordenada, oração dependente (alternando em subordinada, relativa ou completiva), conforme é possível observar no exemplo disponível no Quadro 7:

QUADRO 7 - Metodologias do princípio de classificação nas tabelas do *Excel*

Trecho	Ordem	Categoria	Clítico	Oração
[...] a qual <b>fe fez</b> de emolas do efprital [...] p. 134	X cl V C	Próclise	fe	Dependente
<b>Podeffe</b> imprimir vista a licença [...] p. 4	V cl X	Ênclise	fe	Principal
[...] os que forem Sophiftas <b>tomaloshão</b> logo em contradizam [...] p. 51	V cl - cl X	Mesóclise	los	Coordenada
[...] pera que <b>lhe não efqueca</b> , [...] p. 163	X cl Neg V	Interpolação	lhe	Dependente

Fonte: Documento jesuíta de 1548.

O tempo de coleta do documento jesuíta prolongou-se mais do que o esperado visto que os grafemas e o léxico disponíveis no documento são muito diferentes do que fora encontrado na obra de Ana Miranda. A justificativa da utilização de uma planilha de *Excel* para fazer a coleta de dados de *Desmundo* e do documento oficial jesuíta dá-se pela praticidade de manipular esses dados, copiar e colar as sentenças dos arquivos para as planilhas, no entanto, não é descartado no futuro a possibilidade da utilização de outras ferramentas de pesquisa. É preciso levar em consideração, também, o número de páginas disponíveis das cartas jesuíticas, pois, como se trata de um compilado dividido em dois grandes tomos, optamos por coletar apenas o primeiro tomo, totalizando 197 páginas, e, assim, conseguimos um estudo comparativo mais igualitário, visto que o romance *Desmundo* possui 213 páginas.

Então, ao finalizar a coleta das sentenças realizadas pelos missionários jesuítas, houve a divisão das pastas da planilha para separar e agrupar os dados em registros de próclise, ênclise, mesóclise e interpolação. Desta forma, fragmentando cada uma em seu determinado nicho, conseguimos ter um olhar mais detalhado sobre as ocorrências de ordem que aconteceram em cada uma das ocorrências, e também, os tipos de orações mais recorrentes em cada uma das classificações, afinal, um dos trabalhos posteriores seria identificar os contextos categóricos e contextos de variação que será demonstrado em alguns parágrafos a seguir.

Além disso, foi visto a necessidade de separar a realização dos clíticos conforme a redação dos autores e, então, houve a duplicação dos dados totais em uma segunda planilha de *Excel*. Dessa forma, foi disponibilizada uma aba para cada autor que teve sua contribuição com o compilado de cartas. Considerando que o documento contou com a participação de diferentes remetentes e destinatários, compreendemos que a modalidade da escrita pode variar de um indivíduo para outro, principalmente pelo dado de que eles não ocupavam as mesmas posições hierárquicas e no epistolário há documentos de padres, irmãos, e cargos de alta hierarquia, como os reis que imperavam naquele período, arcebispos, entre outros, que também podem influenciar suas formas de escrita.

Então, primeiramente dividimos as abas conforme a autoria iniciando pelos índices introdutórios que possuem variados autores integrantes da Companhia de Jesus. Em seguida, observamos a realização dos clíticos realizados pelos seguintes autores: Padre Mestre Francisco, Irmão Paulo Japão, Padre Cosme de Torres, Irmão João Fernandez, Irmão Pedro Alcaçova, Padre Aires Brandão, Padre Gaspar de Vilela, Padre Mestre Belchior, Del Rey de Firando, Irmão Luis Frões, Padre Baltasar Gago, El Rei Dom Sebastião, Irmão Luis de Almeida, Lourenço Japão e, por fim, Irmão Gonçalo Fernandez.

Para fins de classificação sintática, utilizamos a metodologia de Lobo (2002) para dividir os dados em dois eixos: categóricos ou variáveis. Conceitos categóricos (lê-se como obrigatórios), são as ocorrências que naquele período é a única possibilidade aceita na gramática formal. Já o contexto variável é aquele o qual os fenômenos podem ser alternados em próclise ou então em ênclise, a depender da preferência do autor. Dessa forma, foram excluídos todos os contextos categóricos, que serão expostos a seguir, afinal, se há a obrigatoriedade de uma posição clítica ocorrer naquela sentença, ela não pode ser considerada como opcional conforme a redação do autor, e sim uma norma já pré-estabelecida pela gramática daquele período. Por este motivo, foram considerados apenas os contextos de variação, pois dessa forma será possível distinguir a preferência da modalidade escrita entre a utilização de um fenômeno ou então outro.

Aqui, unimos a metodologia de Lobo (2002) e exemplificamos com os dados pertencentes ao compilado de cartas dos integrantes da Companhia de Jesus para auxiliar na identificação de cada um dos contextos, sendo eles:

#### **A) Orações não dependentes:**

- Verbo em posição inicial – colocação pós-verbal **categórica**:

(1) **Fezlh**es Deos tanta merce dandolhes a fentir [...] p. 16

(2) **Encomendaime** carifsimos padres [...] p. 109

- Verbo precedido por sujeito nominal – colocação pré-verbal **categórica**:

(3) *O padre* **fe meteo** em a mefma nao [...] p. 64

(4) *Deos noffo Senhor* **nos dé** graça para imitarmos [...] p. 63

- Verbo precedido por sujeito pronominal pessoal – colocação pré-verbal **categórica**:

(5) *Eu* **lhe diffe** que fi: [...] p. 10

(6) *Elle* **lhe tem** guardados em a outra vida cento. p. 39

- Verbo precedido por negação – colocação pré-verbal **categórica**:

(7) *Não* **vos poderia** contar [...] p. 104

- Verbo precedido por SADV ou SP adverbial – **variável**:

(8) *Pelo amor de noffo Senhor* **o confoleis** [...] p. 9

(9) *Alg~uas vezes tambem* **nos apedrejauão** [...] p. 57

(10) *Então* **defpejemfe** os Collegios, & venhaõfe ca pouoar [...] p. 146

- Verbo precedido por oração subordinada adverbial – **variável**:

(11) *Ca não efranhão agora* **fazeremfe** Chriftaõs [...] p. 30

(12) *Agora me mandou o padre M.Belchior* **lhes efcreuiffe** [...] p. 63

## **B) Orações Coordenadas:**

- Aditivas introduzidas pelo conectivo E – **variável**:

(13) [...] & **deraõlhe** o recado da índia [...] p. 54

(14) [...] & **fe chama** Ningit que quer dizer [...] p. 25

- Adversativas introduzidas pelo conectivo MAS – colocação pós-verbal **categórica**:

(15) [...] *mas* **aplacauãfe** quando falauão ao padre [...] p. 45

(16) [...] *mas* **mandoulhes** alg~uas imagens, & efcreuolhes [...] p. 173

**C) Orações Dependentes** (encontradas em nosso *corpus* como: orações subordinadas, orações relativas e orações completivas):

Com tempo:

- Desenvolvidas (completivas, relativas e adverbiais) – colocação pré-verbal **categórica**:

- (17) [...] o castigo *que* **lhe dão** he matalos. p. 156
- (18) [...] lhes pedi me deffem licença, *a qual* elles **me deraõ** com muito fentimento [...] p. 185
- (19) [...] nefta lhe direi *breuemente que* **nos ha acõtecido** [...] p. 148
- (20) [...] por derradeiro **nos mãdou dizer** [...] p.114

Sem tempo:

- Reduzidas de infinitivo não regidas por preposição – colocação pós-verbal **categórica**:

- (21) [...] os excitão **matarnos**. p. 121
- (22) [...] **faberfe** o que la auia [...] p. 146

- Reduzidas de infinitivo regidas por preposição – **variável**:

- (23) [...] & feros q lhes po~e diante, *para* **eforuarlhes** o feruiço d Deos [...] p. 23
- (24) [...] arremetião *para* **nos matar** [...] p. 141
- (25) [...] com alg~us irmãos *para* **fe vir** para Malaca [...] p. 82

- Reduzidas de gerúndio não regidas por preposição: colocação pós-verbal **categórica**:

- (26) [...] & lhe dei a carta, **parecendome** q a daua ao dito dõ Fernando [...] p.10
- (27) [...] não me parecendo bem eftar afsi, tornamos ao Miãco, **pondonos** em cafa de h~u Chriftão [...] p.192
- (28) [...] & **pedindoq** afsi ao capitão do nauio, me fizeraõ defembarcar [...] p.188

No próximo capítulo, o quantitativo geral de todas as sentenças são apresentadas primeiramente sem o juízo de categorização. Posteriormente, a partir da categorização elas são sinalizadas como contexto categórico (que foram desconsideradas as análises em nosso *corpora*) ou então como contexto variável *cl-V* ou *V-cl* (que foram mantidas para serem analisadas). Como a intenção deste trabalho centra-se em descrever os dados encontrados nos dois *corpora* e compreender as aproximações e os distanciamentos de Ana Miranda para produzir o português quinhentista, apenas as sentenças de contexto variável foram analisadas para compreendermos as preferências de uso dos fenômenos que podem ser alternados, e então assim, conseguimos comparar principalmente com os dados das cartas quinhentistas de 1548.

Por fim, destacamos que uma dificuldade evidente desta pesquisa foi no processo da coleta das sentenças disponíveis nas cartas, pois ao adentrar na investigação do documento oficial, percebemos a diferenciação/inversão de alguns grafemas que não estávamos habituados, principalmente no se refere ao <f> e <s>, ou seja, fricativa labiodental surda [f] e a fricativa alveolar [s], em que há a inversão desses em muitos momentos na escrita das cartas, como por exemplo, no próprio pronome pessoal átono “se”, em que é encontrado como “fe”, conforme o exemplo “[...] **defcuidandofe** das ignorâncias dos Gentios” (1548, p.8). Além disso, a duplicação do grafema <f> pode ser encontrado com uma ocorrência bem significativa nos documentos também, como por exemplo “[...] & **offrecerfee** a efte trabalho [...]” (1548, p.67), todavia, a diferença interfere apenas na escrita, já que na fonética “[...] o [f] não apresenta muitas particularidades que suscitem dúvidas no seu uso [...]” (Carneiro, 2002, p.337), portanto, apenas na escrita surge esta divergência, o que em um primeiro momento pode causar uma certa estranheza para um falante de PB contemporâneo.

Já no que se refere ao uso do <i> e <y> também há uma oscilação, porém, novamente, Carneiro (2002) alerta que é apenas uma substituição de grafemas, uma mudança na escrita, sem adentrar muito em questões morfossintáticas. Além disso, outros fenômenos que foram encontrados no decorrer do *corpus* das cartas jesuíticas se apresentam também como fenômenos investigativos de Carneiros, como a nasalização da sílaba final “[...] que me apartou do ventre de minha **mãiy** [...]” (1548, p.10).

Há outros elementos que se destacam quando se refere ao âmbito da fonética ou então os grafemas utilizados, seja a substituição do <v> pelo <u> ou então o preenchimento do <h> ou não <Ø>, como também a duplicidade das vogais, como por exemplo <aa>, <ee>, <oo>, por como no trecho “[...] **tomãdoo** por deuação” (1548, p.116), mas é alertado que “[...] nesses casos não se justificam etimologicamente, provavelmente são usadas como forma de abertura da vogal ou como representação da vogal da sílaba acentuada” (Carneiros, 2002, p.338). Todos estes elementos citados que se referem à fonética e a substituição dos grafemas, muitas vezes formando um léxico desconhecido para o PB contemporâneo, foram apresentados neste eixo para compreendermos de maneira mais clara quais foram as dificuldades encontradas na coleta de dados das cartas jesuíticas, pois quando se trata do qualitativo das alterações fonéticas ou, então, morfológicas não há interferências significativas, já que o foco deste trabalho alicerça-se para fins de análise sintática e, neste eixo em específico, essas alterações não comprometem o resultado final do trabalho.

A coleta dos dois tomos totais disponíveis no arquivo não está descartada para estudos futuros, já que grande parte da dificuldade encontrada inicialmente com o documento

centrou-se na não habitualidade com os grafemas e o léxico disponível no texto. Todavia, acredita-se que o número dos fenômenos encontrados no primeiro tomo das cartas não irá se destacar de uma maneira contrastiva quando comparados ao segundo tomo, pois as datas do compilado de cartas não há um salto significativo na temporalidade e, com isso, não seriam perceptíveis as alterações presentes na sintaxe da língua, pois todas estariam dentro do enquadramento do PM.

Por fim, ao finalizar a coleta dos dados referente aos pronomes clíticos, foi necessário realizar uma busca dos fenômenos pertencentes ao PA, PM, PE e PB, porque, por mais que tenhamos um quantitativo das sentenças coletadas de *Desmundo* e do documento oficial quinhentista com bastante contraste, ainda assim, precisamos de dados qualitativos de como ocorria a organização desses clíticos nos períodos citados. Para isso, recorreu-se ao aporte teórico das pesquisas de Paixão de Sousa (2004), Namiuti (2008) e Galves (2006) que trabalharam com o CTB, e também outros autores, como Mattos e Silva (2002; 2006), Carneiro (2002), Martins (1994; 2016), pesquisadores que estudam os fenômenos sintáticos da organização dessas línguas operantes em épocas remotas (PA e PM) e atuais (PE e PB). Assim, com o aporte teórico já coletado também, é possível dar início aos resultados e discussões, e então, interligar nossos dados quantitativos com os qualitativos.

## 2.5. RESUMO DO SEGUNDO CAPÍTULO

Neste capítulo foi possível nos depararmos com o enredo das duas obras que compõem o nosso *corpora* de análise. O primeiro item apresentado, o romance *Desmundo*, é ambientado nos primeiros anos da colonização do Brasil e a narrativa retrata uma jovem órfã que foi exportada de Portugal para casar-se com Francisco de Albuquerque, um também português, mas que já habitava a colônia. A obra oferece uma perspectiva feminina sobre este período, e embora a trama tenha elementos muito enriquecedores referentes ao enredo do período, a sintaxe complexa exige uma dedicação extra na leitura para os falantes do PB não habitualizados com a linguagem arcaica.

Já o segundo *corpus* apresentado nesta seção, o qual trata-se de um documento oficial enviado no período das grandes navegações para Japão e China no século XVI, possui suas páginas digitalizadas pela Biblioteca Nacional Digital (BND) e está disponível de maneira gratuita, online e de fácil acesso para quem possa interessar. A escolha desse material mostra

a perspectiva dos colonizadores adentrando nos países explorados por Portugal, e apesar de ser um documento com mais de 500 anos, sua conservação é um fato que chama atenção.

Diferentemente de *Desmundo* em que se trata de uma história ficcional, as cartas jesuíticas tem o seu enredo baseado em fatos vivenciados pelos integrantes da Companhia de Jesus. Outro elemento contrastivo é que no romance apenas a personagem principal relata as histórias as quais ela presencia, já no compilado de cartas é identificado cerca de mais de 15 autores que tiveram participação no mesmo documento, com escritos dos anos de 1548 até 1561.

Por fim, as metodologias utilizadas para comparar e entender os dois *corpora* de análise, centraram-se na coleta de sentenças com pronomes clíticos. Com isso, as sentenças eram transcritas em uma planilha do *Excel*, categorizadas sintaticamente, e classificadas conforme o tipo de oração. Este trabalho ocorreu por ordem cronológica da leitura dos materiais e a transcrição e classificação ocorreram todas de maneira manual. As orações foram classificadas como principais, coordenadas ou dependentes e as análises das próximas seções irão focar nos contextos variáveis, onde a posição dos clíticos não era obrigatória, para entender as preferências dos autores.

Com todas as sentenças classificadas e organizadas, a seguir, será possível observar no capítulo três os resultados e as discussões dos dados encontrados nos dois *corpora*. Adiantamos que em um primeiro momento a análise está exposta com os números totais, sem levar em conta a descrição dos contextos de cada oração. Em um segundo momento, após a apresentação de todos os dados gerais, as classificações e divisões dentro de cada contexto foi elencada para melhor entendimento da linguagem utilizada em cada *corpora*.

## CAPÍTULO 3

### RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como mencionado em seções anteriores, a análise descritiva-contrastiva que esta pesquisa se propõe a fazer tem a finalidade de observar o comportamento dos pronomes clíticos, e com isso, centrou-se em coletar as sentenças presentes em dois *corpora*, sendo um reproduzido no PM, que se trata das cartas enviadas na missão jesuítica de 1548 a 1561, e o outro, o livro *Desmundo*, romance publicado no século XX mas que tenta reproduzir a linguagem quinhentista. Dessa forma, nesta seção serão apresentados os resultados dos dados, juntamente com algumas discussões pertinentes sobre a organização dos clíticos no período citado e a tentativa de reprodução de uma língua remota.

#### 3.1 ORGANIZAÇÃO DOS CLÍTICOS DISPONÍVEL NOS DADOS

Ao nos depararmos com o *corpus* de análise do livro *Desmundo*, publicado em 1996 por uma escritora brasileira, a construção interpolada foi encontrada nos registros escritos realizados pela autora, e com isso, cabem alguns questionamentos que retomaremos nesta seção, tais como: de que maneira os clíticos são organizados/apresentados em sua totalidade? As interpolações encontradas se aproximam dos resultados também encontrados nas cartas enviadas pelos missionários da Companhia de Jesus? O registro das sentenças interpoladas seguem algum padrão específico ou estão disponibilizadas em uma ordem aleatória de contextos?

Alguns teóricos afirmam como impossível o fenômeno da interpolação ser gramatical no PB, já que a construção perdeu sua força ainda no período quinhentista, sendo possível encontrar apenas alguns resquícios ainda nos anos 1600 e 1700, e por fim, de forma muito rara ainda pode ser considerada gramatical no PE moderno. Ou seja, essa ordem gramatical está disponível em um livro em que a autora tenta aproximar o enredo com a escrita e a sintaxe do século XV e XVI. Nessa tentativa, é interessante observar a movimentação da interpolação realizada no romance, já que Ana Miranda utilizou a construção em algumas partes do texto e, após uma série de análises conjuntas com outros elementos, e por conta deste fenômeno estar disponível na redação, Fiori (2021) concluiu que a autora fez o uso de uma gramática mista.

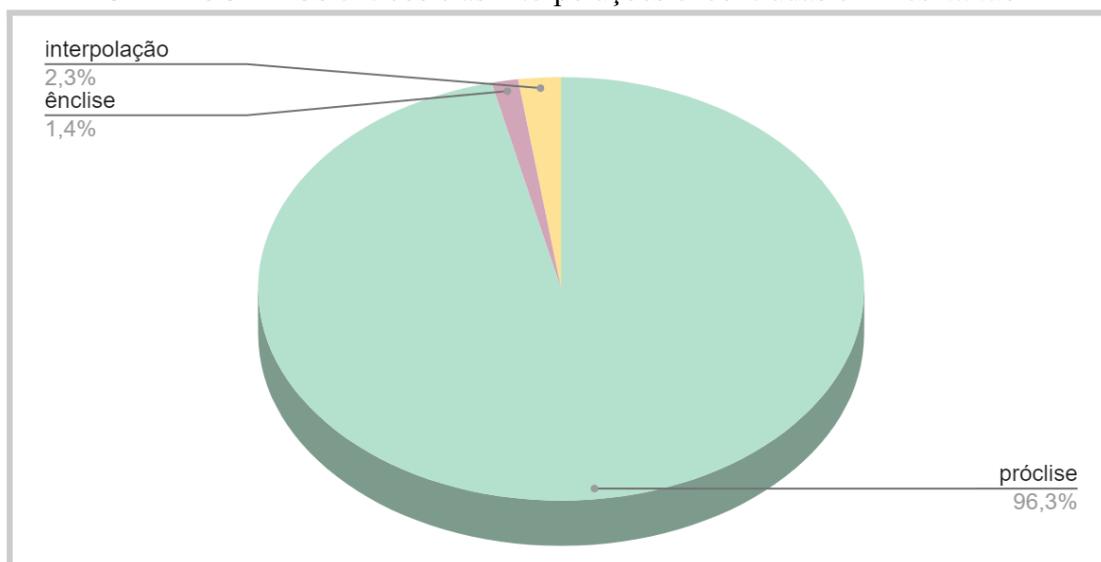
Diante desse cenário, no presente estudo, optou-se por aprofundar a pesquisa sobre a colocação pronominal clítica nessa obra, porém, desta vez, por perspectiva histórico-comparativa. Ou seja, a partir da coleta quantitativa das orações encontradas nas cartas das missões jesuíticas, documento do século XVI, buscou-se relacionar e comparar os contextos da colocação pronominal clítica desse documento com os contextos de colocação clítica encontrado no texto de Ana Miranda. Além do levantamento da colocação da ordem dos clíticos, esse estudo pretende dar maior ênfase aos casos de interpolação, pois esse fenômeno sintático não existe no PB atual e é algo representativo do português quinhentista.

Dessa maneira, a presença/ausência da interpolação, e o contexto sintático em que é realizado, é de suma importância para este trabalho, pois responde às seguintes questões já apresentadas na introdução deste trabalho e retomadas aqui: i) Que tipo de interpolação Ana Miranda reproduziu em seu texto? Esses contextos são compatíveis com as interpolações realizadas no PM?; ii) Quais os contextos de interpolação encontrados em um documento histórico do século 16 inédito para o estudo sintático da colocação pronominal e interpolação? Dessa forma, esta dissertação visa contribuir com a descrição e a discussão referente à colocação clítica no PM, especialmente, com relação aos contextos de interpolação.

Antes de analisarmos as cartas das missões jesuítas, é importante revisitarmos alguns aspectos destacados por Fiori (2021), como a abordagem de Ana Miranda sobre a colocação pronominal clítica. Os números totais desses pronomes revelam uma disparidade significativa entre as ocorrências de próclises, ênclises e mesóclises, pois na totalidade dos dados foram encontrados 1491 sentenças totais<sup>5</sup> divididas em enclíticas, proclíticas e interpolações. Ou seja, no total das orações coletadas há um montante de 21 apresentações de ênclise que é correspondente a apenas 1,4% do conjunto total, 1436 episódios de próclise que quantifica 96,3% dos dados ao todo, e 34 sentenças com interpolação clítica, que somam 25 ocorrências de negação (quadro 8), seis interpolações de sujeito (quadro 9) e três interpolações de outros elementos (quadro 10), com isso, as interpolações representaram pouco mais de 2% dos dados totais, conforme é possível conferir no gráfico 2.

---

<sup>5</sup> No primeiro momento fizemos a contagem das sentenças de maneira geral, sem analisar os contextos sintáticos de obrigatoriedade/variação, porém, em um segundo plano esses dados são considerados mais adiante para podermos comparar com os resultados das cartas dos missionários da Companhia de Jesus.

GRÁFICO 2 - Os clíticos e as interpolações encontradas em *Desmundo*

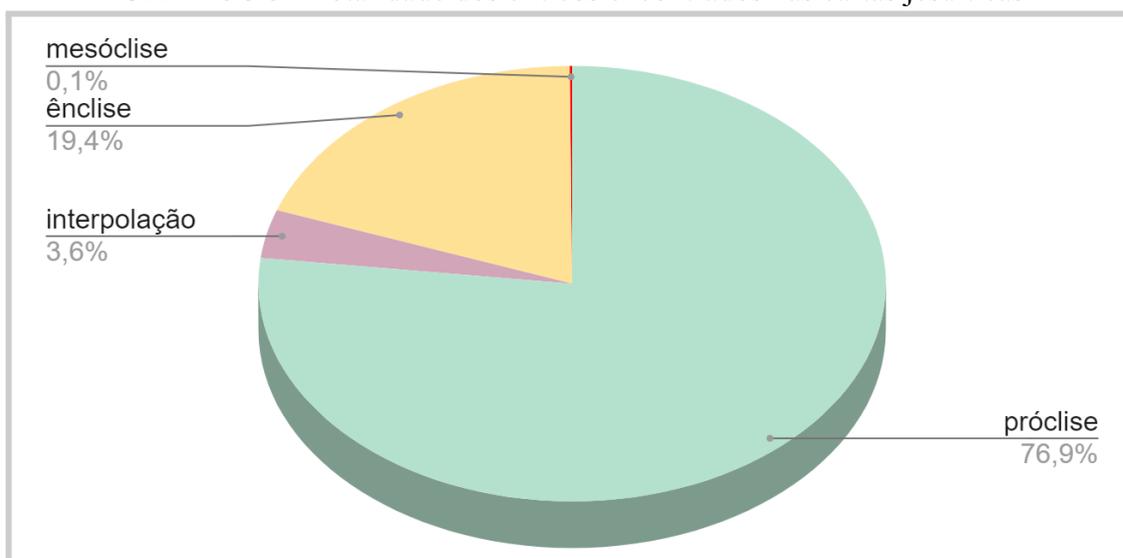
Fonte: Fiori, 2021.

A partir do gráfico 2, notamos a ausência completa de mesóclises que chamam nossa atenção, uma vez que, atualmente, o PB não produz com frequência essa construção na escrita e muito menos na fala. Dessa forma, uma primeira hipótese, após analisar os dados de *Desmundo*, poderia ser que há uma influência do português atual na escrita de Ana Miranda. No entanto, ao fazer o levantamento quantitativo com cartas jesuítas (gráfico 3) observamos que o uso de mesóclise se resume em um valor ínfimo (0,1%). Logo, concluímos que a ausência de mesóclise não pode ser analisada como interferência do PB atual na escrita da autora, pois em um *corpus* do século 16, mesmo o período proposto pela autora, a construção também foi rara (gráfico 3).

Há um trecho na introdução de *Desmundo*, que apresenta uma ocorrência de mesóclise “[...] e os homens de cá **apartarse-hão** do pecado.” (Miranda, 1996, p. 7, grifo nosso). No entanto, esse dado não consta em Fiori (2021), pois não está contido na fala de nenhum personagem do enredo, logo, o valor de zero como número total de mesóclises em *Desmundo*. A baixa ocorrência de mesóclise na obra vai ao encontro de outras porcentagens baixas para esse contexto produzidas em textos no século 16. Sobre a pouca ocorrência de mesóclise no PB atual, há estudiosos que alertam que daqui algum tempo elas podem deixar de existir no PB, Carneiro (2002).

Abaixo, com o intuito de estabelecer uma comparação com os dados em *Desmundo*, o gráfico com o resultado total de próclise, mesóclise, ênclise e interpolação dos dados retirados das cartas das missões jesuítas para a Ásia Oriental em 1548.

GRÁFICO 3 - Totalidade dos clíticos encontrados nas cartas jesuíticas



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Dos 197 *scanners* do acervo de cartas, foram encontradas 4098 sentenças que continham clíticos. Desses, 3151 dados são de próclises, o que representa 76,9%; 795 de ênclises, resultando em pouco mais de 19,4%; 147 interpolações, perfazendo 3,6%; e 5 mesóclises, que configuram um pouco menos de 0,1%. Em *Desmundo*, há um total de 1491 sentenças com clíticos, sendo 96,3% com próclises (1436 dados), 1,4% sentenças enclítica (21 dados), as interpolações representam pouco mais de 2% (34 dados) e zero mesóclises.

Com relação aos valores totais, observa-se que ambos *corpora* apresentaram a preponderância de próclise em relação à ênclise, raras mesóclises e alguns contextos de interpolações. Ainda em relação à ênclise, chama a atenção em *Desmundo* um número tão baixo comparado ao total dos dados encontrados. Até mesmo o número de interpolações é superior ao número de ênclise nesse *corpus*, o que diante nesse estudo, esses dados serão melhor investigados de forma qualitativa.

Além disso, é notável que as construções de elementos com evidência de interpolação em *Desmundo* não seguiram um padrão aleatório, e sim houve um estudo gramatical para Miranda realizá-lo, pois, como afirma Namiuti (2008), os dados interpolados que são encontrados no século XVII no CTB são apresentados predominantemente com o advérbio de negação interpolado, enquanto os outros elementos aparecem de maneira muito escassa e é exatamente dessa forma que Ana Miranda registrou em *Desmundo*, como é possível ver nos dados do Quadro 8:

QUADRO 8 - Interpolação do advérbio de negação em *Desmundo*.

	Sentenças	ordem sintática	página
1	[...] das cartas de marca, das guerras de corso, dos figos de Algarve, das mulheres públicas das pedras do cais e outras falas <u>que se não podia ouvir</u> .	X Cl Neg V V	p. 22
2	O sol alevantara da terra, cursava um vento leve e as nuvens faziam mostras de muitas cores num segredo <u>que se não poderia ter juízo</u> de onde vinham [...]	X Cl Neg V V C	p. 23
3	[...] sem deles se presumir, sem pasmo ou difamação, afastados a viver seus amores em segredo, como <u>se lhes não houvesse desterro</u> [...]	X Cl Neg V C	p. 26
4	Mas no escuro de meu coração a vista dele se marcara, que <u>dela me não podia livrar</u> [...]	X Cl Neg V V	p. 29
5	Não contestou ele de ser mouro ou de não ser, de modo que provava ser, embora não fosse de cor maura nem levasse lua vermelha no ombro, que diziam ter os mouros corrido fora acorrentados aos judeus para não se tornarem cristãos agarrados pelos cabelos e <u>se os não havia mais no reino</u> era que estavam batizados [...]	X Cl Neg V X C	p. 29
6	[...] fizesse o coração desencrespado, ai, <u>que me não posso queixar</u> [...]	X Cl Neg V V	p. 30
7	[...] meu orgulho despejado, que havia dentro de cada uma de nós, desfeita que fosse, um coração <u>que lhe no peito não cabia</u> [...]	X Cl X Neg V	p.42
8	Bons olhos. E boas palavras para ensinar a remendar, coser, limpar, lavar, pastorear, ceifar e <u>que as não deixássemos por demais fiar</u> [...]	X Cl Neg V X	p. 44
9	Que se queria com isso tomar as terras e as roças aos índios e queriam os terem escravos e os queriam tyranizar por todas as vias, <u>que os não queriam doutrinados</u> para servirem aos seus propósitos [...]	X Cl Neg V C	p. 50
10	Minha mãe onde vou, <u>porque me não buscas</u> , mãe sem ventura de ter tido filha assim, [...]	X Cl Neg V	p.57
11	[...] um luzimento que de baixo fazia impressão do cristal, uma vista tão infinita que dela não se podiam afastar os olhos, <u>daqueles reflexos se não podiam esperar menos grandezas</u> [...]	X Cl Neg V V C	p. 76
12	[...] uma triste hora antes que anoitecesse tão pasmada estava eu, com tanto medo de ser castigada, <u>que me não</u>	X Cl Neg V C	p. 86

	<u>atrevera</u> a declarar com palavras mais nada [...]		
13	Ficara sem permissão de comungar e que não fosse à grade ou à portaria nem escrevesse cartas nem mandasse recados nem os recebesse e que <u>os sobejos de sua comida se não pudessem misturar com os das outras freiras.</u>	X Cl Neg V V C	p. 88
14	[...] desprendera dias em prazeres, o corpo obrara a fazer <u>o que se não defende.</u>	X Cl Neg V	p. 89
15	[...] ligeira coisa te deve ser a injúria, <u>para que te não fira o coração</u> [...]	X Cl Neg V C	p. 89
16	[...] como a vaca Tormenta, <u>que lhe nunca os cortaram</u> por ser muito brava.	X Cl Neg Cl V	p.122
17	[...] que se precisava das estrelas para guiar mesmo assim de tanta estima e <u>mesmo assim se não chegava.</u>	X Cl Neg V	p. 123
18	[...] meu pai, me alumiasse por dentro, <u>me não deixasse vacilar em meus intentos</u> [...]	Cl Neg V V C	p. 137
19	<u>Que te não levem os portugueses em suas naus,</u> pois lá não quero tornar.	X Cl Neg V X C	p. 143
20	E falou ele, muito assombrado, <u>que me não ia matar,</u> [...]	X Cl Neg V V	p. 163
21	Não tenhais medo de mim, <u>que vos mal não farei.</u>	X Cl X Neg V	p. 163
22	[...] embarcou ela nas tristes névoas do sonho, mas ao ver a mim disse em vozes tão fracas <u>que se nem ouvia,</u> [...]	X Cl Neg V	p. 185
23	A meu amor, amar não podia eu por vista <u>porque o não podia ver,</u> então o amava por sonho.	X Cl Neg V V	p. 194
24	E se ouviu por entre os trovões a voz agastada de dona Branca e seu filho, acusou ele de o querer tomar à mulher com quem casara, que se era ela de maior entendimento e juízo que eu, <u>me não devia censurar</u> mas tratar mais para edificar do que para perverter [...]	Cl Neg V V	p. 198
25	Porque não tenho eu entendimento de nada das coisas deste e do outro mundo e <u>de o não entender</u> [...]	X Cl Neg V	p. 199

Fonte: Fiori, 2021.

Além dos casos de interpolação de não, cabe a apresentação das sentenças em que possuíam interpolação diferente de não, neste caso dividida no Quadro 9 como interpolação de sujeito, e em seguida, no Quadro 10 interpolação de X:

QUADRO 9 - Interpolação de sujeito em *Desmundo*.

	Sentenças	ordem sintática	página
1	[...] tanto atrevimento <u>que lhes ninguém podia resistir</u> [...]	X Cl S V V	p. 93
2	Por tua obrigação de amor maternal <u>que te a natureza obriga</u> [...]	X Cl S V	p. 97
3	[...] ieramá muitieramá, <u>se vos eu arrebatat</u> [...]	X Cl S V	p. 179
4	[...] respondesse a propósito <u>ao que lhe eu perguntasse</u> [...]	X Cl S V	p. 181
5	[...] em sua cama, <u>que me eu entregara ao mouro</u> [...]	X Cl S V C	p. 198
6	[...] Francisco de Albuquerque parecia outro <u>e me ele deu os baús</u> [...]	X Cl S V C	p. 201

(Retirado de Fiori, 2021).

Apesar dos elementos diferentes de não interpolados serem dados encontrados como forma de resquíio do PA interpelando o PM, a interpolação de sujeito apareceu com seis ocorrências nos dados apresentados em *Desmundo*, o que nas seções a seguir cabe uma descrição mais detalhada de como esses elementos se organizam no período em que está em baixa esta construção. Contudo, seguimos para o Quadro 10 para a apresentação da interpolação de *X* no romance:

QUADRO 10 - Interpolação de *X* em *Desmundo*.

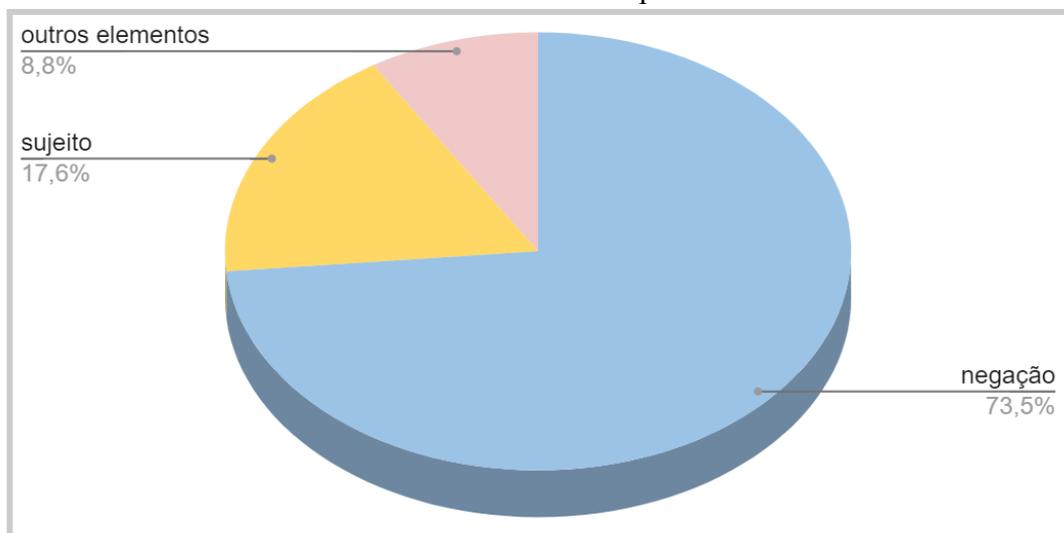
	Sentenças	ordem sintática	página
1	[...] nos passadiços e escuros desvãos <u>por se assim querer</u> [...]	X Cl X V	p. 87
2	[...] em um berço de ouro, <u>para que lhe mais tarde roesse os calcanhares</u> [...]	X Cl X V C	p. 115
3	Porque era preciso confessar os pecados <u>se Deus os já conhecia?</u>	X S Cl X V	p. 200

Fonte: Fiori, 2021.

Ao finalizar a análise das sentenças que possuem os pronomes clíticos interpolados, os números com esses elementos predominantemente destaca-se o advérbio “*não*”, que representa pouco mais de 73,5% da totalidade de registros. Em seguida, com números mais baixos, a interpolação de sujeitos representa 17,6%. Por fim, com apenas três ocorrências, a interpolação de outros elementos, que possuem dois advérbios de tempo e um advérbio de

modo, totalizam 8,8% dos aparecimentos interpolados, conforme é possível conferir no gráfico 4:

GRÁFICO 4 - elementos interpolados em *Desmundo*



Fonte: Fiori, 2021.

Todavia, quando se trata de elementos interpolados nas cartas, também chamou a atenção o número dos advérbios de negação, pois das 147 orações com interpolação, 135 são de negação, resultando em pouco mais de 91,8% do total das sentenças que representam este fenômeno. Em seguida, há sete interpolações de outros elementos, sendo eles, pronomes pessoais, conectivos, advérbios de modo, entre outros, resultando em 4,8% e, por fim, cinco interpolações de sujeito, o que resulta em 3,4%. Alguns exemplos dos dados podem ser conferidos no Quadro 11, Quadro 12 e Quadro 13:

QUADRO 11 - interpolação de negação retirada nas cartas jesuíticas

	Sentenças	Ordem sintática	Página
1	[...] <u>os quaes <b>fe não</b> deuem admittir</u> [...]	X cl Neg V	p. 4
2	[...] veto mui rijo <u><b>a não</b> podemos tomar</u> [...]	X cl Neg V	p. 13
3	[...] claramente, <u><b>fe vos não</b> conheceffeis nelle</u> [...]	X cl Neg V	p. 37
4	[...] & como lhes prêgarám <u><b>fe os não</b> mandão?</u>	X cl Neg V	p. 70
5	[...] onde fe <u>noffo Senhor <b>nos não</b> liurara</u> [...]	X cl Neg V	p. 75

6	[...] <u>outra vez o <b>naõ</b> farei</u> [...]	X cl Neg V	p. 81
7	[...] <u>que <b>me não</b> lembrão</u> [...]	X cl Neg V	p. 83
8	[...] de maneira <u>que <b>as não</b> podem pronunciar</u> [...]	X cl Neg V	p. 89
9	[...] <u>por <b>lhe não</b> efpiarera a terra.</u>	X cl Neg V C	p. 103
10	[...] por lhe parecer que eftauaõ ali <u>feguros de <b>lhos não</b> tomar~e.</u>	X cl Neg V	p. 156
11	[...] ainda que <u>noffo Snor <b>lho não</b> permitia.</u>	X cl Neg V	p. 188
	mais 124 sentenças analisadas.	-----	-----

Fonte: Elaboração própria, 2024.

A seguir, serão expostos os dados de interpolação de *X* e interpolação de sujeito encontrados nas cartas das missões jesuíticas. Em *Desmundo* esses dados aparecem em um quantitativo interessante, em que a interpolação de sujeito representa 17,6% e a interpolação de outros elementos 8,8%. Este número é consideravelmente maior do que o apresentado no epistolário, já que no documento quinhentista o número de interpolações de negação se aproxima a 100% , fazendo que as interpolações de outros contextos percam suas ocorrências em nível de porcentagem.

QUADRO 12 - Interpolação de *X* retirada das carta jesuíticas

	Sentenças	ordem sintática	página
1	[...] foy tirado pola enformação que <b>nos a deu</b> Paulo de Sancta fê [...]	X cl X V C	p. 7
2	[...] & nunca <b>me delle</b> apartar. [...]	X cl X V	p. 11
3	[...] <b>para fe nella</b> perpetuar a Chriftandade [...]	X cl X V C	p. 52
4	[...] <b>que me a m~i</b> parecerão muito bem [...]	X cl X V C	p. 81
5	[...] <b>pera nos muito</b> ajudar [...]	X cl X V	p. 103

6	[...] fe procede daqui em diante como <b>ate aqui fe <i>nella</i> procedeo</b> [...]	X cl X C	p. 161
7	[...] <b>por lho <i>afsi</i> ter prometido</b> [...]	X cl X V C	p. 185

Fonte: Elaboração própria, 2024.

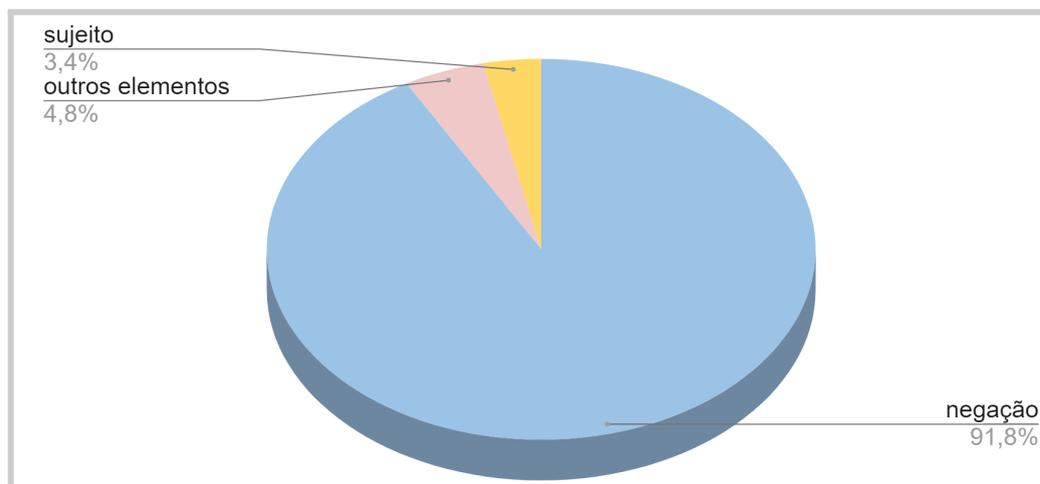
#### QUADRO 13 - Interpolação de sujeito retirada das cartas jesuíticas

	Sentenças	ordem sintática	página
1	E contando o^cafo da merce q <b>me <i>noffo Snor</i> fez</b> [...]	X cl X V	p. 10
2	[...] <b>&amp; fempre lhe <i>Deos</i> da que diga</b> , fem fe enfadarem [...]	X cl S V C	p. 84
3	[...] <b>cõ os <i>eu</i> ajudar</b> fofentaõfe do que por fuas mãos ganhão [...]	X cl S V	p. 95
4	[...] contando da merce <b>que nos <i>Deos</i> fizera</b> [...]	X cl S V	p. 142
5	[...] <b>pera fe <i>elles</i> encomendarem a Deos</b> [...]	X cl X V C	p. 183

Fonte: Elaboração própria, 2024.

A interpolação de negação nas cartas jesuíticas foi maior do que a interpolação de outros elementos (com pouco menos dos 10% dos dados). Em *Desmundo*, conforme gráfico 4, Fiori (2021) também encontrou mais ocorrências do advérbio “*não*”, mas esses ficaram com uma porcentagem mais baixa, de cerca de 70% do total.

#### GRÁFICO 5 - Elementos interpolados nas cartas jesuíticas



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Tanto em *Desmundo* quanto nas cartas jesuíticas, as interpolações de negação ganham destaque por serem apresentadas em maior número no quantitativo total de sentenças com interpolação. Além disso, é importante lembrar que Mattos e Silva (2006) alerta que, em frases negativas, a próclise é obrigatória, ou seja, o número de negação em pronomes enclíticos sempre será igual a zero, tanto em orações principais, subordinadas ou coordenadas.

É interessante observar também o número de clíticos disponíveis no discurso de cada remetente das cartas, pois, como dito em seções anteriores, a escrita faz parte de um processo individual de cada sujeito e, por isso, ao analisar de maneira individual as cartas de cada indivíduo, podemos obter resultados diferentes, já que temos mais de 16 autores com a distribuição de páginas distintas escritas por cada um.

Na Tabela 3, abaixo, podemos perceber que no epistolário, há autores que têm um número maior de páginas escritas, enquanto outros têm uma breve contribuição de apenas alguns parágrafos, não sendo possível preencher até mesmo uma página completa.

TABELA 3 - autoria dos clíticos realizados no compilado de cartas

Autor	Total de páginas	Páginas redigidas	Próclise	Ênclise	Interpolação	Mesóclise
Índices introdutórios	3	p. 3 - p. 6	23	5	1	0
Pe. Me. Francisco	30	p.7 - p. 10 p. 16 - p. 39 p. 50 - p. 53	434	146	11	1

Paulo Japão	3	p. 10 - p. 12 p.39 - p. 40	56	11	6	0
Pe. Cosme de Torres	26	p. 12 p. 15 p. 40 - p. 45 p. 95 - p. 101 p. 109 - p. 114 p. 147 - p. 148 p. 157 - p. 162	391	85	14	1
Irmão João Fernandez	18	p. 45 - p. 49 p. 144 - p. 145 p.163 - p. 174	309	68	9	1
Irmão Pedro de Alcaçova	10	p. 53 - p. 63	201	33	14	0
Padre Aires Brandão	4	p. 63 - p. 67	87	14	2	0
Pe. Gaspar de Vilela	28	p. 67 p. 117 - p. 133 p. 146 - p. 147 p. 188 - p. 197	470	138	29	0
Pe. Me. Belchior	21	p. 68 - p. 81 p. 101 - p. 109	331	77	21	1
Del Rei Firando	1	p. 81	1	0	2	0
Irmão Luis Froes	2	p. 82 - p. 84	27	9	1	0
Pe Baltasar Gago	16	p. 84 - p. 92 p. 135 - p. 143	258	88	15	0
El D. Rei Sebastião	1	p. 92	13	0	0	0
Irmão Duarte da Silva	3	p. 92 - p. 94	25	14	0	0

Irmão Luis Almeida	17	p. 115 - p. 116 p. 133 - p. 135 p.174 - p. 187	350	59	12	0
Lourenço Japão	5	p.148 - p. 152	74	20	6	1
Irmão Gonçalo Fernandez	3	p. 153 - p. 156	101	28	4	0
<b>TOTAL</b>	<b>191<sup>6</sup></b>	-----	<b>3151</b>	<b>795</b>	<b>147</b>	<b>5</b>

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Quando analisado o número de clíticos realizados por cada um dos remetentes, ficamos em um uma porcentagem muito próximo aos dados de *Desmundo*, que é redigido por uma só pessoa. Todavia, uma pauta levantada acima sobre a ausência de mesóclise em *Desmundo* enquanto há ocorrências no epistolário, deixa de ser um distanciamento quando separados por autores, pois até mesmo no documento quinhentista contamos com apenas cinco ocorrências, destacadas no Quadro 14 abaixo:

QUADRO 14 - sentenças com mesóclises e sua respectiva autoria

Remetente	Sentença
Padre Mestre Cosme de Torres	[...] <u>pregarlhehemos</u> em fecreto [...] (p.45)
Irmão João Fernandez	[...] daquela graça recebida, <u>darlhesha</u> a fentir em feu coração [...] (p.49)
Padre Mestre Francisco	[...] os que forem Sophiftas <u>tomaloshãõ</u> logo em contradiçam [...] (p.51)
Padre Mestre Belchior	[...] <u>aquentarme ei</u> a elle [...] (p.80)
Lourenço Japão	[...] <u>refpõdeofelhes</u> de maneira [...] (p.150)

Fonte: Elaboração própria, 2024.

<sup>6</sup> capa e contracapa não foram contabilizadas na contagem dos dados por não terem análises textuais a serem realizadas, além disso, algumas páginas estavam duplicadas e foram descartadas da contagem também.

Das cinco mesóclises registradas, duas foram feitas pelos padres que somam o maior número de páginas redigidas, ou seja, Padre Mestre Francisco e Padre Cosme de Torres. Em seguida, o padre que em quarto lugar redigiu mais laudas, Padre Mestre Belchior; seguido do Irmão João Fernandez, que ficou na quinta colocação de padres que mais escreveram páginas no compilado missionário e também reproduziu a mesóclise. Por fim, aparece o missionário Lourenço Japão, que apenas com 5 páginas escritas reproduziu a mesóclise em seu discurso. Portanto, o número de páginas redigidas não é um critério para definir o aparecimento de mesóclise ou não.

Os autores que não registraram a interpolação foram El D. Rei Sebastião e Irmão Duarte da Silva, que escreveram apenas meia página; e os outros três. Cabe destacar que o fenômeno de interpolação pode ser definido como elemento de recorrência do século XVI, visto que de 16 remetentes das cartas disponíveis no documento, apenas dois não realizaram o fenômeno da interpolação, e acreditamos que esses dois não realizaram por não terem fatores condicionantes que propiciam o seu uso já que o número de página redigidas foi muito breve não sendo possível estender-se no discurso.

Por fim, os pronomes oblíquos átonos e suas posições em uma sentença requerem uma análise mais detalhada sobre os contextos obrigatórios e contextos de variação, os quais já foram exemplificados em seções acima. Desta forma, para entender o quantitativo dos clíticos obtidos nas cartas das missões jesuíticas para Japão e China e os clíticos obtidos em *Desmundo*, faz-se necessária a descrição dos elementos preferíveis em cada um dos textos.

### **3.2. CONTEXTO CATEGÓRICO E CONTEXTO DE VARIAÇÃO NO PM**

Como exposto na metodologia deste trabalho, para analisar e fazer um estudo comparativo do uso dos clíticos na obra de Ana Miranda com relação à gramática quinhentista, é necessário desconsiderar os contextos categóricos para compreender qual é a preferência de uso dos clíticos utilizados em *Desmundo*. Para relembrar os contextos obrigatórios e os contextos de variação, é possível observar na Tabela 4 quais foram as sentenças retiradas do *corpus* e quais foram mantidas para análise.

TABELA 4 - Contexto categórico ou variável dos clíticos encontrados nas cartas quinhentistas

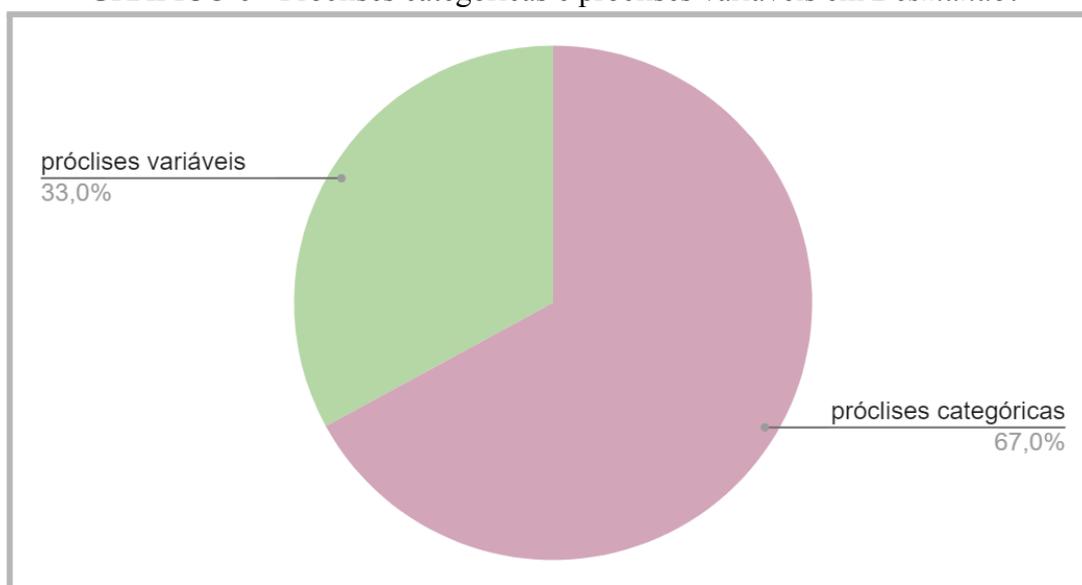
<b>Fenômeno</b>	<b>Contexto categórico <i>versus</i> contexto variável</b>	<b>Análise</b>
Próclise obrigatória	Orações principais com o sujeito nominal iniciando a oração que continham próclise;	<b>retirado</b>
Próclise obrigatória	Orações principais com o sujeito pronominal pessoal iniciando a oração que continham próclise;	<b>retirado</b>
Próclise obrigatória	Orações principais com o advérbio de negação como primeiro elemento que continham próclise;	<b>retirado</b>
Próclise obrigatória	Orações dependentes com tempo, desenvolvidas (relativas, completivas ou adverbiais) em que continuam próclise;	<b>retirado</b>
Ênclise obrigatória	Orações coordenadas adversativas introduzidas pelo conectivo <i>MAS</i> que continham ênclise;	<b>retirado</b>
Ênclise obrigatória	Orações principais com o verbo em posição inicial que continuam ênclise;	<b>retirado</b>
Ênclise obrigatória	Orações dependentes sem tempo reduzidas de infinitivo não regidas por preposição em que continham ênclise;	<b>retirado</b>
Ênclise obrigatória	Orações dependentes sem tempo reduzidas de gerúndio não regidas por preposição em que continham ênclise;	<b>retirado</b>
Variável	Orações principais com verbo precedido por SADV ou SP adverbial;	<b>mantido</b>
Variável	Orações principais com verbo precedido por oração subordinada adverbial;	<b>mantido</b>
Variável	Orações coordenadas aditivas introduzidas pelo conectivo E;	<b>mantido</b>

Fonte: elaboração própria com os conceitos retirados de Lobo 2002.

Encontramos em *Desmundo* 1436 próclises totais registradas no *corpus*, que ao retirarmos os contextos obrigatórios, foram desconsideradas 962 sentenças, e com isso

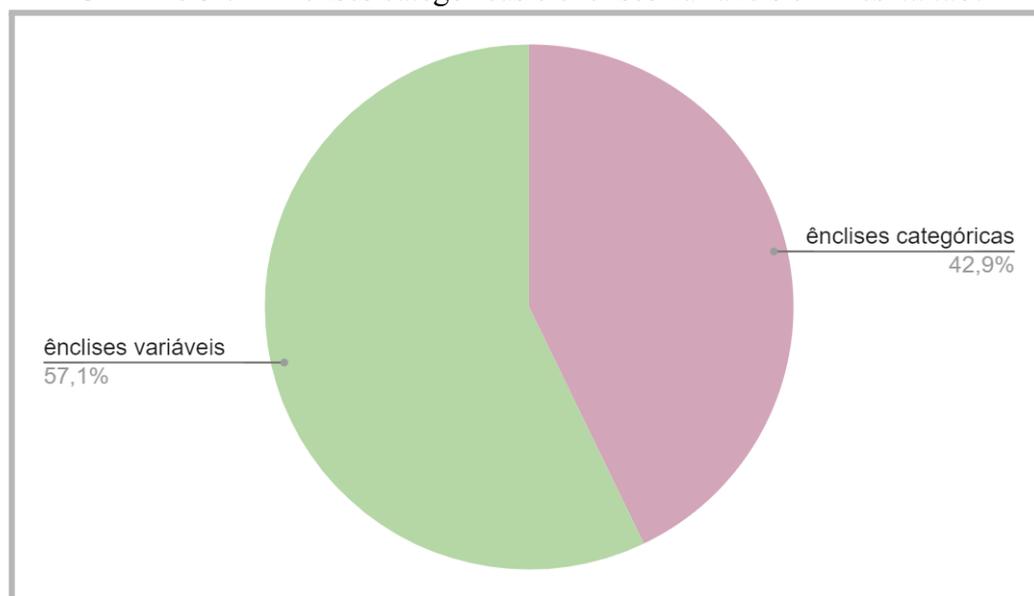
resultou no total em 474 contextos de próclises variáveis. Além disso, o número de sentenças enclíticas era de 21 sentenças totais, que ao retirarmos os contextos obrigatórios, foram desconsideradas da análise nove sentenças, resultando em apenas 12 contextos de ênclises variáveis. Dessa forma, as próclises ficaram reduzidas em apenas 33% de contexto variáveis, sendo que 67% eram contextos categóricos (gráfico 6). Já as ênclises, ficaram reduzidas em 57% de manutenção das sentenças de contexto variável, enquanto 43% eram contextos categóricos (gráfico 7).

GRÁFICO 6 - Próclises categóricas e próclises variáveis em *Desmundo*.



Fonte: elaboração própria.

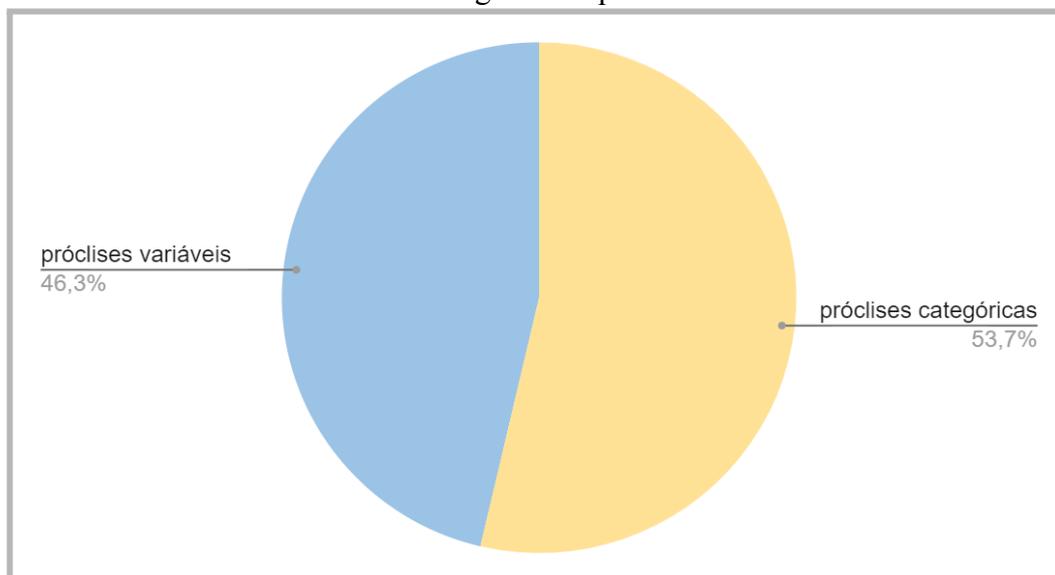
Apesar da construção *cl-V* ser predominante em nosso *corpus* em *Desmundo*, compondo a maioria das sentenças que possuem clíticos (representando pouco mais de 96% dos clíticos totais), foi possível perceber que a maioria das orações eram de caráter categórico, que neste caso não compõem o nosso quadro de análise, e então, quando excluídas, restaram apenas 33% de sentenças com próclise de contexto variável. Em contraste com os resultados das ênclises, em que a quantidade já era significativamente pequena, observa-se que a maioria das sentenças tem caráter variável, correspondendo a 57% da totalidade das construções *V-cl*, conforme ilustrado no gráfico abaixo.

GRÁFICO 7 - Ênclises categóricas e ênclises variáveis em *Desmundo*.

Fonte: elaboração própria.

Já no que se refere às cartas das missões jesuíticas do período quinhentista, é possível encontrar 3151 próclises totais, que ao retirarmos os contextos obrigatórios desconsideramos 1691 sentenças e reduzimos as análises em 1460 sentenças de contexto variável. Além disso, o número de sentenças enclíticas era de 796 orações totais, que ao retirarmos os contextos obrigatórios, foram desconsideradas da análise 557 sentenças, resultando em apenas 239 contextos de ênclises variáveis. Dessa forma, as próclises ficaram reduzidas em 46% de contexto variáveis, sendo que 54% eram contextos categóricos (gráfico 8). Já as ênclises, ficaram reduzidas em apenas 30% de manutenção das sentenças de contexto variável, enquanto 70% eram contextos categóricos (gráfico 9).

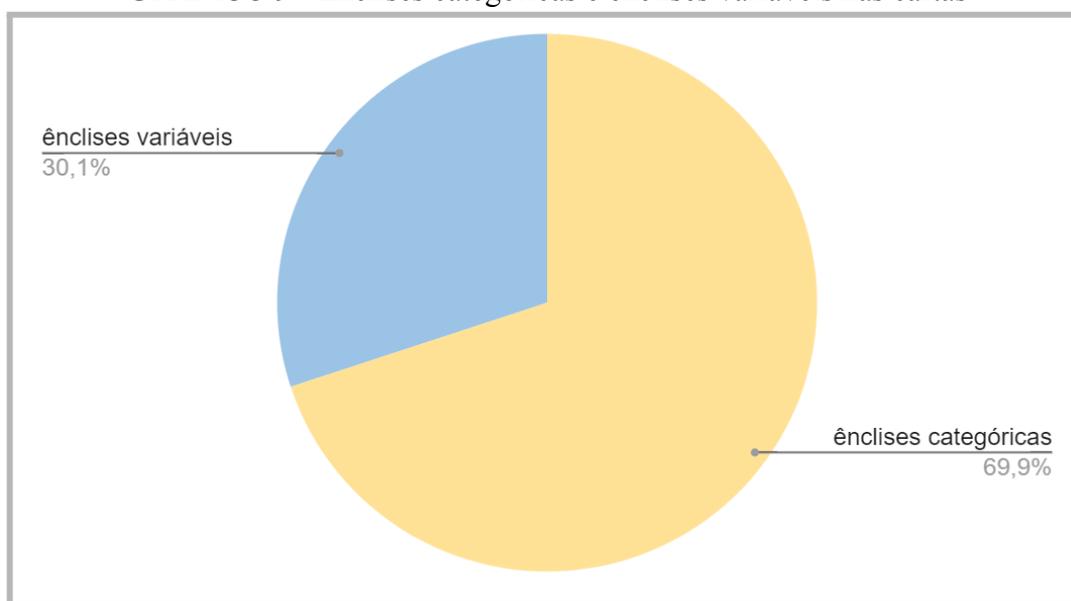
GRÁFICO 8 - Próclises categóricas e próclises variáveis nas cartas



Fonte: elaboração própria.

Apesar da construção *cl-V* ser predominante no nosso *corpus* das cartas das missões jesuíticas para Japão e China, assim como é predominante também em *Desmundo*, compondo a maioria das sentenças que possuem clíticos (representando quase 77% dos clíticos totais), foi possível perceber um equilíbrio entre os registros proclíticos de caráter categórico e os de caráter variável. Ao contrário dos resultados das ênclises, em que a quantidade total representava quase 20% dos clíticos totais, observa-se que a maioria das sentenças eram de caráter categórico, já que eliminamos da análise 70% das construções *V-cl*.

GRÁFICO 9 - Ênclises categóricas e ênclises variáveis nas cartas



Fonte: elaboração própria.

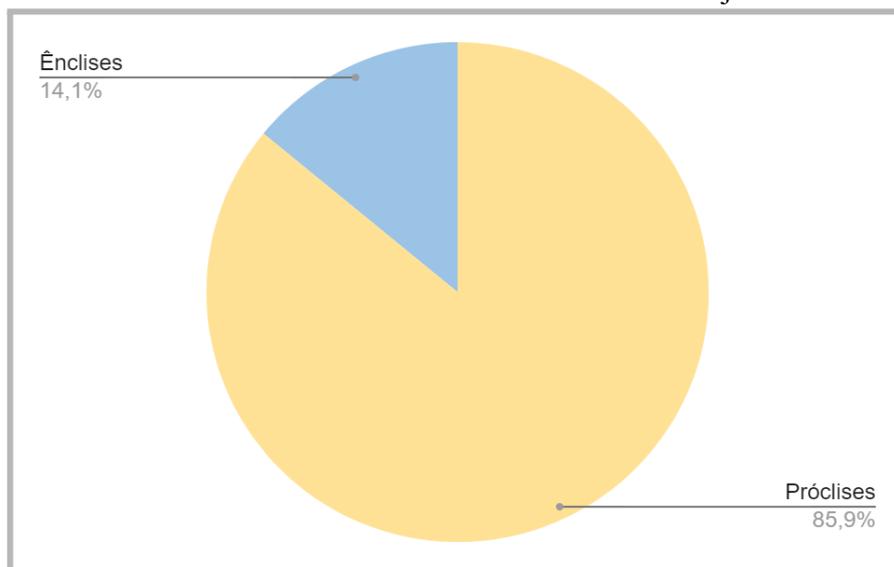
Em resumo, ao comparar os dois *corpora*, é possível perceber que nos contextos variáveis, as ênclises em *Desmundo* resultam em pouco mais de 57% das orações ordem *V-cl*, ganhando destaque no fenômeno com maior permanência de dados variáveis no romance de Ana Miranda, já que as próclises em *Desmundo*, ao retirar os contextos obrigatórios, sobram cerca de 33% de sentenças variáveis. Contudo, nas cartas jesuíticas há uma movimentação contrária. As ênclises nas cartas missionárias aparecem mais em contextos categóricos e quando eliminadas as sentenças de caráter obrigatório, deixando somente as variáveis, sobram apenas 30% de ênclises. As próclises nas cartas ficam próximas a 54% o número de contextos categóricos e assim sobram 46% de próclises com contexto variável, uma distribuição significativamente equilibrada entre categorização e variação.

Além disso, voltemos ao Gráfico 2, disponível no capítulo 3 deste trabalho, em que chama atenção o número de próclises em *Desmundo*, resultando pouco mais de 96% dos

clíticos totais encontrados, disputando a porcentagem com o número de ênclises, mesóclises e interpolação. Uma das hipóteses nesses casos é que o número de próclises em *Desmundo* seria a construção preferível nos contextos variáveis. Contudo, ao comparar com os dados disponíveis nas cartas é possível perceber que os dois documentos preservam fenômenos diferentes, ou seja, as cartas jesuíticas inclinam-se mais em preservar os casos de próclises variáveis, enquanto *Desmundo*, em uma perspectiva de porcentagem, preservou mais os contextos de ênclises variáveis, mesmo que em um número significativamente escasso quando se trata da totalidade das sentenças *V-cl*.

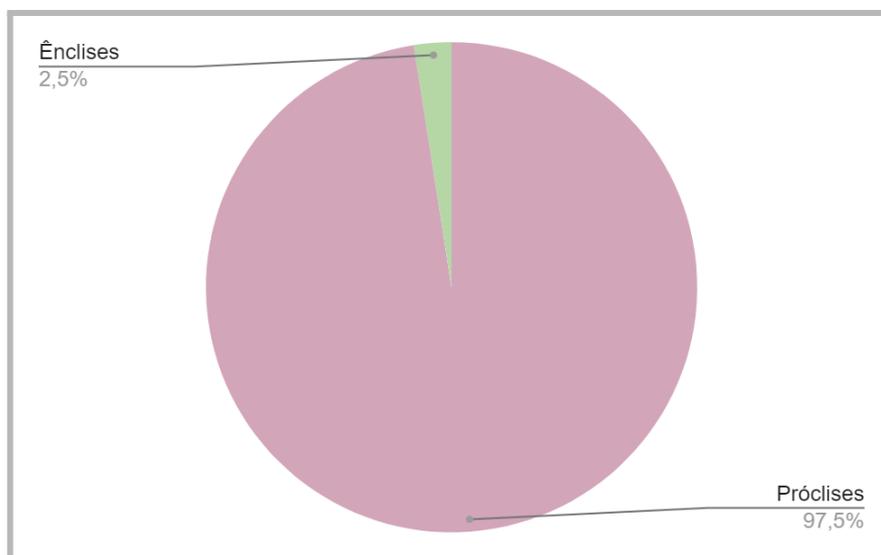
Todavia, quando comparamos os pronomes clíticos apenas de contextos variáveis, é visível que ambos os documentos preservaram mais a próclise do que a ênclise, tanto nas cartas jesuíticas quanto em *Desmundo*, assim como é possível observar no Gráfico 10 e no Gráfico 11 disponíveis a seguir.

Gráfico 10 - Pronomes clíticos variáveis nas cartas jesuíticas.



Fonte: elaboração própria.

Com isso é possível observar que das 3151 próclises totais disponíveis das cartas jesuíticas, 1460 são variáveis (representando aproximadamente 86% dos contextos variáveis), em contraste com as 795 ênclises totais, sendo 239 de contextos variáveis (representando apenas 14% dos contextos variáveis). Ademais, em *Desmundo*, possuímos uma porcentagem semelhante em que as próclises variáveis ganham destaque, já que das 1436 próclises totais disponíveis no romance, 474 são variáveis (representando 97,5% dos contextos variáveis), em contraste com as 21 ênclises totais, sendo 12 de contextos variáveis (representando apenas 2,5% dos contextos variáveis).

Gráfico 11 - Pronomes clíticos variáveis em *Desmundo*.

Fonte: elaboração própria.

Outro elemento importante para entendermos os contextos categóricos e os contextos variáveis é a possibilidade do fenômeno de interpolação para casos em que a construção de próclise era possível. Entretanto, a organização da interpolação no PA é diferente da construção de interpolação no PM, pois a primeira só era possível em casos que a próclise era contexto categórico, enquanto a segunda torna-se possível a construção de interpolação em sentenças em que a próclise ocupava qualquer posição, tanto de contexto categórico como também de contexto variável.

### 3.3. INTERPOLAÇÕES EM *DESMUNDO* E INTERPOLAÇÕES NO PA E PM

Nesta seção veremos a descrição das orações interpoladas encontradas em *Desmundo* e das orações interpoladas encontradas nas cartas das missões jesuíticas para Japão e China. Inicialmente, os primeiros contextos apresentados são as interpolações de não, que se organizam de maneira distinta no PA e no PM, e em seguida são apresentadas as interpolações com elementos diferentes de não. Como o nosso foco de investigação trata-se do período quinhentista, os dados também serão comparados com os dados do CTB de Namiuti (2008) para buscar similaridades ou então distanciamento entre os resultados dos *corpora*. Alguns elementos pedem a retomada dos dados do português antigo de Martins (1994), porém, a

análise do PA torna-se pertinente apenas em situações secundárias, já que não é nosso foco temporal de descrição.

### 3.3.1 INTERPOLAÇÃO DE NÃO - *DESMUNDO*, CARTAS E CTB.

Anteriormente, foi possível observar em uma análise quantitativa que Ana Miranda produziu interpolações em seu livro *Desmundo*, publicado em 1996, apresentando um importante fenômeno da gramática do período quinhentista. Entretanto, é necessário uma análise investigativa da organização dessas sentenças interpoladas, afinal, a organização da interpolação do PA registrada em Martins (1994) é substancialmente distinta da organização encontrada nas interpolações registradas no CTB conferidas por Namiuti (2008), o qual contempla o PM.

Os elementos que condicionam a interpolação no PA, em alguns aspectos se diferem da organização da interpolação no PM. No PA a interpolação ocupava este posto em orações em que a próclise era um contexto categórico, diferentemente no PM, em que é possível observar sentenças interpoladas em contextos de variação entre próclise *versus* ênclise. Contudo, há outros elementos que também diferenciam a possibilidade de interpolação, como os elementos introdutórios da sentença.

Namiuti (2008), através da análise do CTB, registrou a interpolação de “*não*” nas orações dependentes sendo introduzidas pelas conjunções “*porque*”, “*pois*”, “*porém*” e “*que - (explicativo)*”. Essa construção seria possível através da contiguidade do elemento introdutório com o clítico, ou não, como por exemplo sem sentenças cuja organização assemelhava-se a *conj-X-cl-Neg-V*. Contudo, os resultados de Martins (1994) para o PA não possui estas conjunções ao introduzir as orações coordenadas dependentes, pois segundo a autora este cenário não é favorável para uma interpolação.

Em *Desmundo*, as orações dependentes que possuíam o advérbio de negação em posição interpolada, também são encontradas introduzidas pelas conjunções “*que*” e “*porque*”, sendo que das 25 orações com interpolação de “*não*”, 15 tratam-se de orações dependentes que possuem esses mesmos elementos introdutórios (vide os exemplos 1, 2, 4, 6, 7, 9, 10, 12, 14, 15, 16, 20, 21, 22 e 23 disponíveis no quadro 8 da página 52 deste arquivo). Com esse resultado é possível fazer uma comparação semelhante dos resultados encontrados em *Desmundo* com a análise de Namiuti (2008) com o CTB.

Além disso, também é possível encontrar as orações dependentes interpoladas com “*não*” iniciadas com conjunções de maneira semelhante no *corpus* das cartas produzidas pelos missionários jesuítas. Como por exemplo:

- (29)[...] antre gente **que** o *não* conhece [...] (1548, p. 10)  
 (30)[...] **q** fe *não* fabião dar a confelho [...] (1548, p. 11)  
 (31)[...] **que** os *naõ* matem [...] (1552, p. 52)  
 (32)[...] do que lhe pefaua muito, **poem** **que** nos *não* agaftaffemos, [...] (1554, p. 56)  
 (33)[...] **porque** me *não* negue o que nella me promete. (1555, p. 81)  
 (34)[...] **porque** o *não* ha no fertão [...] (1558, p. 105)

As sentenças dependentes encontradas em *Desmundo* em que possuem uma conjunção como elemento introdutório, em sua grande maioria segue o padrão *cl-Neg-V*. Porém, duas delas (exemplo 7 e 21 do Quadro 8 disponível na página 52) não seguem a mesma ordem e possuem um outro elemento entre o clítico e o advérbio de negação, apresentando-se através da combinação *cl-X-Neg-V*. Namiuti (2008) também apresenta orações com essa mesma construção no CTB, porém em um índice baixo de ocorrências, presente principalmente nos primeiros textos de seu *corpus* de análise.

Entretanto, no *corpus* das cartas das grandes navegações de 1548, as sentenças com mais de um elemento interpolado além do advérbio de negação, não tiveram registros na ordem *cl-X-Neg-V* no documento jesuíta. Neste caso, pode ser justificada a ausência da construção através da análise do CTB: “Note que *C-cl-X-neg-V* dá lugar a *C-X-cl-neg-V* já na primeira metade do século 15. Passamos de 100% de *C-cl-X-neg-V* no século 14 para 40% no século 15 até chegar a 0% na segunda metade do século 16.” (Namiuti, 2008, p. 47).

Chamamos a atenção para o exemplo 25 do Quadro 8, o qual faz parte de uma oração infinitiva. Namiuti (2008) atesta que as preposições “para/pera”, “de”, “por” são possíveis de serem encontradas no CTB introduzindo as sentenças com interpolação negativa com verbo infinitivo em contextos que também poderiam ser substituídos pela variação ênclise *versus* próclise. Com isso, novamente, o exemplo encontrado em *Desmundo* com interpolação de advérbios de negação com verbos no infinitivo está de acordo com os resultados encontrados no PM do CTB. Nas cartas das missões jesuíticas para Japão e China novamente encontramos exemplos semelhantes ao de *Desmundo* e ao do CTB, vejamos:

- (35)[...] & **de** os *não* **auer** na fua terra lhe pefaua muito [...] (1554, p. 54).  
 (36)[...] & **de** fe *nao* **ir** ate que nao foffe faõ, e dali a hum dia fe foi fam. (1557, p. 125).  
 (37)[...] & **pera** fe *não* **apartar** de feus peccados [...] (1560, p. 150).  
 (38)[...] & **por** fe *não* **poder** dizer a doutrina [...] (1561, p. 163).  
 (39)[...] mas o padre **por** os *naõ* **eftoruar** de feus trabalhos [...] (1561, p. 165).

Já a interpolação de negação em infinitivas iniciadas com a preposição “em”, que Namiuti (2008) encontra dados em autores nascidos no século 16 e 17, em *Desmundo* não há nenhuma ocorrência, assim como nas cartas das missões jesuíticas de 1548 também não.

As orações não dependentes (principais ou coordenadas raiz) que possuíam interpolação de “*não*” encontradas no PA e no PM ocorriam de maneira semelhante desde que coincidissem com os elementos introdutórios por um operador proclisador, como por exemplo:

[...] um sintagma lexicalmente focalizado, um quantificador e certos advérbios [...]. Advérbios como *ainda/inda, também, já, quasi, assim, tanto, bem*, sempre desencadeiam a interpolação da negação no nosso *corpus* [...]. Também orações introduzidas por advérbios interrogativos (+wh) e partículas de foco, como ‘*só*’, ‘*somente*’ e ‘*até*’, apresentaram o fenômeno da interpolação, assim como no PA. (Namiuti, 2008, p. 140).

Com isso, também encontramos em *Desmundo* uma estrutura semelhante, como por exemplo a sentença 17 disponível no Quadro 8. Contudo, nas orações não dependentes que são introduzidas por elementos diferentes desses operadores proclisadores, não servem como contextos de interpolação do PA, conforme relembra Namiuti (2008).

Novamente é possível encontrar a mesma estrutura disponível nas cartas das missões jesuíticas, em que os dados de “*não*” interpolados em orações não dependentes são introduzidos por elementos como:

(40)[...] & **ainda** que fe *não* fez Chrifão [...] (1555, p. 98).

(41)[...] **tambem** lhes *não* dão ja agora efmolas [...] (1554, p. 57).

(42)[...] **tambem** entã nos *naõ* podeffemos auiar [...] (1554, p. 72).

(43) & **ja** fe *naõ* tinha efperança de vida [...] (1559, p. 140).

As orações não dependentes com advérbio de negação as quais não possuem nenhum elemento introduzindo a sentença é um contexto explorado pelo PM até mesmo em séculos seguintes ao período quinhentista:

No corpus Tycho Brahe a interpolação da negação em orações não dependentes sem que nenhum operador proclisador introduza a oração (ambientes tradicionalmente considerados de variação ‘*cIV*’; ‘*Vcl*’) é atestada nos textos dos autores nascidos até a primeira metade do século 18. (Namiuti, 2008, 142).

Com isso, encontramos em *Desmundo* as sentenças 3, 5, 8, 11, 13, 15, 18, 19 e 24, disponíveis no Quadro 8, e também no *corpus* das cartas quinhentistas de 1548, como podemos observar os exemplos:

(44)[...] **a embarçam paffada** fe *não* compadecia. (1554, p. 69).

(45)[...] **efta terra** fe *não* proué de hum anno pera [...] (1555, p. 91).

(46)[...] **o temor della** fe *não* refreem [...] (1557, p. 126).

Ao finalizar as observações das interpolações de negação registradas do *corpus* de *Desmundo* e no *corpus* das cartas das missões jesuíticas para Japão e China de 1548 é possível perceber uma semelhança dos dados expostos. Além disso, a interpolação de “não” presente em *Desmundo* se comporta de maneira muito semelhante à interpolação encontrada no CTB de Namiuti (2008). Contudo, a interpolação generalizada também é um elemento a ser investigado, como veremos a seguir na seção seguinte.

### 3.3.2 INTERPOLAÇÃO DIFERENTE DE NÃO - *DESMUNDO*, CARTAS E CTB.

Na seção anterior foi possível comparar as semelhanças presentes nas orações interpoladas com advérbio de negação no *corpus* de Miranda (1996), com as cartas das missões jesuíticas para Japão e China de 1548, e também com o CTB através da análise de Namiuti (2008). Então, para finalizar a descrição dos elementos encontrados, nesta divisão apresentaremos a organização dos dados interpolados com elementos diferentes de não.

Reiteramos que os elementos diferentes de não interpolados em *Desmundo*, e também nas cartas, apresentam dados significativamente escassos para serem explorados, contudo, o pequeno número de dados apresentados justifica-se através do período de transição da língua:

[...] na linha do tempo identifica-se o desaparecimento do fenômeno da interpolação generalizada nos textos. Estes fatos são interpretados como indícios da emergência de uma nova gramática [...] A interpolação dos diversos constituintes do sintagma verbal ainda atestada nos textos a partir desse período é interpretada como variação no uso de formas em competição, uma vez que novos padrões de ordenação já foram indiciados nesta época. (Namiuti, 2008, p. 21).

A interpolação generalizada é um fenômeno presente em dados pertencentes ao PA, como registrado em Martins (1994), apesar de ser considerada uma construção difícil de ser encontrada a partir do século XVI, não é nula a chance de encontrar elementos dessa modalização no PM.

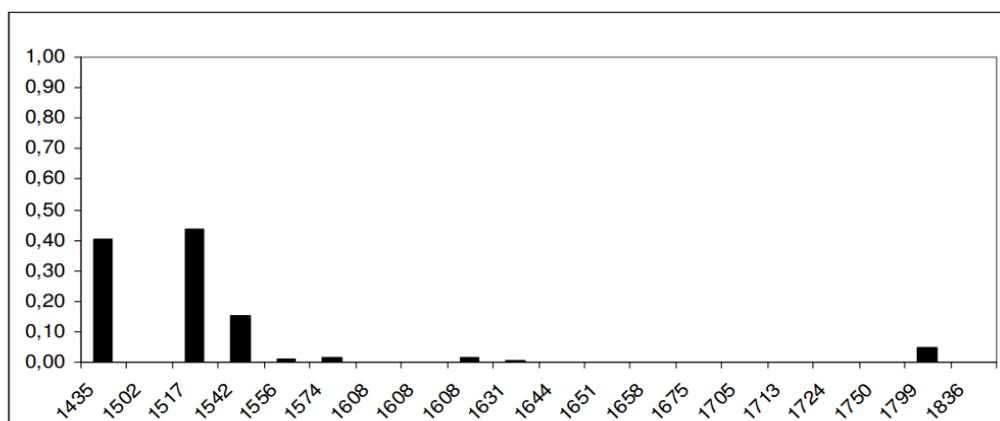
Os contextos de interpolação generalizada, como é um fenômeno que está em declive a partir do século XVI, permanece semelhante nas duas periodizações. Diferentemente da interpolação de negação, em que no PA se apresentava de uma maneira e no PM se comportava de outra. Com isso, é possível observarmos as interpolações de sujeitos, advérbios diferentes de não, quantificadores, preposições, entre outros (disponíveis nos quadros 9, 10, 12 e 13 nas páginas 54, 55, 56 e 57, na seção 3.1 deste arquivo).

A interpolação de sujeito é o elemento de maior ocorrência depois da interpolação de “não” em *Desmundo*, enquanto a interpolação de outros elementos como advérbios,

preposições, entre outros, é a colocação preferida depois da interpolação de “*não*” nas cartas das missões jesuíticas de 1548. Ambas as preferências formam o amplo conjunto de interpolação generalizada, e apesar da somatória dos dois *corpora* de análise trazerem o resultado de apenas 21 sentenças, este número está dentro do esperado para o período investigado.

A interpolação generalizada investigada por Namiuti (2008) mostra que há dados muito escassos a partir de 1556, ano que coincide com as cartas enviadas nas missões jesuíticas para Japão e China:

GRÁFICO 12 - Interpolação generalizada no CTB



Fonte: Namiuti, 2008, p. 44.

É importante lembrar que o número das orações com interpolação generalizada aumenta no período de 1800 por conta dos dialetos em Portugal que realizam essa construção, conforme discussão de Namiuti (2008). Contudo, os fatores para condicionar a interpolação generalizada após o século XIX não seguem os mesmos padrões que condicionavam a interpolação apresentada no PA e os resquícios que ocorriam no século XVI, porém, este é um recorte para trabalhos posteriores.

### 3.4. RESUMO DO TERCEIRO CAPÍTULO

Neste capítulo foi possível observar, primeiramente, a organização pronominal clítica e as interpolações dentro do quantitativo geral dos dados obtidos em *Desmundo* (1996) e do quantitativo geral dos dados obtidos nas cartas das missões jesuíticas para Japão e China no século XVI. Com a finalidade de comparar as similaridades e os distanciamentos presentes nos dois *corpora*, em *Desmundo* foram encontradas 1491 contendo clíticos, com uma

predominância de 96,3% preferível à próclise, seguido de 2% de registros de interpolação e de pouco mais 1% registros de ênclises, o que por fim, não houve registros de mesóclises no *corpus* analisado, embora um exemplo isolado apareça na introdução do livro, mas que não foi contabilizado por não ser uma construção realizada pela autora, e sim pertencente ao prefácio da obra citando um acontecimento histórico.

Com esse resultado geral foi possível comparar com os dados disponíveis nas cartas das missões jesuíticas para Japão e China, em que o uso de clíticos mostrou um padrão diferente. Com quase 77% de registros de próclises, seguido de 19,4% de orações enclíticas, 3,6% de sentenças interpoladas e uma presença mínima de mesóclises registrando 0,1% de mesóclises, essa comparação evidencia que apesar da ausência de mesóclises em *Desmundo*, esse dado não se deve a uma influência do português atual, pois a construção é considerada rara no período quinhentista.

Ao adentrar nas interpolações registradas nos dois *corpora*, em *Desmundo* é possível encontrar 73,5% de interpolações de negação, enquanto nas cartas jesuíticas as interpolações também possuem uma alta frequência, resultando em 91,8% das ocorrências. Já as interpolações de sujeito no romance de Miranda (1996), o fenômeno ocupa 17,6% das ocorrências, enquanto nas cartas quinhentistas aparecem com 3,4% de registros. Por fim, nas interpolações de outros elementos, como advérbios de tempo, modo, conjunções etc, *Desmundo* apresentou 8,8% das ocorrências enquanto as cartas dos missionários da Companhia de Jesus ocuparam 4,8% dos dados. Com isso, observamos que a romancista seguiu um padrão gramatical específico na utilização de interpolação, já que advérbio de negação aparece em maior número assim como nas cartas jesuíticas também, e esse padrão é consistente com os registros históricos do século XVI, XVII e XVIII, em que a interpolação de negação era predominante.

Contudo, analisar os quantitativo sem considerar os contextos de cada sentença é um método de análise arriscado, por isso, este capítulo também selecionou os contextos categóricos e os contextos variação presente nos dois *corpora*. Contexto categórico são os elementos obrigatórios para condicionar um fenômeno, já o contexto de variação é o que pode ser alternado da ordem *V-cl* para a ordem *cl-V* e *vice-versa*. Já que Ana Miranda tentou reproduzir a gramática quinhentista em seu texto, os contextos para classificação também foram os mesmos das cartas das missões jesuíticas, com isso, foram excluídos os contextos categóricos presentes nas sentenças, e então, das 1436 ocorrências de próclise, 964 foram desconsideradas por serem categóricas e mantidas apenas 474 sentenças consideradas

variáveis (resultando em 33%). No que se refere às ênclises, das 21 ocorrências, nove foram desconsideradas, resultando em 12 contexto variáveis (57%).

Em seguida, ao analisar as cartas jesuíticas do século XVI, das 3151 ocorrências de próclises, 1691 foram desconsideradas por serem contextos categóricos e manteve-se 1460 de contextos variáveis (46%). Já no que se refere às ênclises, das 796 ocorrências, 557 foram desconsideradas por serem de contexto obrigatório, e resultou em 239 contextos variáveis (30%). Portanto, ao comparar os dois *corpora*, em *Desmundo*, 57% das ênclises são variáveis, enquanto apenas 33% das próclises são variáveis; já nas cartas jesuíticas, 46% das próclises, enquanto 30% das ênclises são variáveis. Em conclusão, apesar de *Desmundo* ter uma predominância no registro de próclise (96%), a maioria é categórica, enquanto nas cartas jesuíticas, há um equilíbrio maior entre próclise e ênclise em contextos variáveis.

Além dos contextos de variação e contextos categóricos, este capítulo também analisou as possibilidades *versus* impossibilidades de interpolação no período PA e PM e analisou os contextos dentro de nossos dois *corpora* de análise. A interpolação no PA ocorre apenas em orações onde a próclise é categórica, enquanto a interpolação no PM podem ocorrer em contextos de variação entre próclise e ênclise, sendo influenciadas por elementos introdutórios como conjunções, preposições, entre outros elementos a depender do tipo de sentença.

Namiuti (2008) observou no *Corpus Tycho Brahe* que as conjunções “porque”, “pois”, “porém” e “que” poderiam introduzir sentenças interpoladas com o advérbio de negação, já Martins (1994) constatou que no PA essas conjunções não favoreciam a interpolação de negação. Contudo, *Desmundo* registra a interpolação conforme Namiuti (2008) também encontra no CTB, e também há esses mesmos elementos nas cartas das missões jesuíticas de 1548.

Por fim, no próximo capítulo, apresentaremos as considerações finais deste trabalho. Analisaremos as semelhanças e diferenças entre a linguagem usada por Ana Miranda em seu romance *Desmundo* e o *corpus* das cartas quinhentistas enviadas durante as grandes navegações para Japão e China. Utilizando tanto dados quantitativos quanto qualitativos sobre os clíticos e a organização das interpolações nos dois *corpora*, verificaremos como os dados de Ana Miranda se comparam aos registros dos membros da Companhia de Jesus e Namiuti (2008).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou descrever e comparar os clíticos encontrados em dois *corpora* de análise, sendo o livro *Desmundo*, escrito em 1996 pela romancista brasileira Ana Miranda, e também, as cartas produzidas no período da missão jesuítica para Japão e China nos anos de 1548 a 1561. Além disso, a partir dos dados encontrados em Martins (1994) e Namiuti (2008) também foi possível analisar se os dados interpolados presentes nos dois *corpora* se comportavam de uma maneira semelhante aos fenômenos dispostos no PM.

Com isso, este trabalho foi estruturado em quatro seções distintas, sendo o primeiro capítulo onde encontramos o referencial teórico, nessa divisão foi possível encontrar os conceitos principais da linguística gerativista, a periodização da língua portuguesa, a preferência de organização dos clíticos nos períodos PM, PE e PB, e a exposição da organização das interpolações. Além disso, foi possível apresentar os conceitos principais da língua para Chomsky e a Gramática Universal.

O segundo capítulo contextualizou e detalhou a metodologia empregada no trabalho, por isso apresentamos o enredo dos dois *corpora* de análise, destacamos a temática e a razão da escolha dos documentos selecionados para a pesquisa. Esclarecemos também nesta seção que o método de estudo, coleta, análises e quantificação dos dados seguiram as metodologias adotadas por Fiori (2021) e os contextos de reorganização dos dados para considerar os contextos de variação foram debruçados no trabalho de Lobo 2002.

No terceiro capítulo foram apresentados os resultados e discussões. Os elementos de *Desmundo* foram expostos e analisados juntamente com as sentenças com clíticos disponíveis nas cartas jesuíticas. Com isso, descrevemos as sentenças com clíticos categóricos e de variação, analisando as interpolações nos dois *corpora* e comparando com os dados de Namiuti (2008). Os clíticos, de maneira geral, quando comparados os números das cartas e os resultados de *Desmundo*, o primeiro se sobressai no quesito quantitativo.

Ao retirar os contextos categóricos e deixar disponível para análise apenas os contextos de variação, foi possível perceber que em Miranda (1996), as ênclises aparecem em pouco mais de 57% das orações. Já as próclises, ao remover os contextos obrigatórios, restam em cerca de 33% das sentenças variáveis. Contudo, nas cartas jesuíticas, ocorre o contrário: as ênclises aparecem principalmente em contextos categóricos, e ao eliminar as sentenças obrigatórias restam apenas 30% de ênclises variáveis. Ademais, as próclises nas cartas ficam em torno de 54% nos contextos categóricos, resultando em 46% de próclises variáveis, mostrando um equilíbrio significativo. Portanto, ao compararmos os dois *corpora*,

percebemos que os dois documentos preservam fenômenos diferentes: as cartas jesuíticas mantêm mais próclises variáveis, enquanto *Desmundo* preserva mais ênclises variáveis em termos percentuais, embora a ordem *V-cl* contenha um número extremamente reduzido no *corpus* de Miranda (1996).

Embora *Desmundo* não tenha registrado nenhuma mesóclise, ao levantar o quantitativo das cartas, o número também não foi significativo, e quando separados os clíticos realizados por autor, diminui mais ainda o aparecimento deste fenômeno. Portanto, alegar que a falta de mesóclise é um indicativo o qual anuncia que a L1 de Ana Miranda estava influenciando para desempenhar a escrita do PM em seu romance não é um argumento que pode ser atestado nesta pesquisa, visto que a ocorrência deste elemento já estava em baixa no período conforme revela nas cartas.

Ainda no capítulo 3, quando adentramos nas interpolações reproduzidas no texto de Ana Miranda, é possível perceber que Ana Miranda produziu interpolações que refletem a gramática do período quinhentista, e não a ordem disponível no PA, conforme está disponível em Martins (1994). Relembramos que no PA a interpolação ocupava lugares apenas às quais a próclise era categórica, enquanto no PM a interpolação poderia ocupar lugares em que há uma variação entre próclise e ênclise, ou seja, em que há contextos de variação.

O resultado disponível em Miranda (1996) se aproxima qualitativamente das interpolações registradas nas cartas das missões jesuíticas e também, em alguns elementos, dos resultados obtidos por Namiuti (2008) através do CTB, sendo compatíveis com a gramática produzida no PM. A ordem encontrada em *Desmundo* que mais se aproximou dos dados disponíveis no CTB foram as orações dependentes em que as interpolações de “não” foram introduzidas pelas conjunções como “que” e “porque”, que em 15 das 25 orações interpoladas com o advérbio de negação seguiram esse padrão de registro.

Já a interpolação generalizada, é pertinente lembrar que é mais observada no PA e é rara após o século XVI. Elementos como sujeitos, advérbios e quantificadores são menos frequentes em *Desmundo* e também nas cartas jesuíticas. Namiuti (2008) observa que a interpolação generalizada diminui significativamente após 1556. Em *Desmundo*, a interpolação de sujeito é mais comum do que a de outros elementos, enquanto nas cartas jesuíticas, advérbios e preposições são mais frequentes do que as interpolações de sujeito.

Em resumo, é possível concluir que os dados obtidos em *Desmundo* assemelham-se significativamente com os dados obtidos nas cartas, apesar do quantitativo geral se distanciar drasticamente, ao separar os contextos de variação e os contextos categóricos, o qualitativo das sentenças é possível encontrar dados muito semelhantes, principalmente no que se refere a

interpolação com o advérbio de negação, o qual também se aproxima dos dados de Namiuti (2008) com os dados disponíveis no CTB.

## REFERÊNCIAS

Amorim, Luis Carlos. **Desmundo**: uma nova língua? Literatura para Vestibular, Uol, 2007. Disponível em: Acesso em 15 de abril de 2021.

Assis, Adriana C. H. de. **O Palimpsesto Amoroso em Desmundo**: contos de fadas. SP: Fatea, 2007.

Biblioteca Nacional. **Escreverão dos Reynos de Japão & China aos da mesma Companhia de India, & Europa**. Primeiro tomo. 1548. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/or817889/or817889.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or817889/or817889.pdf). Acesso em: 05 abr. 2023.

Boscariol, Mariana Amabile. No que toca aos primeiros passos da missão japonesa: Gaspar Vilela e a língua enquanto elemento privilegiado dentro da metodologia de acomodação cultural. **Revista 7 mares**, Niterói, nº1, p. 67-79. out. 2012. Disponível em <https://www.historia.uff.br/7mares/wp-content/uploads/2018/11/v01n01a10.pdf>. Acesso em: 18/03/2024.

Carneiro, Z. O. N. **Verbos de padrão especial no português do século XVI**. In: Mattos e Silva, R. V.; Machado Filho, A. V. L. (Orgs.). O Português quinhentista: estudos linguísticos. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2002.

Carneiro, Z.; Galves, C. **Variação e Gramática**: colocação de clíticos na história do português brasileiro. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 7-38. 2010.

Chomsky, Noam. **Lectures on government and binding**. Dordrecht, The Netherlands: Foris Publications, 1981.

Chomsky, N; Lasnik, H. **The theory of Principles and Parameter**. In: JACOBS, J; WATECHOW, A; STERNEFELD, W & VENNEMANN, T (orgs). *Syntax: An International Handbook of contemporary Research*. Berlin: Walter de Gruyter, 1993.

Duarte, M. E.L. **A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro**. Tese de Doutorado – Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, 1995, 141p.

Faraco, Carlos Alberto, 1950 - **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas / Carlos Alberto Faraco. — São Paulo: Parábola Editorial, 2005. (Na ponta da língua; v. 12)

Fiori, Mayara Zavaliski. **Desmundo em uma perspectiva sintática: gramática quinhentista ou português brasileiro?**. Orientadora: Aline Peixoto Gravina. 2021. 28f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Português e Espanhol - Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó - SC. 2021.

Francisco Xavier: o aventureiro de Deus. Entrevista especial com o jornalista espanhol Pedro Miguel Lamet. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 18 ago 2016. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/175-noticias-2006/563104-francisco-xavier-o-aventureiro>

[iro-de-deus-entrevista-especial-com-o-jornalista-espanhol-pedro-miguel-lamet#:~:text=Nascido%20em%201506%2C%20Francisco%20Xavier,canonizado%20pelo%20Papa%20Urbano%20VIII. Acesso em: 18/03/2024.](#)

Galves, C. **A Sintaxe do Português Brasileiro**. In: Oliveira, Marco Antônio. & Nascimento, Milton. (orgs.). *Ensaio de Lingüística. Caderno de Lingüística e Teoria da Literatura*. Editora da UFMG – 1987.

Galves, Charlotte; Paixão de Sousa, Maria Clara; Namiuti, Cristiane. **Novas perspectivas para antigas questões**: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: Endruschat, A.; Kemmler, R.; Schafer-Prieß, B. (Org.) *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*. Tübingen: Calepinus Verlag. 2006.

Galves, C., Lobo, T. **Ordem dos clíticos**. In Lobo, T., and Oliveira, K., orgs. *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 174-207.

Galves, C. **Periodização e competição de gramáticas**: o caso do português médio. In Lobo, T., Carneiro, Z., Soledade, J., Almeida, A., and Ribeiro, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 65-74.

Gravina, Aline Peixoto. **A natureza do sujeito nulo na diacronia do PB**: estudos de um corpus mineiro (1845-1950). 2008. 132 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Campinas, SP: [s.n.], 2008.

Kroch, Anthony. **Sintaxe Change**. BALTIN, M. & COLLINS, C. (orgs.) *Handbook of syntax*. New York: Blackwell. 2001.

Lobo, Tânia Conceição Freire. **A Colocação dos Clíticos em Português**: Duas Sincronias em Confronto. 1992. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.

Lobo, T. **A sintaxe dos clíticos**: o século XVI, o século XX e a constituição da norma padrão. In: Mattos e Silva, R. V.; Machado Filho, A. V. L. (Orgs.). *O Português quinhentista: estudos linguísticos*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2002.

Mattos e Silva, R. V.; Machado Filho, A. V. L. (Orgs.). **O Português quinhentista**: estudos linguísticos. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS. 2002.

Mattos e Silva, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

Martins, Ana Maria. **Clíticos na história do português**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

Martins, Ana Maria. **A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia**. In: Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlin/Boston: De Gruyter, 401-430. 2016.

Miranda, Ana. **Desmundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Mesquita, Victor Vinícius Costa de. **Se adaptava a todos para os ganhar para Cristo: o processo de cristianização no Japão no século XVI e o método de "acomodação" da Companhia de Jesus.** Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

Namiuti Temponi, Cristiane. **Um estudo sobre o fenômeno da interpolação de constituintes na história do português.** Caderno de estudos linguísticos, Campinas, v.48. p.171-194. 2006.

Namiuti Temponi, Cristiane. **Aspectos da história gramatical do português: interpolação, negação e mudança.** Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

Paixão de Sousa, Maria Clara. **Língua Barroca: Sintaxe e História do Português nos anos 1600.** 2004. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

Paixão de Sousa, Maria Clara. **Padrões de Ordem Sujeito-Verbo do Português Médio ao Português Europeu Moderno.** Comunicação ao V Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita, Universidade Federal de Alagoas (UFA). Maceió, 22 de novembro de 2006.

Paixão de Sousa, Maria Clara. **Valências verbais no Português Clássico.** Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Linguística. 2008. Disponível em: <https://www.academia.edu/7840907> (*relatório de pesquisa*). Acesso em: 12 set. 2021.

Perini, Mário A. **Gramática do português brasileiro,** São Paulo, Parábola Editorial, 2010.

Pottker, Gisele. **Ex Libris Resgatando marcas bibliográficas no Brasil.** Monografia (Graduação em Curso de Design – Habilitação Design Gráfico) - Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.